



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
Centro de Educação e Humanidades
Instituto de Letras

Camilla Canella Moraes Luzorio

**Gramaticalização e Preposições Complexas do Português:
um estudo baseado em corpus**

Rio de Janeiro
2008

Camilla Canella Moraes Luzorio

Gramaticalização e Preposições Complexas do Português:
um estudo baseado em corpus

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de mestre, ao Programa de Pós-graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: Linguística.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Tânia Maria Granja Shepherd

Rio de Janeiro
2008

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CEHB

L979 Luzorio, Camilla Canella Moraes.
Gramaticalização e preposições complexas do português: um estudo baseado em corpus / Camilla Canella Moraes Luzorio . – 2008. 117 f.

Orientadora: Tânia Maria Granja Shepherd.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Gramática comparada e geral – Preposições – Teses. 2. Gramática comparada e geral – Gramaticalização – Teses. 3. Gramática comparada e geral – Sintaxe – Teses. 4. Linguística – Teses. I. Shepherd, Tânia Maria Granja. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 801.561.403

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação

Assinatura

Data

Camilla Canella Moraes Luzorio

Gramaticalização e Preposições Complexas do Português:
um estudo baseado em corpus

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de mestre, ao Programa de Pós-graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: Linguística.

Aprovado em 31 de março de 2008.

Banca Examinadora:

Prof^a Dr^a Tânia Maria Granja Shepherd (Orientadora)
Instituto de Letras da UERJ

Prof^a Dr^a Sandra Pereira Bernardo
Instituto de Letras da UERJ

Prof^a Dr^a Maria Maura da Conceição Cezario
Faculdade de Letras da UFRJ

Rio de Janeiro
2008

AGRADECIMENTOS

À Deus, por sempre estar ao meu lado e por ter me dado essa vontade infinita de aprender.

Ao meu marido Carlos José, por não ter reclamado quando fiquei acordada durante a madrugada, quando não arrumei a casa porque tinha de estudar, quando não cozinhei...

À minha orientadora Tânia Shepherd, pelo bom humor, pela paciência, pelo incentivo, pelos sanduíches, tortas de camarão...

À minha professora Sandra Bernardo, que me acompanha e apóia desde a graduação, pela grande contribuição à minha vida acadêmica.

Aos meus familiares que sempre me apoiaram independente das escolhas que eu tenha feito.

Linguists agree on one thing - that language is diabolically hard to study. They do not always agree, however, on the how's, the why's, and the what for's.

FAUCONNIER

RESUMO

LUZORIO, Camilla Canela Moraes. *Gramaticalização e preposições complexas do português: um estudo baseado em corpus*. 2008. 117 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

Este trabalho apresenta um estudo que aplica a teoria de gramaticalização a um corpus eletrônico diacrônico a fim de dar conta das mudanças ocorridas em estruturas da língua portuguesa normalmente denominadas ‘Preposições Complexas’. O estudo teve como objetivos: 1) investigar as preposições complexas em face de, em face a, face a, em vista de, em frente de, em frente a e frente a com vistas a compreender seu funcionamento em termos sintáticos e semânticos a fim de verificar se elas estão se gramaticalizando; 2) examinar textos de períodos históricos diferentes de modo que se compreenda a possível trajetória empreendida por tais formas entre os séculos XIV e XX; 3) averiguar se os itens frente a e face a podem ser considerados reduções das formas em frente a e em face a, respectivamente. A teoria da gramaticalização forneceu um arcabouço teórico para explicar os fenômenos de mudança que afetam os itens lingüísticos. O processo de gramaticalização consiste na passagem de uma construção de um status lexical para um status gramatical ou de um status menos gramatical para um mais gramatical. Um dos fatores desencadeantes desse processo é a frequência de uso que leva o item a ser mais previsível e estável. A Lingüística de Corpus entra nesta pesquisa fornecendo a metodologia de compilação, extração e observação dos dados, pois à semelhança dos estudos de Hoffman (2005) foi realizada uma investigação baseada em corpora eletrônicos. O corpus base foi o Corpus do Português, composto por textos em língua portuguesa escritos a partir do século XIV até o século XX, disponível online em <http://www.corpusdoportugues.org/>. Verificou-se que as preposições complexas analisadas ascenderam a escala de gramaticalidade, pois se expandiram suas possibilidades de uso através do desenvolvimento de polissemias de semântica abstrata. Constatou-se, ainda, que, em muitos sentidos, elas coexistem como camadas, mas que pode haver uma tendência que conduzirá a escolha de uma forma para expressar cada sentido evidenciado.

Palavras-chave: Gramaticalização, preposição complexa, Lingüística de Corpus.

ABSTRACT

The present dissertation introduces a study which applies the theory of Grammaticalization to a digital diachronic corpus, with a view to mapping some of the changes which have taken place in certain structures of Portuguese, the so-called 'prepositional phrases'. The objectives of the research were threefold. First, the study aimed at investigating the complex prepositions em face de, em face a, face a, em vista de, em frente de, em frente a e frente a, in order to understand their syntactic and semantic development and, in turn, to evaluate whether they are undergoing a process of grammaticalization. Secondly, the study sought to examine texts from a variety of historical periods, so as to map a possible trajectory taken by the aforementioned forms between the 14th and the 20th centuries. Thirdly, the study intended to verify whether the items frente a e face a may be considered reductions of em frente a and em face a, respectively. The theoretical framework for the study has been taken from Grammaticalization, a theory which explains phenomena which affect linguistic items. The process of grammaticalization may consist in one item, lexical or grammatical, becoming more grammatical. The triggering factor in this case is said to be the frequency of use. Corpus Linguistics has provided a methodology for the compilation, extraction and treatment of the textual data in this dissertation. Similarly to Hoffman (2005) the investigation here was based on electronic corpora. The study corpus was the Corpus do Português, which consists of texts in Portuguese, written between the 14th and the 20th century, available at <http://www.corpusdoportugues.org/>. The study suggests that the complex prepositions analysed have become increasingly grammaticalised, because they have acquired additional abstract meanings. It has also been observed that, in many ways, these abstract meanings coexist as layers. However, there seems to be a tendency for one form to become the preferred way of expressing each of these new meanings.

Keywords: Grammaticalization, complex prepositions, Corpus Linguistics

LISTRA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 5.1 Coexistência de Usos de Em face de.....	68
Gráfico 5.2 Evolução de Em face de entre os séculos XIX e XX	70
Gráfico 5.3 Convívio entre Polissemias Abstratas de Em face de	71
Gráfico 5.4 Coexistência de Nuances Semânticas de Em vista de entre os séculos XV e XX.....	76
Gráfico 5.5 Evolução de Em vista de entre os séculos XV e XX.....	77
Gráfico 5.6 Frequência de Em vista de entre os séculos XV e XX.....	79
Gráfico 5.7 Coexistência de Polissemias de Em vista de.....	80
Gráfico 5.8 Evolução de Em frente de entre os séculos XVI e XX.....	81
Gráfico 5.9 Evolução do Uso espacial entre os séculos XIX e XX.....	88
Gráfico 6.1 Frequência de Em vista de entre os séculos XV e XX.....	94
Gráfico 6.2 Coexistência de Polissemias de Em vista de.....	95
Gráfico 6.3 Evolução de Em frente de entre os séculos XVI e XX.....	96
Gráfico 6.4 Evolução do Uso espacial entre os séculos XIX e XX.....	97
Tabela 2.1 Itens mais freqüentes do Banco do Português	32
Tabela 4.1 Total de Palavras do Corpus do Português.....	61
Tabela 5.1 Classificação semântica de Em frente de	66
Tabela 5.2 Classificação semântica de Em vista de	74
Tabela 5.3 Classificação semântica de Em frente a.....	82
Tabela 5.4 Classificação semântica de Frente a	84

SUMÁRIO

Lista de Ilustrações	12
1 INTRODUÇÃO	13
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	18
2.1 Funcionalismo	18
2.2 Gramaticalização	22
2.2.1 <u>Os Primeiros Estudos</u>	22
2.2.2 <u>As definições: seus contrastes e semelhanças</u>	23
2.2.3 <u>O processo de gramaticalização</u>	25
2.2.4 <u>Princípios e Mecanismos de Gramaticalização</u>	29
2.2.4.1 Mecanismos de Gramaticalização	29
2.2.4.2 Princípios de Gramaticalização	33
3 AS PREPOSIÇÕES COMPLEXAS.....	36
3.1 As Preposições e as Preposições Complexas em Gramáticas Tradicionais.....	37
3.2 As Preposições e as Preposições Complexas em Gramáticas não-tradicionais	38
3.3 Estudos Funcionalistas sobre as Preposições e Preposições Complexas	40
3.3.1 <u>Estudos sobre o Português Brasileiro</u>	40
3.3.1.1 A Gramaticalização de Desde	40
3.3.1.2 A Gramaticalização de Até	41
3.3.1.3 Reflexões sobre Locuções Prepositivas.....	42

3.3.2	Estudos sobre a Língua Inglesa: a interface com a Lingüística de Corpus	43
3.4	O lugar das Preposições Complexas na Gramática Funcional Hallydeiana	49
3.4.1	<u>O sistema de transitividade</u>	50
4	METODOLOGIA	53
4.1	A interface entre gramaticalização e Lingüística de Corpus	53
4.2	A Perspectiva baseada em corpus: A Lingüística de Corpus	56
4.2.1	<u>Lingüística de Corpus: um breve histórico</u>	56
4.2.2	<u>A Lingüística de Corpus como Teoria da Linguagem</u>	57
4.2.3	<u>O conceito de Corpus para a Lingüística de Corpus</u>	59
4.3	O corpus de Análise	61
4.4	Ferramentas para Coleta de Dados	62
4.5	Procedimentos de Análise	63
5	ANÁLISE DOS DADOS	65
5.1	Face	65
5.1.1	<u>Em face de</u>	65
5.1.2	<u>Em face a</u>	72
5.1.3	<u>Face a</u>	73
5.2	Em vista de	74
5.3	Frente	80
5.3.1	<u>Em frente de</u>	80
5.3.2	<u>Em frente a</u>	82
5.3.3	<u>Frente a</u>	84
5.4	Conclusões sobre as Preposições Complexas	87

6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
6.1	Resumo dos Resultados	89
6.2	Delimitação e Sugestões para novos estudos	99
7	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	101
	ANEXOS	106

Introdução

Ao analisarem-se mais detidamente as descrições contidas em gramáticas tradicionais¹ da Língua Portuguesa (BECHARA, 2004, CUNHA, 1985), nota-se que, em muitos casos, elas não são capazes de explicar o real funcionamento da língua. A partir daí surge a necessidade de estudar os fatos lingüísticos, priorizando-se o uso.

Pode-se citar como exemplo das lacunas encontradas na abordagem tradicional, a postulação das classes gramaticais que, via de regra, é feita através de critérios heterogêneos. Para algumas classes privilegia-se o aspecto semântico, para outras o aspecto morfológico e para outras ainda, o sintático. Dentro desta visão, os substantivos são por vezes descritos como as palavras que designam os seres em geral, enquanto que os verbos são palavras que se flexionam nas categorias de tempo, modo, número e pessoa.

Esse problema na escolha dos critérios de caracterização e de estudo já foi apontado por Margarida Basílio (2003, p. 64): um item lexical é um complexo de propriedades morfológicas sintáticas e semânticas. Assim, sua pertinência a classes deve ser estabelecida em termos morfológicos, sintáticos e semânticos.

Estendendo a discussão, vê-se que, segundo as gramáticas tradicionais, os adjetivos são erroneamente descritos como palavras que expressam qualidade. Contudo, nem todos os adjetivos expressam qualidade. Em *ventilador velho*, *água quente* e *livro usado*, a função dos adjetivos não é expressar qualidade, mas sim determinar/modificar a forma que o antecede (CÂMARA JR. 2004, p. 79).

Para complicar ainda mais a situação relativa à adjetivação em particular e à confusão de critérios em geral, nem todas as palavras que expressam qualidade funcionam como adjetivos. Por exemplo, em “Só que o pessoal aplaudiu e agora ele está se achando o “bonitão”², a forma *bonitão* pode ser vista como uma qualidade, mas não está funcionando como adjetivo.

Por último, de acordo com o paradigma das conjugações verbais, os verbos se flexionam para concordar com três pessoas do singular e três do plural. Todavia, o uso da

¹ Neste trabalho, usar-se-á a expressão gramática tradicional para nos referirmos a Gramáticas Normativas.

² Todos os exemplos apresentados nesta dissertação foram extraídos do Corpus do Português, acessável em <http://www.corpusdoportugues.org.br>.

língua já reflete mudanças na estrutura pronominal e nas variações flexionais sofridas pelos verbos. Em trabalho publicado em 1994, Monteiro, por exemplo, diz que “a segunda pessoa do plural já desapareceu praticamente e as desinências número - pessoais estão sofrendo um processo de neutralização, com a introdução de outras formas pronominais como você(s) e a gente” (MONTEIRO, 2002, p. 109).

Os exemplos acima citados sugerem a necessidade de as classificações apresentadas pelas gramáticas tradicionais sofrerem uma reavaliação.

Em função da necessidade de estudos que possam vir a contribuir para uma descrição gramatical capaz de compreender a língua em uso, propõe-se, neste trabalho, discutir um dos muitos tópicos relativos ao uso da língua portuguesa ainda não descritos nas gramáticas tradicionais: o papel das Preposições complexas³ da língua portuguesa, cujo núcleo nominal contém os itens *face*, *vista* e *frente*, ou seja, em face de, em face a, face a, em vista de, em frente de, em frente a e frente a.

A proposta de análise teve sua origem em três constatações. A primeira deve-se à observação de que os revisores de editoras são orientados a corrigir o emprego de frente a para em frente a e face a para em face a. Isto causa estranhamento, posto que o emprego desses itens pode ser observado em textos publicados de diversas áreas. Em relação à frente a, Luft (1992: 243) afirma que é uma abreviação de em frente a, “usual hoje, tanto no Brasil como em Portugal”, citando, entre outros, os seguintes exemplos: a) “Uma população intimidada frente a uma ditadura que se instalou no poder”; b) “As antielites (...) mais autônomas frente às velhas classes dominantes” e c) “Basquete feminino / Frente às soviéticas, uma vaga começa a ser decidida”.

Outra motivação que influenciou a escolha do tema é que se pôde perceber, a partir de uma investigação preliminar, a ocorrência desses itens em textos acadêmicos, o que sugere a aceitação dessa forma, apesar de ela não constar das gramáticas tradicionais.

A motivação para a investigação do tema surgiu, ainda, pelo interesse por estudos em que se possa revisitar as definições encontradas nas gramáticas tradicionais da língua portuguesa, buscando colaborar para uma descrição mais adequada dos fatos lingüísticos.

³ Seguindo a classificação de Hoffman (2005), usar-se-á o termo ‘preposições complexas’ para referir-se ao conjunto de palavras que tradicionalmente se chama locuções prepositivas, pois, concorda-se com a proposta de Hoffman (op. cit) que postula que as tradicionais ‘locuções prepositivas’ são unidades indivisíveis que não podem ser decompostas em unidades menores.

É importante mencionar que, em geral, conjuntos como frente a e face a não são citados nas listas de Preposições complexas encontradas nas gramáticas tradicionais, conforme se observa nos anexos 1 e 2 em que estão as listas de ‘locuções prepositivas’ propostas por Bechara (2004) e Cunha e Cintra (1985) propostas. No entanto, ao serem contados o número de vezes que frente a aparece, por exemplo, no ano de 1994, em toda a Folha de São Paulo, constatou-se um total de 847 ocorrências, dispersas em vários cadernos, número esse que não pode ser ignorado.

O fato de o uso de essas formas ser facilmente evidenciado em textos de língua portuguesa é mais uma razão para se realizar um estudo sobre as Preposições complexas em geral e, no caso da presente dissertação, sobre em face de, em face a, face a, em vista de, em frente de, em frente a e frente a.

Portanto, tendo como base a Teoria da Gramaticalização a ser discutida no capítulo 2 desta dissertação, e considerando que deve ter havido uma mudança tanto na forma quanto nos contextos (ou entorno) das preposições complexas compostas por frente, face e vista, são feitas as seguintes perguntas de pesquisa:

1. Quais relações sintáticas e semânticas as preposições complexas em investigação estabelecem com seus contextos antecedentes e subseqüentes nos diferentes séculos a serem investigados?
2. Caso sejam evidenciadas mudanças nas relações estabelecidas pelas preposições complexas em investigação, identificar a trajetória de mudança empreendida por elas.
3. Tendo em vista que as formas frente a e face a ocorrem e que se parecem com as formas em frente a e em face a, poderiam ser consideradas produto de economia lingüística ou formas diferentes por exercerem funções distintas?

Tendo como partida a Teoria da Gramaticalização, discutida no próximo capítulo, aventaram-se as seguintes hipóteses que orientarão o processo de estudo a ser desenvolvido.

- ❖ Como o princípio da iconicidade propõe que formas diferentes costumam expressar sentidos diferentes, espera-se que as formas estudadas expressem sentidos variados de acordo com os diferentes contextos morfossintáticos em que ocorrem.
- ❖ Acredita-se que o valor indicativo de espaço, inerente às palavras frente, vista e face, será enfraquecido em decorrência da freqüência de uso e de extensões metafóricas estabelecidas pelos falantes, com isso novos valores mais abstratos surgirão.
- ❖ Espera-se que, ao longo dos séculos investigados, haja um movimento gradual em direção a um nível maior de gramaticalização.
- ❖ Acredita-se, por fim, que os elementos circundantes às Preposições complexas em frente a, em face a, frente a e face a terão semânticas distintas.

A abordagem funcionalista foi escolhida como referencial teórico deste estudo, pois essa concebe a língua como algo dinâmico, portanto sujeito a variações e mudanças ditadas pelo uso. Essa concepção é de extrema importância para a presente pesquisa, uma vez que os fenômenos que aqui serão estudados são resultado desse caráter evolutivo da língua.

Para a teoria funcionalista, são as pressões oriundas das diferentes situações comunicativas que ajudam a determinar a estrutura gramatical da língua (MARTELOTTA & AREAS, 2003: 20). Portanto, a língua está em constante mudança, já que a criatividade dos falantes na formação de novas palavras, de novos arranjos na ordenação vocabular e na atribuição de novos sentidos a palavras já existentes é grande.

Uma simples comparação entre diferentes momentos históricos da língua portuguesa nos permite verificar mudanças em sua estrutura. Por exemplo, o inventário de palavras se modificou, algumas palavras ganharam novos sentidos, para outras o uso se restringiu. Contudo, a mudança não atinge só o léxico, mas afeta toda a constituição da língua.

Propõe-se, nesta dissertação, realizar um estudo que una a Teoria da

Gramaticalização com a Lingüística de Corpus, pois se acredita que, em conformidade com a proposta de Mair (2004), observar os processos de gramaticalização com base em corpus proporciona os seguintes benefícios: torna-se possível estudar os diversos momentos do processo de gramaticalização; a análise de corpus permite a combinação entre uma análise qualitativa e uma análise quantitativa; a sistematização dos corpora elaborados pelos lingüistas de corpus e a metodologia por eles desenvolvida possibilita a análise de fatores que anteriormente eram ignorados pelos estudiosos de gramaticalização, como, por exemplo, a comparação entre a velocidade de mudança em diferentes gêneros textuais (LINDQUIST, MAIR, 2004).

Este trabalho está dividido em: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS, em que se apresentará a teoria que servirá de base para a análise do fenômeno em questão, far-se-á uma breve revisão de como as preposições complexas são abordadas em gramáticas tradicionais, não-tradicionais, e, por fim, abordar-se-á sucintamente alguns estudos funcionalistas sobre as preposições e preposições complexas; METODOLOGIA, que compreende a exposição da motivação para a escolha das duas perspectivas de análise da gramaticalização: a léxico-gramatical e a baseada em Corpus, e a apresentação do construto teórico e metodológico da Lingüística de Corpus; ANÁLISE DOS DADOS, que contém os resultados encontrados sobre o fenômeno investigado. E, por fim, as CONSIDERAÇÕES FINAIS, em que se apresenta a conclusão do que analisamos neste trabalho.

A seguir apresentar-se-á as bases teóricas da Teoria Funcionalista, em especial, da Gramaticalização.

Capítulo 2

Pressupostos Teóricos

Este capítulo traz o universo teórico em que esta pesquisa está incluída e se divide em duas partes, a primeira referente ao Funcionalismo e a segunda referente à Gramaticalização.

A primeira parte será centrada na apresentação do construto teórico da Lingüística Funcional, buscando, primeiramente, caracterizar o tipo de funcionalismo a que esta pesquisa está vinculada, e, em seguida, expor, de forma sucinta, os conceitos que embasam essa teoria.

Na segunda parte, discutir-se-á a Gramaticalização. Essa seção será dividida em quatro subseções: na primeira subseção, faz-se um histórico dos estudos de Gramaticalização; na segunda subseção, discutem-se algumas definições propostas para esse fenômeno; na terceira subseção, aborda-se o processo de gramaticalização em si e finalmente na quarta seção, são enfocados os mecanismos e princípios que geram a gramaticalização.

2.1 O Funcionalismo

Há diferentes teorias para explicar os fenômenos lingüísticos. Essas teorias se diferenciam a partir da concepção de língua que norteia seus referenciais teóricos. A teoria funcionalista concebe a língua como uma estrutura flexível que serve, essencialmente, para a interação.

Sob o rótulo ‘lingüística funcional’ muitas teorias estão abrigadas. Essas, apesar de estarem ligadas por entenderem que a análise lingüística deve levar em conta a interação social, se aplicam ao estudo de fenômenos diferentes, com referenciais teóricos diferentes. Bechara (1991 apud NEVES, 1997, p.55) aponta que “esse nome vem servindo para rotular

várias modalidades de descrição lingüística e de aplicação pedagógica no estudo e ensino de línguas”.

Em Nicholls (1984 apud NEVES, 1997, p. 55), encontra-se uma tentativa de ordenar essas teorias funcionalistas. A autora propõe a classificação do funcionalismo em conservador, moderado e extremado. Para ele, o funcionalismo conservador é aquele que se restringe a apontar as falhas da teoria gerativa e/ou estruturalista. O funcionalismo moderado, além de apontar essas falhas, propõe uma análise funcionalista da estrutura da língua. Por fim, o funcionalismo extremado nega a existência da estrutura, considerando que as regras da gramática são estritamente funcionais.

Van Valin (1990 apud NEVES, 2004, p.56) usa essa classificação para distinguir entre as abordagens de Halliday e Dik que são consideradas por ele como moderadas, a de Susumo Kuno (1987), que seria conservadora e a de Givón (1979) e outros lingüistas americanos, que seria definida como extremista⁴.

O modelo funcionalista sob o qual os estudos de Gramaticalização foram desenvolvidos foi desenvolvido por lingüistas como Paul Hopper e Talmy Givón. Essa abordagem foi chamada de lingüística tipológica – funcional, pois pesquisa a diversidade das formas que podem realizar o mesmo tipo de função buscando encontrar padrões entre as línguas (cf. GIVÓN, 1995).

Segundo a abordagem funcional, a língua é um instrumento de interação social. Entende-se que a língua não tem um fim em si mesma, mas existe em função da comunicação. Sendo assim, ela deve ser considerada como um instrumento que permite que o usuário interaja com seus interlocutores.

Em vista disso, o conhecimento das regras e elementos da língua não é suficiente para que o falante use a língua de uma maneira interacionalmente satisfatória. Nesse sentido, Neves (1997, p.15) afirma que “a gramática funcional tem sempre em consideração as expressões lingüísticas na interação verbal”.

A linguagem é concebida como funcional porque os elementos que compõem o sistema lingüístico não podem ser separados das funções que eles exercem. Estabelece-se,

⁴ Neves (1997, p. 56) explica que o funcionalismo proposto por Givón (1979) deve ser considerado como extremista, pois nega a existência da estrutura e reduz a gramática ao discurso. Diferentemente, nas obras de 1984, 1990 e 1993, Givón procede a uma investigação de base funcionalista, acentuando a natureza abstrata e formal da estrutura sintática, por isso elas podem ser consideradas moderadas.

assim, que as formas lingüísticas não estão presentes no discurso sem uma função previamente determinada pelos objetivos do falante. Elas são ‘ferramentas’ que recebem sua forma em face da função que desempenham na interação verbal.

Essa relação entre forma e função é denominada iconicidade, que, nas palavras de Cunha, Costa e Cezario (2003, p. 29), é definida como “a correlação natural entre forma e função, entre o código lingüístico (expressão) e o seu designatum (conteúdo)”. A iconicidade, por sua vez, tem três subprincípios, ou seja, subprincípio da quantidade, subprincípio da integração e subprincípio da ordenação linear.

O subprincípio da quantidade prevê que quanto maior a quantidade de informação, maior é a quantidade de material fônico a ser usado; e quanto menor a quantidade de informação, menor a quantidade de material fônico. O subprincípio da integração estabelece que quanto mais integrado o enunciado cognitivamente, mais integrado será sintaticamente (o contrário também se verifica). Por último, segundo o subprincípio da ordenação linear, os elementos apresentam-se ordenados conforme a sua importância cognitiva, ou seja, o falante seleciona o que deverá ocupar o lugar de tópico, ordenando as partes dos enunciados de acordo com sua importância; ou apresentando os enunciados na ordem de acontecimento no mundo.

Considerando, ainda, a relação entre forma e função, alguns funcionalistas, como, por exemplo, Halliday (1985) propõem que se exercem três funções por meio da língua: função ideacional, função textual e função interpessoal. A função ideacional revela-se através da expressão da experiência do falante em relação ao mundo. A função textual refere-se aos aspectos relacionados à construção do texto. A função interpessoal refere-se à interação entre o usuário e seu ouvinte, e suas preocupações em expressar sua experiência da forma como ele a vê, a sente.

Para Halliday (1985), as funções ideacional e interpessoal são os dois propósitos mais gerais que fundamentam todos os usos da linguagem, pois pressupõem entender o ambiente (ideacional) e influir sobre os outros (interpessoal).

Observa-se que não interessa a maioria das análises de base funcionalista que os fatos da língua sejam estudados independentemente do contexto discursivo em que ocorrem, pois é nele que se encontram motivações que explicam a estrutura que esses fatos apresentam. Acredita-se, pois que a situação comunicativa molda a estrutura que o falante

usará de maneira que a língua passa a ser descrita através das regularidades oriundas do ato comunicativo. Por essa razão, a Teoria da Gramaticalização postula que as inferências feitas a partir dos contextos de uso se tornam parte das polissemias da forma em mudança.

Compreende-se, a partir do exposto, que “a língua é uma estrutura maleável, sujeita a pressões oriundas das diferentes situações comunicativas que ajudam a determinar sua estrutura gramatical” (MARTELOTTA, AREAS, 2003, p. 20). Contudo, não são somente fatores pragmáticos que influenciam a estrutura da língua, mas também fatores de ordem cognitiva e sócio-cultural.

Em termos cognitivos, a teoria funcionalista busca explicações para os processos de produção e de compreensão da linguagem. Procura verificar como se dá a representação mental das estruturas gramaticais que organizam o discurso em uma situação comunicativa, durante a qual, segundo Givón (1990, p. 893-4), não há uma interação direta entre gramática e texto, pois esses se originam na mente. Na perspectiva do falante, a gramática é desdobrada pela mente durante a fala, que é interpretada pelo ouvinte após o desencadeamento, na mente deste, de operações específicas pelos mecanismos gramaticais de codificação que envolvem ativação de atenção e de busca na memória.

Em relação aos fatores sócio-culturais, compreende-se que o item lingüístico é produto de tendências históricas que refletem padrões e necessidades de uma sociedade. De acordo com Lopes (2001), seguindo uma posição hallidayana, o contexto de cultura pode ser entendido como o pano de fundo onde a interação está inserida, disponibilizando um potencial de realização de significados (potencial semiótico). Considerar o contexto de cultura envolve observar como a língua é estruturada para o uso, procurando descrever como o propósito geral da interação nos leva a organizar um texto em estágios, procurando alcançar objetivos previstos em nossa cultura (LOPES, 2001).

Para o funcionalismo, é a inter-relação de todos esses fatores que faz a língua estar em constante mudança. A criatividade dos falantes na invenção de novas palavras e de novos arranjos na ordenação vocabular é grande. Há uma transformação dos padrões culturais ao longo dos séculos, e, por conseguinte, a estrutura das situações comunicativas se adapta a esses novos padrões culturais. Somam-se a isso as influências cognitivas.

Segundo Dik (1989), há na organização gramatical das línguas dois sistemas de regras: as regras que governam a constituição das expressões lingüísticas (regras

semânticas, sintáticas, morfológicas e fonológicas) e as regras que governam os padrões de interação verbal nos quais essas expressões linguísticas são usadas (regras pragmáticas), sendo esses dois níveis de análise interdependentes, porque o contexto discursivo determina a estrutura gramatical da língua. A perspectiva funcional recusa-se a reconhecer que haja limites definidos entre sintaxe, semântica e pragmática, que deveriam ser, ao contrário, considerados como domínios interdependentes.

A propósito, Givón (1984) afirma que a língua é internamente estruturada como um organismo dentro do qual subsistemas se hierarquizam. Da mesma forma, o funcionalismo sistêmico acredita que não há divisões entre o léxico e a gramática e que a língua é um sistema de escolhas (Halliday, 1985).

O componente gramatical das línguas nasce espontaneamente de materiais lexicais pré-existentes enquanto a língua é usada. Isto quer dizer que a gramática não possui uma forma estática durante a interação, ela é negociada. Há padrões recorrentes encontrados, mas não estruturas definitivas (Hopper, 1987).

Para explicar esses processos de mudança empreendidos pelas formas, o funcionalismo propõe conceitos como os de *Gramaticalização* e *Lexicalização*. Cunha, Costa e Cezario (2003, p. 50) afirmam que esses processos manifestam o aspecto não-estático da gramática, demonstrando que as línguas estão em constante mudança.

Na próxima sub-seção, questões relativas à Teoria da Gramaticalização serão abordadas detalhadamente.

2.2. Gramaticalização

A mudança linguística acontece através do uso da linguagem, sendo que é o uso que gera mudança e não a gramática. Atuam a favor dessas mudanças alguns processos disponibilizados pelo sistema linguístico: a fonologização, a morfologização, a sintatização, e a gramaticalização, segundo Castilho (2004, p. 982) ou somente a lexicalização e a gramaticalização, segundo Brinton e Traugott (2005).

Esta seção restringe-se a apresentar o arcabouço teórico da Teoria da Gramaticalização, que dá sustento à pesquisa desenvolvida. Será feito um apanhado sucinto da gênese dos estudos para depois discutir o fenômeno propriamente dito.

2.2.1 Os Primeiros Estudos

Segundo Heine *et alli* (1991), os primeiros estudos sobre o fenômeno da gramaticalização aconteceram há muitos séculos atrás. Eles afirmam que escritores chineses, no século X, já distinguiam entre símbolos lingüísticos ‘cheios’ e ‘vazios’ e alegavam que todos os símbolos vazios teriam sido primeiramente símbolos cheios, o que equivale a dizer que o item lexical teria dado origem a um item gramatical, respectivamente.

Ainda segundo Heine *et alli* (1991), estudos posteriores acerca dos processos da gramaticalização, já no século XVII, foram realizados na França com Condillac e Rousseau e na Inglaterra com Tooke. No século XIX, foram desenvolvidas pesquisas na Alemanha por Bopp, Schlegel, Humboldt, Gabelenz e nos Estados Unidos por Whitney.

Hopper e Traugott (1993) afirmam que o termo ‘gramaticalização’, propriamente dito, só surgiu com os trabalhos de Antoine Meillet, que o definiu como a atribuição de um caráter gramatical a uma palavra autônoma. Para ele, nos estudos de gramaticalização, o que realmente importa não são as origens, mas a transformação das formas.

Ainda de acordo com Hopper e Traugott (1993), para Meillet, o processo de gramaticalização é de extrema importância, pois cria novas formas e introduz categorias que não tinham expressão lingüística, mudando todo sistema.

2.2.2 As definições: seus contrastes e semelhanças

Há inúmeras definições e conceituações para o termo gramaticalização. Essas definições vão desde “o trânsito de uma forma livre, menos gramatical, para uma forma ligada, mais gramatical” (CASTILHO, 2004, p. 982); “a passagem gradual de um morfema de uma categoria lexical para uma categoria gramatical, ou de um “status” menos

gramatical para um plano mais gramatical” (KURYLOWICZ, 1965/1975, p. 22)⁵; “um processo unidirecional segundo o qual itens lexicais e construções sintáticas, em determinados contextos, passam a assumir funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais” (MARTELOTTA; VOTRE; CEZARIO, 1996, p. 45).

Além das definições acima, há a de Hopper e Traugott (2003), que entendem a gramaticalização como o processo através do qual itens lexicais e construções passam em certos contextos a servir funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais. Há também a de Brinton e Traugott (2005) que entendem a gramaticalização como a mudança através da qual em certos contextos lingüísticos os falantes usam partes de uma construção com uma função gramatical. O mesmo item gramatical, ao longo do tempo, pode se tornar mais gramatical adquirindo mais funções gramaticais e expandindo os tipos de classes com as quais se relaciona sintaticamente. Neste estudo, seguem-se as definições de Hopper e Traugott e Brinton e Traugott mencionadas acima por serem mais abrangentes.

Pode-se observar que a essência das definições propostas por Hopper e Traugott e Brinton e Traugott é semelhante: há um processo que atua sobre elementos lingüísticos, fazendo-os assumir um caráter gramatical e /ou crescer em gramaticalidade. Entende-se assim que, entre as categorias lexicais e gramaticais, há um contínuo, não uma separação, havendo graus de gramaticalidade que as construções possuem em diferentes níveis. Além disso, ambas as definições afirmam que as formas não mudam abruptamente de uma categoria para outra, mas são submetidas a mudanças gradativas.

Essa gradação pode ser evidenciada quando se comparam períodos históricos diferentes, porque há a ampliação do caráter gramatical ou lexical da forma em mudança e quando se compara formas coexistentes, pois entre elas varia o nível de gramaticalidade/lexicalidade.

Há entre as definições propostas por esses quatro teóricos, entretanto, um desencontro a respeito de que unidades lingüísticas estão expostas a esse processo. Ao

⁵Todas as traduções, neste trabalho, são de minha inteira responsabilidade.

Tradução livre para “the increase of the range of a morpheme advancing from a lexical to a grammatical or from a less grammatical to more grammatical status”(KURYLOWICZ, 1965/1975, p. 22).

passo que na proposta de Hopper e Traugott consideram-se os itens lexicais e as construções, na de Brinton e Traugott consideram-se as partes de uma construção.

Sobre esta discrepância, é importante mencionar que há posicionamentos diferentes das definições propostas por Hopper e Traugott e Brinton e Traugott. Por exemplo, Lehman (1992) e Bybee, Perkins e Pagliuca (1994) consideram que a gramaticalização afeta toda a construção formada pelas relações sintagmáticas dos elementos que se gramaticalizam.

Os itens lexicais carregam em si um significado com referência extralingüística, de forma que descrevem coisas, ações e qualidades. Por sua vez, os itens gramaticais recebem valor pelo papel que exercem dentro da língua, como, por exemplo, as preposições servem para relacionar elementos entre si e as conjunções ligam partes do discurso (HOPPER; TRAUGOTT, 1993). Neste estudo, considera-se, em acordo com Brinton e Traugott, que são as construções, conjunto de palavras que funcionam como uma única unidade lingüística, que se gramaticalizam, desde que elas sejam semanticamente gerais. Como no caso,

por exemplo, [de] verbos que se gramaticalizam em marcadores de caso ou complementizadores, [que] tendem a ser hipônimos em campos lexicais como dizer, mover, ir. Eles não são tipicamente selecionados de termos mais especializados como cochichar, rir, declarar, contorcer-se. (HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p. 97)⁶.

Hopper e Traugott (1993) advogam que não são somente características sintáticas e fonológicas que delimitam quais formas podem se gramaticalizar, mas também o significado da palavra pode impor restrições ao processo de mudança.

2.2.3 O processo de Gramaticalização

Os processos de gramaticalização podem ser observados pelas óticas sincrônica e diacrônica. Por meio da perspectiva sincrônica, a gramaticalização é principalmente

⁶ Minha tradução para “For example, verbs which grammaticalize, whether to case markers or complementizers, tend to be superordinate terms (also known as “hyponyms”) in lexical fields, for example, say, move, go. They are not selected from more specialized terms such as whisper, chortle, assert, squirm, writhe” (HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p. 97).

entendida como um fenômeno morfossintático discursivo – pragmático que cria padrões fluidos e dinâmicos da língua em um momento no tempo (BRINTON; TRAUGOTT, 2005). Por exemplo, podemos observar o uso das construções perifrásticas na indicação dos tempos verbais que compete com suas formas flexionadas, como em ‘vai trabalhar’ e ‘trabalhará’. A existência de duas possibilidades para expressar a mesma categoria gramatical mostra a dinamicidade do uso lingüístico, a competição entre as formas que exercem a mesma função e a mudança constante.

Através da perspectiva diacrônica, observa-se por quais processos construções atravessam para que em certos contextos passem a exercer novas funções gramaticais ou itens gramaticais adquiram um maior nível de gramaticalidade (HOPPER; TRAUGOTT, 2003). Como exemplo, tem-se o vocábulo *onde* que, de acordo com a proposta de Bernardo (1995), iniciou seu processo de mudança como um pronome/ advérbio com a função de retomar advérbios de lugar, até que se tornou um pronome relativo de âmbito geral.

A título de exemplo, tem-se a frase “Estão sendo definidas viagens do comitê para Itajaí, *onde* conhecerá o sistema de gestão portuária em fase de municipalização...”, essa forma foi usada para retomar um referente nominal locativo (Itajaí). Já na frase “Em cenas *onde* os atores molham o público, o coro era geral...”, esta forma retoma a palavra *cenas* que não compartilha a mesma noção de lugar.

Essas duas óticas – sincrônica e diacrônica – são instrumentos de observação dos mesmos processos de mudança lingüística. “De uma perspectiva histórica, esses processos podem dar a impressão de uma seqüência de mudanças ocorridas no tempo; de uma perspectiva sincrônica, o que se observa é um conjunto de polissemias coexistindo” (MARTELOTTA, AREAS, 2003, p. 27).

A Gramaticalização não só compreende os processos que demonstram a trajetória léxico > gramática, mas também busca entender os contextos pragmáticos e morfossintáticos em que esse processo ocorre (HEINE, 2003; BRINTON, TRAUGOTT, 2005). Dessa forma,

a intervenção da pragmática na consideração do processo de gramaticalização, defendida por Givón (1979, p. 208-209), configura a visão do processo como uma reanálise não apenas do material lexical em material gramatical, mas também dos padrões discursivos em padrões gramaticais. A passagem se daria, dessa maneira, no sentido do discurso para a manifestação zero, passando

sucessivamente pela sintaxe, pela morfologia e pela morfofonêmica (NEVES, 1997, p. 120).

Os contextos pragmáticos estão, portanto, ancorados na interação. Eles estão diretamente ligados ao papel que falantes e interlocutores exercem negociando significado nas situações comunicativas (HOPPER, TRAUGOTT, 1993). Em uma situação comunicativa, todos os participantes exercem papéis importantes na medida que criam motivações para a mudança. O falante, ao tentar se comunicar, precisa guiar a compreensão do ouvinte. Já o ouvinte processa a fala de forma a compreender a intenção do falante. Embora haja inúmeras motivações competindo, todas podem ser consideradas como exemplos de maximização da economia ou simplicidade e maximização da informatividade (HOPPER e TRAUGOTT, 1993).

A respeito da maximização da economia, Hopper e Traugott (1993, p. 64)⁷ dizem que se sabe “muito pouco sobre o que requer ou não requer esforço na produção ou interpretação de formas, e menos ainda sobre o que constituiria a economia de esforço mental tanto do falante como do ouvinte”. Acredita-se que talvez seja a busca pela economia que tenham levado o falante a reduzir as preposições complexas em frente a e em face a.

Em relação à percepção, eles alegam que o ouvinte procurará a interpretação menos ambígua, pois está ativamente engajado na interpretação do input.

A gramaticalização, como já explicitado, acontece em dois sentidos: ocupando-se das mudanças que atingem as formas, levando-as para a gramática ou ocupando-se das mudanças que se dão no interior da própria gramática. Os teóricos postulam que esse processo é unidirecional, pois “uma mudança que se dá numa direção específica não pode ser revertida” (NEVES, 1997, p. 121), ou seja, em determinados contextos algumas formas passam a exercer outras funções gramaticais e, uma vez gramaticalizadas, continuam a desempenhar diferentes funções gramaticais.

⁷ Tradução livre de: “we know very little about what does and does not take “effort” in producing or interpreting utterances, and still less about what would constitute economy of mental effort on either speaker’s or hearer’s behalf” (HOPPER, TRAUGOTT, 1993, p. 64)

A gramaticalização é um processo de mudança unidirecional, segundo o qual elementos lexicais e construções passam a desempenhar funções gramaticais, tendendo, com a continuidade do processo, a assumir novas funções gramaticais. Com a gramaticalização, o elemento tende a se tornar mais regular e mais previsível em termos de seu uso, pois perde a liberdade sintática característica dos itens lexicais, quando penetra na estrutura tipicamente restritiva da gramática (MARTELOTTA, 1996, p. 192).

A unidirecionalidade do processo de gramaticalização é tida como uma característica fundamental. Uma vez que o item iniciou sua mudança, não é possível um retorno para sua forma inicial. O item gramaticalizado receberá caráter mais e mais gramatical, avançando sempre nas etapas de mudança.

Traugott e Heine (1991) consideram que a unidirecionalidade está presente nos seguintes processos envolvidos na gramaticalização: abstratização do significado, também chamado de *bleaching* ou dessemantização, e aumento na ligação entre os itens relacionados no eixo sintagmático.

Em relação ao aumento da abstratização do significado, Traugott e Heine (1991) afirmam que é consenso entre os estudiosos que há uma escala de abstratização do significado, no entanto, esse processo não é obrigatório na gramaticalização. Em acordo com a proposta de Heine (2003), abordada acima, os autores afirmam que não se trata unicamente de um empobrecimento semântico, mas de um enriquecimento de significado pragmático.

Expõem ainda que, embora a dessemantização não seja um processo obrigatório dentro da gramaticalização, ela é unidirecional, pois não há a expectativa de encontrar uma mudança em que haja uma perda das características pragmáticas (TRAUGOTT, HEINE, 1991).

Em relação ao aumento de dependência entre os itens relacionados no eixo sintagmático, Traugott e Heine (1991, p.5) afirmam que

no nível da oração, as orações independentes são combinadas, e uma escala pode desenvolver-se partindo de orações independentes, passando por uma leve justaposição e coordenação, e culminando em subordinação. No nível da frase, as formas podem se tornar menos livres e mais ligadas através da gramaticalização.⁸

⁸ Tradução livre de: “at the clause level independent clauses are combined, and a cline may develop from independent clauses through some kind of loose juxtaposition and coordination to subordination. At the

A hipótese da unidirecionalidade da gramaticalização é questionada, entretanto, por alguns estudiosos, como Campbell (2001), baseando-se em alguns contra-exemplos. Entretanto, conforme defende Heine (2003), poucos são os contra-exemplos, em sua maioria idiossincráticos, em comparação ao grande número de exemplos que confirmam a hipótese. Além disso, o autor diz que nenhum exemplo de uma reversão completa de gramaticalização foi apresentado.

Para que as unidades lingüísticas implementem o processo de gramaticalização, o falante faz uso de processos para motivar a mudança. A seguir, explanar-se-ão alguns dos processos envolvidos na gramaticalização. No entanto, como mostram Martelotta, Votre e Cezario (1996, p. 53), “não há, na literatura referente ao assunto, um total consenso em relação aos mecanismos que veiculam o processo de gramaticalização”.

Enquanto Heine (2003) propõe como mecanismos a ‘dessemantização’, a ‘extensão’, a ‘de categorização’ e a ‘erosão’, Hopper e Traugott (1993) indicam a ‘reanálise’ e a ‘analogia’ e Hopper (1991) compreende o princípio de ‘camadas’, ‘divergência’, ‘especialização’, ‘persistência’ e ‘de categorização’.

2.2.4 Princípios e Mecanismos de Gramaticalização

2.2.4.1 Os mecanismos de Gramaticalização

Como já mencionado, Heine (2003) propõe a existência de quatro fatores: a dessemantização, a decategorização, a erosão e a extensão. Heine (2003) define dessemantização, ou *bleaching*, como a perda do conteúdo semântico. Entretanto, Brinton e Traugott (2005) mostram que não se trata de uma perda, mas da substituição do significado original por um significado novo, mais abstrato, gramatical.

phrasal level, forms may become less free and more bound via grammaticalization” (TRAUGOTT, HEINE, 1991, p. 5).

Através da dessemantização, vocábulos que apresentam conceitos concretos passam a descrever conceitos menos concretos. Esse processo ocorre, de acordo com Heine (2003), porque os falantes, com intuito de alcançar uma comunicação satisfatória, passam a expressar conceitos abstratos, menos acessíveis, por meio de conceitos concretos, mais facilmente acessados na mente pelos interlocutores.

Um posicionamento contrário à visão de Heine encontra-se em Bybee e Pagliuca (1985) no que concerne à motivação para essa mudança semântica. Bybee e Pagliuca propõem que não são as necessidades comunicativas que contribuem para a mudança da gramática, mas são os falantes que possuem uma tendência a fazer extensões metafóricas que conduzem ao acréscimo do uso de certos itens.

Para Bybee (2003, p. 605-606)⁹, “as expressões em gramaticalização têm um significado inerente derivado do significado das partes que a compõem. É esse significado inerente que se enfraquece à medida que a gramaticalização avança”. Dessa forma, Bybee (2003, p. 604)¹⁰ aponta a frequência como um fator crucial para a dessemantização, pois “a frequência de uso leva ao enfraquecimento da força semântica pelo hábito: com o hábito o organismo pára de responder o estímulo repetido da mesma forma”.

A ‘extensão’ afeta as funções que a forma pode exercer na interação verbal. De acordo com Heine (2003), o item passa a ser usado em contextos que antes não eram possíveis. Não significa que o uso inicial será perdido instantaneamente, mas que os usos podem coexistir, podendo ou não haver uma escolha entre eles. Tem-se como exemplo o advérbio *onde* que passou a retomar não somente advérbios de lugar, mas também advérbios de tempo, substantivos com valor temporal e substantivos abstratos e concretos, como propõe Bernardo (1995).

A ‘extensão’ exerce um papel importante no processo em descrição, pois, dentre os quatro mecanismos em funcionamento, este é o único que determina um ganho. Com o aumento das possibilidades de uso, novas características são atribuídas à forma em gramaticalização e novas relações sintáticas e valores semânticos passam a existir por conta dos usos que se fazem dela.

⁹ Tradução livre de: “grammaticizing expressions have inherent meaning derivable from the meanings of their component parts. It is this inherent meaning that is said to be bleached as grammaticization proceeds” (BYBEE, 2003, p. 605-606).

¹⁰ Tradução livre de: “frequency of use leads to weakening of semantic force by habituation – the process by an organism ceases to respond at the same level to a repeated stimulus” (BYBEE, 2003, p. 604).

Segundo Hopper e Traugott (1993, p. 97)¹¹, quando “os itens lexicais recebem funções gramaticais, seus usos são estendidos, pois passam a ser usados em mais e mais contextos, então eles ganham maior distribuição e mais polissemias”. Para eles, isso acontece porque as inferências feitas a partir desses contextos são semantizadas, ou seja, se tornam parte das polissemias da forma em mudança.

Há, segundo Hopper e Traugott (1993), dois processos envolvidos na convencionalização das inferências contextuais: a transferência metafórica e a transferência metonímica. Na metáfora, usa-se uma forma ou construção para representar um significado estreitamente relacionado com o significado a que, até então, a forma vinha sendo relacionada (VOTRE, 1996). Na metonímia, a transferência semântica ocorre através de relações associativas ou de contigüidade em contextos lingüísticos específicos que geram uma “reorganização da estrutura do enunciado e uma reinterpretação dos elementos que o compõem” (MARTELOTTA, VOTRE, CEZARIO, 1996, p. 57).

A gramaticalização pode afetar também a constituição fonética das unidades lingüísticas. Heine (2003) propõe a ‘erosão’¹² (ou redução fonética) que “é a perda de substância fonética”. Bybee (2003, p. 617)¹³ propõe ainda a ‘fusão’ que acontece quando “combinações de palavras e morfemas que ocorrem juntos muito freqüentemente passam a ser armazenados e processados como blocos”.

De acordo com Bybee (2003), palavras ou frases que são freqüentemente repetidas estão muitos mais suscetíveis a mudanças sonoras do que palavras com baixa freqüência. Isso se dá, pois, como Fowler e Housum (1987 apud BYBEE, 2003, p. 616)¹⁴ propõem, “o falante pode ser menos explícito na produção da palavra se ela já foi mencionada anteriormente, porque será mais fácil para o ouvinte para acessá-la, caso ela já tenha sido ativada”. Além disso, eles afirmam que “a redução pode ser um sinal para o ouvinte de que a palavra empregada é a mesma que foi usada anteriormente”. Podendo ser, ainda, porque

¹¹ Tradução livre de: “as lexical items take on grammatical functions, they are generalized in so far as they come to be used in more and more contexts, that is, they gain wider distribution and more polyssemies” (HOPPER, TRAUGOTT, 1993, p. 97).

¹² Brinton e Traugott (2005) chamam esse mecanismo de coalescência.

¹³ Tradução livre de: “combinations of words and morphemes that occur together very frequently come to be stored and processed in one chunk” (BYBEE, 2003, p. 617).

¹⁴ Tradução livre de: “the speaker can be less explicit about the articulation of a word if it has already been used, because it will be easier for the listener to access if it has just been activated” (FOWLER, HOUSUM, 1987 apud BYBEE, 2003, p. 616)

as palavras quando repetidas são articuladas mais rapidamente. Como exemplo pode-se citar a construção ‘*não é*’ que passou a ser pronunciada como ‘*né*’.

Por último, estabelece-se, igualmente, que uma construção em gramaticalização também está suscetível a perder suas características morfológicas. Quando uma forma passa de uma forma lexical para uma forma gramatical, ela tende a perder propriedades morfológicas e sintáticas que a identificariam como membro de uma categoria gramatical maior. Esse mecanismo é chamado de decategorização.

Da mesma forma que a Teoria da Gramaticalização estabelece a existência de uma escala de gramaticalidade, propõe-se também uma escala de propriedades estruturais (HOPPER, TRAUGOTT, 1993). Ao longo dessa escala encontrar-se-iam desde unidades que possuem mais propriedades morfológicas a unidades com menos propriedades.

Para Hopper e Traugott (1993, p. 103), o aumento da frequência do uso está vinculado ao processo decategorização, pois quanto mais freqüente uma forma é mais gramatical ela se torna.

Por exemplo, vê-se no corpus Banco do Português, corpus compilado e mantido pela PUC – São Paulo como parte do projeto Direct, que as 10 palavras mais freqüentes são gramaticais:

Posição	Palavras	Ocorrências
1	de	6.022.939
2	a	4.289.463
3	o	4.135.372
4	e	2.906.593
5	que	2.763.756
6	do	2.433.919
7	da	2.169.947
8	em	1.760.984
9	para	1.403.295
10	no	1.233.337

Tabela 2.1- Itens mais freqüentes do Banco do Português

Na tabela acima ¹⁵, podemos observar que as dez palavras mais frequentes são palavras gramaticais como preposições, artigos e conjunções.

2.2.4.2 Os princípios de gramaticalização

Os mecanismos citados acima estão, diacronicamente, agindo sobre as formas lingüísticas. Mas esse processo de mudança pode ser observado também por uma perspectiva sincrônica, como já exposto. Utilizando os cinco princípios propostos por Hopper (1991): ‘camada’, ‘divergência’, ‘especialização’, ‘persistência’ e ‘deategorização’, poderemos observar o comportamento das formas em um único estágio da língua.

O princípio de ‘camadas’ está ligado ao fato de formas diferentes apresentarem funções idênticas. Na realidade, a língua está em constante mudança, por isso novas camadas sempre são criadas, mas isso não significa que a camada já existente deixará de existir.

O princípio da ‘divergência’ refere-se ao fato de uma mesma forma ter seu uso ampliado para desempenhar novas funções, e, novamente, a existência de um novo uso não significa o desaparecimento do uso original.

O princípio da ‘especialização’ refere-se ao fato de coexistir, em um determinado estágio, uma variedade de formas com diferentes nuances semânticas. Ao sofrer a gramaticalização há uma escolha de um número menor que passará a apresentar um significado mais geral e gramatical.

O princípio da ‘persistência’ está ligado ao fato de palavras que após sofrerem gramaticalização adquirem uma nova função gramatical mantendo alguns traços de seu significado original.

Por fim, o princípio da ‘deategorização’ está ligado ao fato de que formas que foram submetidas à gramaticalização tendem a perder ou neutralizar suas marcas morfológicas e privilégios sintáticos e assumirem atributos característicos de categorias

¹⁵ A tabela apresentada faz parte do anexo apresentado no livro *Lingüística de Corpus* (BERBER SARDINHA, 2004, p. 351)

secundárias, tais como adjetivo, conjunções, preposições etc. Como ocorreu, por exemplo, com o verbo *ir* que passou a funcionar também como um verbo auxiliar.

Esses cinco princípios são reduzidos a dois, ‘camadas’ e ‘divergência’ por Votre (1992), com base no argumento que “a coexistência das camadas supõe persistência das camadas originais”; “divergência implica especialização”; “persistência também supõe polissemia” e a “deategorização é apenas o resultado final do processo”.

É importante notar que se chama deategorização o processo de perda de características morfológicas e ao mesmo tempo o resultado desse processo, como já observado por Votre (1992), porquanto através da perda de características estruturais, o item em gramaticalização passa a fazer parte de outra classe gramatical.

Por fim, diferente das propostas já abordadas, Hopper e Traugott (1993) propõem que os mecanismos que geram a gramaticalização são a reanálise e a analogia. Esses processos estão diretamente vinculados aos processos de transferência metafórica e metonímica mencionados anteriormente.

Langacker (1977, p. 58 apud HOPPER, TRAUGOTT, 1993, p.40)¹⁶ definiu reanálise como “mudança na estrutura de um expressão ou classe de expressões que não envolve nenhuma modificação imediata em sua manifestação superficial”. Em outras palavras, por meio da reanálise ocorre uma reorganização da estrutura do enunciado quando os falantes reinterpretam os itens que a compõem (MARTELOTTA, 1996, p. 203).

Já segundo Brinton e Traugott (2005), a reanálise envolve mudança nas relações sintagmáticas existentes na estrutura em análise, mudança nas classes gramaticais e fusão dos elementos.

Pode-se citar como exemplo de reanálise, a mudança dos itens lexicais *hei* e *mente* em morfemas nas formas amar + *hei*, tranqüila + *mente* que se tornaram, respectivamente, um morfema flexional que expressa a noção de futuro e um morfema derivacional que forma advérbios a partir de adjetivos.

A analogia ocorre quando formas existentes passam a exercer a mesma função que outras formas, ou seja, generaliza-se uma regra que anteriormente só se aplicava a um

¹⁶ Tradução livre de “change in the structure of an expression or class of expressions that does not involve any immediate or intrinsic modification of its surface manifestation” (LANGACKER, 1977, p. 58 apud HOPPER, TRAUGOTT, 1993, p.40).

domínio relativamente limitado para que passe a ser aplicável a um domínio mais amplo (HOPPER, TRAUGOTT, 1993).

A reanálise e a analogia envolvem inovação através de diferentes eixos. A reanálise opera no eixo sintagmático, como já observado acima. A analogia, diferentemente, opera no eixo paradigmático.

Apesar de não estabelecer uma mudança para a língua, a analogia é importante porque é por meio dela que a reanálise pode ser detectada (BRINTON, TRAUGOTT, 2005).

A partir do que foi abordado, entende-se que o uso da língua é o objeto de investigação da teoria funcionalista, pois se parte da premissa que qualquer realização lingüística está condicionada ao contexto onde foi produzida.

A Teoria da Gramaticalização se insere na abordagem funcional, pois considera, igualmente, que é no uso efetivo da língua que o processo de gramaticalização é implementado, uma vez que não se trata somente de um aumento do caráter gramatical, porém de um aumento da gramaticalidade devido ao ganho de valores pragmáticos aliados a influência de fatores cognitivos.

Para a realização desta pesquisa, far-se-á uso dos conceitos apresentados, propostos por Heine (2003), Hopper e Traugott (1993) e Hopper (1991), pois eles proporcionam aparato teórico que permitirá observar, identificar e interpretar a ação dos mecanismos de gramaticalização nas trajetórias de mudança empreendidas pelas preposições complexas investigadas. Far-se-á uso também de uma análise pancrônica combinada com o exame de dados qualitativos e quantitativos.

No capítulo seguinte, apresentar-se-á uma revisão da literatura com o objetivo de tratar de forma breve algumas propostas de análise das Preposições complexas.

Capítulo 3

Preposições complexas

Nesta dissertação, como já exposto, busca-se realizar uma análise *funcional* de algumas Preposições complexas: em frente de, em frente a, frente a, em face de, em face a e em face a e em vista de. Isso implica um exame dos usos reais da língua, visto que o funcionalismo considera que não se pode desvincular a linguagem do seu contexto de produção.

Há alguns estudos sobre Preposições complexas que tratam desse assunto por outras perspectivas que não as do funcionalismo. Por isso, propõe-se, neste capítulo, sumarizar algumas das propostas de análise das preposições e preposições complexas existentes em gramáticas tradicionais, não-tradicionais e também em alguns estudos funcionais existentes.

Segundo Gerot e Wignel (2001), pode-se contrastar as gramáticas tradicionais e as não tradicionais com as gramáticas funcionais em alguns aspectos. Primeiramente, as autoras propõem que aquelas se detêm na análise da sentença, se preocupando, principalmente, com sua estrutura, enquanto que as gramáticas funcionais consideram textos inteiros como unidade de análise, buscando compreender como os significados desses textos são compreendidos.

Essa diferença existe, pois, para as abordagens tradicionais e não tradicionais, a língua é um conjunto de regras usadas para construção de sentenças. Para as gramáticas funcionais, a língua é um recurso para a construção de significados.

Em contraste com os compêndios tradicionais que enfocam o papel sintático que as preposições complexas têm, a teoria funcionalista proporciona uma ferramenta de realização de um estudo da semântica dos usos das Preposições complexas.

Nesta dissertação, combinar-se-á uma abordagem funcionalista com uma abordagem de corpus. Na abordagem de corpus, como na perspectiva funcional, estuda-se a língua em uso, entretanto, há uma preocupação com a frequência com que um item se repete num determinado gênero e em determinada época. Na Lingüística de Corpus,

portanto, só se pode propor generalizações quando as freqüências das ocorrências evidenciadas são representativas da língua em estudo.

Este capítulo será dividido em três seções. A primeira enfocará as preposições e preposições complexas sob a ótica das gramáticas tradicionais, através de Bechara (2004) e Celso Cunha & Lindley Cintra (1985); a segunda sob a ótica das gramáticas não tradicionais, com o foco em Azeredo (2002) e Perini (2002); a terceira sob a perspectiva de estudos funcionais de preposições e Preposições complexas de Baião e Arruda (1996), Seron (2007), Macêdo (2005) e Hoffman (2005).

3.1 As Preposições e Preposições complexas em gramáticas tradicionais

Embora as Preposições complexas sejam o assunto deste estudo, torna-se necessário definir o que é preposição, pois, nas gramáticas tradicionais, a aceção das preposições complexas se dá através de uma referência aos conceitos de preposição. Nessas abordagens, as preposições são definidas, *primordialmente*, pelo papel sintático que exercem. Bechara, por exemplo, define preposição como

a unidade lingüística desprovida de independência, e, em geral, átona, que se junta a substantivos, adjetivos, verbos e advérbios para marcar as relações gramaticais que elas desempenham no discurso, quer nos grupos unitários nominais, quer nas orações. (BECHARA, 2004, p. 296)

Cunha e Cintra (1985, p. 542) definem as preposições como “as palavras que relacionam dois termos de uma oração, de tal modo que o sentido do primeiro é explicado ou completado pelo segundo”.

Como se vê, as preposições são compreendidas por uma ótica estritamente sintática, dando-se, assim, ênfase ao seu papel de ligar dois termos. No entanto, Cunha e Cintra vão além, ao afirmar que nessa relação há também uma relação de sentido entre um termo que complementa (o conseqüente) e outro que tem seu sentido complementado (o antecedente).

Bechara confere às preposições outro papel, o de ‘transpositor’. Os transpositores são elementos gramaticais que habilitam uma determinada unidade lingüística a exercer papel gramatical diferente daquele que normalmente exerce (BECHARA, 2004).

A título de exemplo, Bechara cita a construção “*homem de coragem*”, na qual a preposição *de* permite que o substantivo *coragem* exerça o papel de adjunto adnominal do substantivo *homem* - função normalmente desempenhada por adjetivo.

Segundo Bechara (2004) e Cunha e Cintra (1985), as preposições e preposições complexas só se diferenciam na forma. Para Bechara (op.cit., p. 301), locução prepositiva é “o grupo de palavras com valor e emprego de uma preposição”. Conforme Cunha e Cintra (1985, p. 542) as preposições complexas são “constituídas de dois ou mais vocábulos, sendo o último deles uma preposição simples”.

No que concerne ao significado das preposições, Bechara (2004) propõe que elas estão divididas em dois campos semânticos: um que se caracteriza pelo traço ‘dinamicidade’ (física ou figurada) e outro em que os traços de noções ‘estáticas’ e ‘dinâmicas’ são ambos marcados, tanto em referência ao espaço quanto ao tempo. Igualmente, Cunha e Cintra (1985) afirmam que as relações estabelecidas por meio das preposições implicam movimento ou estaticidade.

Há um consenso entre os autores em relação ao conjunto das preposições existentes na língua portuguesa, entretanto as listas de preposições complexas propostas por esses estudiosos são diferentes. É importante ressaltar que entre as formas pesquisadas só em frente a consta da lista proposta por Celso Cunha¹⁷ e as outras não constam das listas de nenhum dos dois autores.

3.2 As preposições e Preposições complexas em gramáticas não-tradicionais

Nos compêndios tradicionais, a conceituação das preposições complexas está vinculada às definições das preposições. Esse fato também se confirma nas gramáticas não-tradicionais que serão tratadas a seguir.

¹⁷ Nos anexos 1 e 2, encontram-se as listas de Preposições complexas propostas por Bechara (2004) e por Celso Cunha e Lindley Cintra (1985)

Perini (2002), por exemplo, não distingue as preposições complexas das preposições, porque considera que as preposições podem ser compostas de duas ou três palavras. Por isso, as denomina ‘preposições compostas’ (ver também Hoffman (2005), capítulo 3, seção 3.3.2, neste volume).

Em relação às preposições, Perini (2002) não segue completamente a classificação proposta pelas gramáticas tradicionais. Para ele, preposições e conjunções fazem parte de uma única classe de palavras que agrupa elementos que funcionam como conectores entre constituintes. A essa classe, ele denomina conectores.

Ele propõe subtipos de conectores: os subordinativos e os coordenativos. Os conectores subordinativos alteram a classe do sintagma a que eles se ligam. Os conectores coordenativos juntam dois constituintes de mesma classe, formando o conjunto um constituinte maior que pertence à mesma classe dos constituintes conectados.

Segundo Perini, as preposições são subtipos dos conectores subordinativos. Ele define preposição como “a palavra que precede um SN, formando o conjunto um SAdj ou um SAdv” (PERINI, 2002, p. 334).

A perspectiva proposta por Azeredo (2002) está em acordo com a proposta de Perini e também com a de Bechara, que foi abordada na seção anterior, no sentido de considerar as preposições como transpositores. Ele classifica as preposições como “a palavra invariável que precede uma unidade nominal – substantivo, pronome substantivo, infinitivo – convertendo-a em constituinte de uma unidade maior” (AZEREDO, 2002, p. 144).

Em relação às preposições complexas, Azeredo afirma, igualmente, que as preposições complexas e as preposições são equivalentes. Ele postula, ainda, em relação ao padrão morfológico, a existência de dois tipos de preposições complexas: aquelas formadas por preposição + substantivo + preposição e aquelas formadas por advérbios + preposição.

3.3 Estudos Funcionalistas sobre as Preposições e Preposições complexas

Por meio do processo de revisão bibliográfica, encontraram-se alguns estudos que examinavam a gramaticalização de preposições: Viaro (1994), Baião e Arruda (1996), Seron (2007), Macêdo (2005) e Hoffman (2005). Todavia, uma parte deles segue uma linha essencialmente histórica, desconsiderando o componente fundamental: o uso.

Em vista disso, foram selecionadas as pesquisas funcionalistas de Seron (2007), Baião/ Arruda (1996) e Hoffman (2005). Como exceção, abordarei também o trabalho de Macêdo (2005) por ser o único, em língua portuguesa, a tratar das preposições complexas.

Entre os estudos selecionados, há uma pesquisa aplicada à língua inglesa – Hoffman (2005). Por isso, por motivo de organização, opta-se por dividir duas seções: estudos do português brasileiro e estudos da língua inglesa.

3.3.1 Estudos sobre o Português Brasileiro

3.3.1.1 A Gramaticalização de Desde

Em Seron (2007), encontra-se um estudo da gramaticalização da preposição **desde** sob o enfoque funcionalista de Dik (1997).

Segundo Seron (2007), o modelo de Dik (1997) postula que as orações são motivadas por fatores de ordem semântica e pragmática, sendo descritas em termos de uma estrutura subjacente. Essa estrutura seria representada na expressão lingüística por meio de um sistema de regras de expressão que determina forma e ordem.

A estrutura subjacente da oração, por si só, seria uma estrutura complexa que apresenta uma hierarquização em camadas de organização semântica e formal. Inicia-se com o predicado que é o termo que designa propriedades ou relações. A esse predicado é aplicada uma série de termos apropriados que formam a predicação nuclear. Nas camadas acima da predicação nuclear, a estrutura da oração é construída por operadores gramaticais

específicos e satélites lexicais apropriados a uma dada camada. Operadores referem-se às distinções que são gramaticalmente expressas na língua, satélites são modificações que são expressas lexicalmente (SERON, 2007, p. 225).

A referida autora propõe que a preposição *desde* deve ser considerada um satélite, pois ajuda a formar uma estrutura adverbial. Essa forma traz informações adicionais à predicação.

Para Seron (2007), a preposição *desde* pode expressar dimensões espaciais, temporais e cognitivas. Eis os exemplos citados pela autora para embasar sua análise:

- (1) “Fizera a caminhada a pé, praticamente **desde Fortaleza**”.
- (2) “**Desde o meio-dia**, Mário está em casa de Dona Dedé, prima de mamãe”
- (3) “Na verdade nós adoramos as mulheres, **desde que sejam belas, inteligentes e inseguras**.”

No exemplo (1), a preposição *desde* age no domínio semântico, dá orientação espacial, indicando a origem do movimento. Já, no exemplo (2), há a especificação da duração de tempo. E, no exemplo (3), *desde* atua no domínio cognitivo, pois o falante expressa sua atitude para com o conteúdo proposicional.

Para Sheron (2007), esse processo de abstratização sofrido pela forma *desde* confirma sua gramaticalização, pois de acordo com proposta de Heine *et al.* (1991) a trajetória espaço > tempo > texto é muito produtiva em processos de gramaticalização. Além do mais, ela aponta que *desde* no exemplo 3 está sendo usado como uma conjunção e não como preposição, o que mostra que se decategorizou.

3.3.1.2 Gramaticalização de Até

Baião e Arruda (1996, p. 251) propõem uma investigação do processo de gramaticalização da preposição *até*.

De acordo com Baião e Arruda (1996), a forma *até* está perdendo seu valor espacial/temporal e está “ganhando” um valor pragmático-discursivo.

Enumeram-se abaixo alguns exemplos propostos pelas pesquisadoras para elucidar sua análise:

- (1) “...ele me pediu licença e disse vou **até o portão** e rápido...”
- (2) “...ele voltou... aí me procurou e **até hoje... até hoje** nós estamos namorando.”
- (3) “... isso é muito ruim... porque se tivesse um plano já definindo... **até investimentos estrangeiros** podiam vir pro... pro Brasil..., né?”
- (4) “... pelo tempo que peguei de casada... tô quase chegando a boda de prata... então... pra mim não foi tão ruim assim... pra mim aguentá até hoje ... foi **até bom**, tá”

No exemplo (1), o elemento *até* aparece com sentido espacial estabelecendo o limite do percurso percorrido. Diferentemente, no exemplo (2), o item *até* expressa uma noção temporal, porém, ainda estabelecendo um limite. No exemplo (3), o vocábulo *até* possui um sentido de inclusão. Por último, no exemplo (4), o uso da forma *até* realiza a quebra de uma expectativa.

Para as autoras, a seguinte trajetória dá conta dos processos de gramaticalização do elemento *até*: *até* espacial > *até* temporal > *até* inclusivo > *até* marcador de contra-expectativa, crescendo sempre na escala de abstração.

3.3.1.3 Reflexões sobre Locuções prepositivas

A proposta de Macêdo (2005) diferencia-se das outras pesquisas abordadas até agora, pois seu caráter é, essencialmente, histórico. A autora buscou identificar quais tipos de elementos se unem para formar as locuções e ainda a natureza dos campos semânticos em que essas locuções se inserem.

Para esse estudo, utilizou um corpus não digitalizado composto por textos em língua galega e em língua portuguesa. No que concerne à língua portuguesa, utilizaram-se textos do século XVII e do século XIX. Em relação à língua galega, os textos datavam do século XV.

A referida autora propõe que uma locução prepositiva precisa ter a seguinte fórmula: um centro (ou núcleo) que sempre estará preenchido por um advérbio, nome, preposição ou verbo no particípio e margens, direita e esquerda, que podem ou não ser ocupadas por preposições.

Segundo Macêdo (2005), existem vinte e nove processos responsáveis pela constituição das preposições complexas. Eles diferenciam-se pela categoria gramatical da

palavra-núcleo. Por exemplo, em sete processos o núcleo da locução prepositiva surge como um nome, em doze processos o núcleo surge como um advérbio. Não há considerações sobre que preposições complexas ela investigou.

Para Macêdo (2005), a semântica das preposições complexas reside, basicamente, em seu núcleo. Contudo, a autora afirma também que as preposições complexas podem ganhar matizes significativos dependendo dos variados contextos em que elas são usadas.

Devido à complexidade dos sentidos das preposições complexas, a pesquisadora optou por propor três campos semânticos sem indicar sub-classificações: espaço, tempo e noção. Ela afirma que, freqüentemente, um mesmo item pode, com a mesma forma e a mesma combinação sintática, classificar-se nos três campos semânticos e isso dificulta a criação de taxonomias.

Em síntese, Macêdo (2005) propõe que as preposições complexas são construções que recebem significado a partir da palavra que ocupa a posição de núcleo. Esses núcleos expressam os sentidos de espaço, tempo e noção.

Pode-se identificar dois pontos de convergência entre as análises apresentadas: elas propõem que as preposições e preposições complexas expressam as noções de espaço, tempo e texto e que essas noções podem ser expressas por um mesmo elemento.

3.3.2 Estudos sobre a Língua Inglesa: a interface da Lingüística de Corpus

Na obra *Grammaticalization and English Complex Prepositions: a corpus-based study*, Sebastian Hoffman propõe uma análise sincrônica e diacrônica das preposições complexas da língua inglesa pela ótica da Teoria da Gramaticalização e da Lingüística de Corpus¹⁸.

De acordo com Hoffman (2005), a Teoria da Gramaticalização proporciona à sua pesquisa um aparato teórico útil para entender o desenvolvimento das estruturas

¹⁸ A Lingüística de Corpus é uma área de estudo que trata do uso de corpora computadorizados para a pesquisa de uma língua. No capítulo 4, apresentar-se-á, mais detalhadamente, o quadro teórico referente a esta teoria/metodologia, pois, nesta pesquisa esta foi escolhida para proporcionar o aparato metodológico.

gramaticais, pois, ao estabelecer uma conexão direta entre estrutura e uso, ela dá acesso a uma explicação para as estruturas observadas e sua mudança ao longo do tempo.

O estudo de Hoffman segue uma perspectiva metodológica diferente de outros estudos de gramaticalização, pois ele analisa uma grande quantidade de dados lingüísticos autênticos, dados esses provenientes de dois corpora de inglês antigo: *The Gutenberg Corpus* e *The Oxford English Dictionary Quotations* e um corpus de inglês contemporâneo que tem 90% da sua composição de dados escritos e 10% de dados orais. Para analisar todos esse dados, ele utiliza ferramentas disponibilizadas pela Lingüística de Corpus.

Hoffman (2005) afirma que uma metodologia lingüística baseada em corpus possibilita o acesso a uma amostra representativa daquilo que é usado pelos falantes da língua em investigação, a possíveis padrões significativos porque de uso coletivo, além de permitir a compreensão da estrutura da língua.

A análise de Hoffman (2005), então, é de caráter empírico, pois é baseada em um corpus real, e qualitativo, pois, com base na teoria funcionalista, o autor investigou e interpretou as características semânticas dos itens em exame.

O questionamento levantado por Hoffman (2005) que motiva sua investigação é se as preposições complexas são unidades indivisíveis ou construções livres? Esse questionamento surgiu a partir de estudos que afirmavam que as preposições complexas em língua inglesa não poderiam ser justificadas em termos sintáticos. Alguns propunham que os elementos formadores dessas formas funcionavam separadamente, outros negavam a existência desse grupo de palavras.

Para fins de análise, Hoffman (2005) considerou os tipos de coordenação encontrados após os sintagmas preposicionados, a frequência apresentada por esses usos, e, nos textos orais, as pausas preenchidas nos ambientes imediatos ou internos às preposições complexas.

Com base na análise de inúmeras ocorrências, entre elas, os exemplos citados abaixo, Hoffman (2005, p. 165 – 166, grifo do autor) visa discutir a hipótese de que as preposições complexas são, na realidade, unidades que funcionam de maneira integrada.

- (1) They want to use less fuel and cause less pollution, but at the same time recoil from too many sacrifices *in terms of* comfort and performance¹⁹.
- (2) All the common symptoms of a panic attack can thus be understood *in terms of* adrenalin being pumped round the body and *in terms of* the flight mechanism²⁰.
- (3) Ethnic groups were defined *in terms of* common descent *and of* common institutions.²¹

Hoffman (2005) explica que em (1), a preposição complexa *in terms of* (em termos de) é seguida por dois sintagmas nominais (conforto e rendimento), e em (2) é repetida como parte da segunda oração coordenada. Em ambos os casos, as construções preposicionadas continuam intactas. Em (3), no entanto, a segunda oração coordenada começa com *of* (de), que é uma repetição do segundo elemento preposicional da preposição complexa *in terms of* (em termos de).

Caso o exemplo (3) fosse considerado exclusivamente, poder-se-ia afirmar que a construção preposicionada *in terms of* (em termos de) está sujeita a variações na estrutura, por isso, não pode ser considerada como uma unidade sintática que trabalha holisticamente. Esse fato negaria a existência das preposições complexas.

Embora haja construções que seguem o padrão estrutural do exemplo (3), Hoffman (2005) afirma que a frequência apresentada por esse tipo de construção é radicalmente inferior à frequência dos usos dos exemplos (1) e (2). Ele explica que em 92 % das ocorrências, duas frases nominais coordenadas aparecem após a preposição complexa (tipo 1); em 4% dos casos, a preposição complexa é repetida nas duas orações coordenadas (tipo 2); e em somente 4% dos casos, houve uma mudança na estrutura da construção preposicionada ao introduzir uma oração coordenada (tipo 3).

Para o estudo desenvolvido por Hoffman (2005), estudo que segue uma ótica funcionalista, as diferenças nas frequências de uso são fatores valiosos, pois devem ser interpretadas como uma escolha inconsciente feita pelos usuários da língua (HOFFMAN, 2005, p. 167).

¹⁹ Tradução da autora: Eles querem usar menos gasolina e causar menos poluição, mas ao mesmo ao tempo evitam sacrificar-se muito em termos de conforto e rendimento.

²⁰ Tradução da autora: Todos os sintomas comuns de ataque do pânico podem então ser entendidos em termos de adrenalina sendo bombeada pelo corpo e em termos de mecanismos de fuga”

²¹ Tradução da autora: Grupos étnicos eram definidos em termos de origens comuns e de instituições comuns”

Portanto, considerando a frequência de ocorrência, Hoffman (2005, p. 167)²² propõe que se deve assumir que “essas unidades são armazenadas na memória como uma entidade integral ao invés de segmentos individuais que são reunidos conforme as regras sintáticas”.

Na análise do corpus oral, Hoffman (2005) encontrou ainda outra evidência a favor de sua hipótese que as preposições complexas são realmente armazenadas na memória como unidades integrais: os falantes usavam marcas de hesitação somente antes ou depois das construções preposicionadas.

Hoffman (2005, p. 167)²³ afirma que

essas marcas de hesitação podem ser consideradas como indicadores do processo de planejamento durante o processo de produção em tempo real e elas oferecem uma base confiável para a interpretação da representação cognitiva das estruturas lingüísticas.

Uma análise, sob a perspectiva da Teoria da Gramaticalização, também foi usada para providenciar outras evidências que confirmassem a existência das preposições complexas.

Hoffman (2005) traçou o desenvolvimento de 30 preposições complexas frequentes durante os últimos 750 anos. Através dessa análise, ele observou que os elementos nominais que ocupam a posição central da preposição complexa estão passando por um processo de decategorização, que os leva a assumir uma função diferente no sistema gramatical. Isso se comprova, pois não houve ocorrências em que eles fossem modificados por adjetivos, uma característica dos substantivos.

Em conjunto com a decategorização, observou-se a dessemantização do significado e a extensão dos usos. Segundo Hoffman (2005), muitas preposições complexas desenvolveram significados mais abstratos do que seus originais, passando a ser usadas em novos contextos. Como exemplo, o referido lingüista cita a preposição *in place of* (em lugar de) que, inicialmente, carregava um significado puramente locativo e passou a referir-se a situações onde uma coisa foi trocada pela outra.

²² Tradução da autora: “these units are stored in the memory as whole entities rather than individual segments which are later assembled according to the rules of syntax” (HOFFMAN, 2005, p. 167).

²³ Tradução livre de: “ Such markers of hesitation can be taken as indicators of the planning process during on-line speech production and they offer a more reliable basis for na interpretation of the cognitive representation of linguistic structures”. (HOFFMAN, 2005, p. 167-168)

Ele afirma que, devido à gramaticalização, “os elementos nominais não podem ser mais entendidos como itens lexicais independentes, mas devem, ao contrário, ser vistos como uma parte integral de construções completas” (HOFFMAN, 2005, p. 168)²⁴.

Deste modo, Hoffman (2005) conclui afirmando que há evidências sincrônicas e diacrônicas que comprovam que se deve considerar as preposições complexas como unidades livres que funcionam de maneira semelhante às preposições simples.

Hoffman (2005) afirma, ainda, que seu estudo revelou informações importantes que vão de encontro aos princípios da Teoria da Gramaticalização. Primeiramente, ele cita o caso da preposição complexa *by way of* (com objetivo de), que, em sua trajetória de desenvolvimento, apresentou, inicialmente, um significado abstrato e, depois, um significado concreto, contradizendo a proposta de unidirecionalidade da mudança semântica proposta por Traugott e Heine (1991).

Em relação a esse caso, Hoffman (2005) afirma que

o desenvolvimento descoberto de *by way of* [com objetivo de] , não pode ser considerado um verdadeiro caso de degramaticalização, ou seja, a reversão de uma construção anteriormente gramaticalizada para um estado mais lexical. Particularmente, até as primeiras ocorrências de *by way of* [com objetivo de] [...] exibem características típicas de uma construção gramaticalizada (HOFFMAN, 2005, p. 170, grifo do autor)²⁵.

A pesquisa de Hoffman conclui afirmando que o caso de *by way of* (com objetivo de) é um caso excepcional, por isso não pode invalidar as afirmações propostas pela Teoria da Gramaticalização.

Hoffman (2005) aponta, também, que se tornou evidente pela análise do corpus que a gramaticalização das preposições complexas não se dá por meio de um desenvolvimento gradual em direção a um nível maior de gramaticalidade, pois, em poucas ocorrências, pôde-se notar a reinterpretação de inferências conversacionais. A partir disso, ele propôs que a gramaticalização das preposições complexas é causada por *analogia* a construções que já são parte do sistema gramatical.

²⁴ Tradução livre de: “the nominal element can no longer be interpreted as na independent lexical item bus must instead be seen as na integral part of the entire construction” (HOFFMAN, 2005, p. 168).

²⁵ Tradução livre de: “the development displayed by *by way of* cannot be considered a true case of degrammaticalization, i.e. the reversal of a previously grammaticalized construction to a more lexical state. Rather, even the earliest instances of *by way of* [...] exhibit the typical features of a grammaticalized constructions” (HOFFMAN, 2005, p. 170, grifo do autor)

Além disso, Hoffman (2005) assinala que a gramaticalização de preposições complexas infreqüentes como *by dint of* (por causa de) e *in contradistinction to* (em contraste a) confirmam a hipótese de gramaticalização por analogia, pois como ele afirma, de acordo com a perspectiva funcionalista, *a freqüência do uso é fator relevante para que uma forma se gramaticalize*. Entretanto, como abordado anteriormente, algumas preposições complexas infreqüentes estão se gramaticalizando, isso se deve, na visão de Hoffman (2005), à analogia a usos já incluídos no sistema gramatical.

A título de ilustração, abordar-se-á um caso de estudo tratado por Hoffman (2005), o caso de *in spite of* (apesar de).

O caso concessivo: *in spite of* e suas variantes

Hoffman (2005) diz que, na língua inglesa, há um conjunto de recursos lingüísticos para expressar concessão: o uso de conjunções, advérbios conjuncionais e preposições. Hoffman (2005) concentra sua análise no estudo das preposições concessivas *despite* (a despeito de), *in spite of* (apesar de) e *notwithstanding* (apesar disto), que, inicialmente, parecem sinônimas, buscando identificar, nos usos, diferenças que as particularizem.

Em primeira instância, o autor buscou identificar se haveria, em contextos formais ou informais, preferência por uma das preposições. Para isso, observou as características distribucionais em corpora orais e escritos e os padrões colocacionais, ou seja, ele observou com quais palavras vizinhas tanto à direita quanto à esquerda elas se relacionam.

No que concerne às formas *despite* (a despeito de) e *in spite of* (apesar de), os dados observados por Hoffman (2005) apontaram que essas formas são usadas em todos os contextos, formais e informais, não havendo diferença significativa na distribuição desses itens nos diferentes domínios textuais. Já, a distribuição da forma *notwithstanding* (apesar disto) permitiu concluir que ela é usada, predominantemente, em contextos formais.

Como a análise da distribuição em domínios textuais não permitiu diferenciar as formas *despite* (a despeito de) e *in spite of* (apesar de), Hoffman (2005) comparou os colocados, pois partiu da premissa que todo item lingüístico tem preferência por determinadas palavras que ocorrem no seu entorno. Essa investigação, no entanto, também não permitiu a distinção entre as formas em análise, pois dentre os dez colocados mais

freqüentes, a grande maioria é comum entre elas. Por exemplo, os três colocados mais freqüentes de *in spite of* e *despite* são idênticos: fact, efforts e recession.

Foram levados em conta ainda mais três aspectos, com vistas a distinguir entre as formas analisadas: o tamanho dos sintagmas nominais que complementavam as preposições, a posição da sentença que cada forma ocupava e, por último, as preferências estilísticas de cada autor.

Com relação ao tamanho dos sintagmas nominais que complementavam as preposições, o autor baseou-se no pressuposto que sintagmas maiores indicam um estilo mais formal. Hoffman (2005) afirma que nenhuma diferença significativa pôde ser detectada. Igualmente, o exame do posicionamento dessas preposições não foi esclarecedor.

Por fim, Hoffman (2005) examinou textos em que a freqüência das preposições *despite* (a despeito de) e *in spite of* (apesar de) era alta, procurando identificar se haveria preferências pessoais dos autores que determinavam a escolha de uma forma ou outra. Essa análise, enfim, mostrou que os autores optam pelo uso de uma das formas exclusivamente, concluindo-se, pois, que são preferências idioletais que determinam o uso dessas preposições.

O trabalho de Hoffman (2005) torna-se uma referência para a análise em desenvolvimento pois seu direcionamento coincide com aquele selecionado para esta pesquisa, ou seja, ele proporciona um estudo detalhado das preposições complexas baseando-se em uma análise de corpora representativos da língua inglesa, sob uma perspectiva enfocada na relação entre estrutura lingüística e uso.

Considera-se a análise realizada por Hoffman (2005) como referência, igualmente, porque propõe uma análise em que se considera todo o entorno (os colocados) das preposições complexas em unidades maiores do que o período simples.

3.4 O lugar das Preposições complexas na gramática funcional hallidayana

Conforme dito no capítulo 2, as teorias de base funcionalista propõem que a gramática não é independente do uso, ou seja, ela explica propriedades gerais e específicas

da linguagem através de conceitos e fenômenos fora da gramática, que incluem, entre outros, as habilidades cognitivas dos seres humanos para criar representações, categorizar, generalizar e formar inferências. (cf. Bybee, 1998)

Para se investigar a realização lingüística dessas representações é necessário lançar mão do sistema de transitividade proposto por Halliday (1994), porque, de acordo com o referido lingüista, esse sistema é a nossa mais forte expressão da experiência.

3.4.1 O Sistema de Transitividade

Para entender o que é transitividade, ou representação da experiência, temos que entender que lugar ela ocupa numa descrição lingüística de cunho funcional. Segundo Halliday (1994), a linguagem tem três macrofunções: a interpessoal, a textual e a ideacional ou experiencial. A macrofunção interpessoal é aquela que determina que itens são usados a partir da relação que os interlocutores têm uns com os outros, se são formais, informais, se há igualdade de poderes dentro do discurso, se os interlocutores têm ou não certeza sobre aquilo que falam. A função textual determina que tipo de texto é formado através das trocas dos interlocutores, se o texto será escrito para ser lido, se será somente falado e construído conforme a interação se desenvolve. Finalmente, a macrofunção ideacional ou experiencial determina sobre que assuntos os interlocutores falam e como eles representam seu mundo. O sistema de transitividade, resumido pela pergunta ‘quem faz o quê a quem no discurso’, pertence a essa última função.

O sistema de transitividade se constrói através de três categorias semânticas que explicam de uma forma geral de que modo os fenômenos do mundo real são representados como estruturas lingüísticas: 1) o Processo, 2) seu(s) Participante(s) e 3) Circunstâncias (GEROT, WIGNELL, 2001).

Os Participantes, que na verdade são categorias semânticas, são responsáveis pela realização das ações, acontecimentos, sentimentos e estados realizados por meio de sintagmas verbais. Os Processos, centrais para a transitividade, são materializados por grupos verbais (*verb groups*). Dentro da lingüística funcional de Halliday (1994; 1995), esses grupos verbais servem para identificar seis tipos de processos principais: Material,

Mental, Relacional, Comportamental, Verbal e Existencial. As Circunstâncias acrescentam significado a uma oração descrevendo o contexto em que o Processo acontece.

Desta forma, no Processo Material, que expressa a noção de que algo ou alguém realizou alguma ação no mundo real, há dois participantes: o Ator e a Meta (ou extensão) (GEROT, WIGNEL, 2001). Abaixo foi feita uma tentativa de ilustrar esses elementos e dar-lhes os rótulos através de quadros.

(1)

Ativistas do Greenpeace	Despejaram	soja transgênica	em frente à casa do primeiro ministro Tony Blair.
Participante: Ator	Processo: Material	Participante: Meta	Circunstância: lugar

Os Processos Mentais representam experiências em nosso mundo interior, são *processos de sentir* (Halliday, 1994). Há três subtipos de Processos Mentais: de afeição, relacionados aos sentimentos (*odiar, amar*); de cognição, relacionados à decisão e compreensão (*saber, entender, decidir*); de percepção, relacionados à percepção através dos cinco sentidos (*sentir*). Os participantes nesse processo são o Experienciador e o Fenômeno. No Processo Mental, igualmente, haverá lugar para Circunstâncias.

(2)

Você	Gosta	de estudar	na biblioteca
Participante: Experienciador	Processo: Mental	Participação: Fenômeno	Circunstância: lugar

Os Processos Relacionais envolvem estados de ser e ter. A subdivisão que nos interessa aqui é a de Processos Relacionais Circunstanciais. Nesses processos, um dos participantes é substituído por um *elemento circunstancial*, que pode ser ocupado por uma locução prepositiva. Os Processos Relacionais Circunstanciais identificativos são reversíveis, como mostra os exemplos (3) e (4). No caso dos circunstanciais atributivos, o elemento circunstancial ocorre na posição de Atributo, como no exemplo (5).

(3)

A inauguração da praça	Será	dia 10
Part: Identificado	Pr: Identificativo	Part: Identificador

(4)

Dia 10	Será	a inauguração da praça
Part: Identificador	Pr: Identificativo	Part: Identificado

(5)

Jaime Lerner	Está	em Santiago
Part: Portador	Pr: Intensivo	Part: Atributo (circunstância)

Para finalizar e ainda sendo possível atrelar Circunstâncias a eles, existem os Processos Comportamentais (fisiológicos e psicológicos); os Processos Verbais, que são usados para sinalizar que algo ou alguém falará algo; os Processos Existenciais, que se relacionam a qualquer tipo de fenômeno que é reconhecido como existente.

As preposições complexas podem desempenhar o papel semântico de Circunstância se estiverem *dentro* da oração ou dentro de um grupo nominal estabelecendo relação entre palavras. As conjunções também podem expressar alguns significados que são, geralmente, expressos por uma circunstância, no entanto, ligam orações.

Capítulo 4

Metodologia

Este capítulo tem três objetivos. O primeiro objetivo é apontar os critérios que determinaram a escolha da metodologia e, em seguida, apresentá-la. O segundo objetivo é descrever os critérios utilizados para o levantamento dos dados, no tocante ao corpus de pesquisa e as ferramentas de coleta de dados. Por fim, o terceiro objetivo é descrever como a análise dos dados procedeu.

4.1 A Interface entre Gramaticalização e Lingüística de Corpus

Há, segundo Nevalainen (2004), três perspectivas de observação dos processos de gramaticalização: a perspectiva léxico-gramatical, a perspectiva sociolingüística e a perspectiva da Lingüística de Corpus (doravante L.C.)

Na visão de Nevalainen (op.cit.), uma investigação que compreenda essas três perspectivas permite percepções importantes sobre a gramaticalização, pois compreende a ‘análise’, ‘observação’ e ‘contextualização’ dos processos de mudança lingüística. Contudo, como a referida autora afirma, a perspectiva léxico-gramatical é a mais adotada nos estudos de gramaticalização.

Por meio dessa perspectiva, aplica-se a uma ‘análise’ do processo gramaticalização, porque se busca compreender os mecanismos envolvidos no desenvolvimento gradual de itens lexicais e itens gramaticais na escala de gramaticalidade. Por outro lado, uma perspectiva sociolingüística propicia a ‘contextualização’ dos processos de mudança, fundamentando-se nas motivações provenientes do contexto social. Por fim, ainda de acordo com a autora, “a Lingüística de Corpus é um instrumento para *observação* da

gramaticalização, de forma que proporciona uma metodologia empírica para os processos de mudança lingüística em progresso” (NEVALAINEN, 2004, p. 2, grifo da autora, tradução nossa)²⁶.

No fim da década de 90, como afirmam Lindquist e Mair (2004), aconteceu uma aproximação entre a Teoria da Gramaticalização e a L.C. Conforme Mair (2004), a Teoria da Gramaticalização e a L.C. estabeleceram-se como ramos de estudo importantes da Lingüística no final dos anos de 1970 e início dos anos de 1980. No entanto, segundo o autor, apesar de seus quadros conceituais possuírem muitos pontos em comum até a década de 90, “os teóricos da Lingüística de Corpus e da Gramaticalização trabalharam em uma sem ter conhecimento dos objetivos e resultados um do outro” (MAIR, 2004, p. 122, tradução nossa)²⁷.

Para Mair, a Gramaticalização e a L.C. possuem três concepções teóricas em comum²⁸: prioriza-se o estudo das expressões em seu contexto discursivo; valorizam-se informações provenientes de dados estatísticos e de frequência; concebe-se que a transição entre categorias gramaticais é gradativa e que há uma relação de dependência entre significado e estrutura gramatical.

Essa aproximação entre a L.C. e a Teoria da Gramaticalização possibilitou o desenvolvimento teórico de ambas abordagens, devido à troca de informações entre elas. No que concerne à colaboração da Teoria da Gramaticalização a L.C., Lindquist e Mair (op.cit.) afirmam que

para a Lingüística de Corpus histórica, a Teoria da Gramaticalização providenciou um quadro de orientação bem vindo, em sua tentativa de analisar e sistematizar uma grande quantidade de dados acumulados rapidamente...”(LINDQUIST, MAIR, 2004, p. ix, tradução nossa)²⁹.

²⁶ Tradução livre de “corpus linguistics is a means of *observing* grammaticalization in that it provides an empirical methodology for investigating processes of language change in progress” (NEVALAINEN, 2004, p.2, grifo do autor).

²⁷ Tradução livre de “corpus linguists and grammaticalisation theorists worked in blissfull ignorance of each other’s aims and results for quite some time” (MAIR, 2004, p. 122).

²⁸ O construto teórico da L.C. será apresentado na seção seguinte, no entanto, com intuito de discutir a base teórica que ela compartilha com a Teoria da Gramaticalização, alguns aspectos serão abordados nesta seção.

²⁹ Tradução livre de “For historical linguistics, grammaticalization theory provided a welcome frame of orientation in their effort to analyse and systematise a fast-accumulating mass of data...” (LINDQUIST, MAIR, 2004, p. ix).

Em relação aos benefícios proporcionados pela L.C., Mair (2004) enumera três. Em primeiro lugar, através da análise de corpus, é possível detectar processos de gramaticalização em estágios iniciais ou avançados. Segundo, uma análise quantitativa e qualitativa pode esclarecer importantes aspectos teóricos. Por último, a investigação de corpora permite conhecer fatores discursivos, de gênero e de lingüística textual mais apuradamente.

Em vista das congruências existentes entre a Teoria da Gramaticalização e a L.C. e os benefícios que essa última pode oferecer, nesta pesquisa, examinar-se-á o processo de gramaticalização de preposições complexas sob as perspectivas léxico-gramatical, perspectiva seguida tradicionalmente pelos estudos de gramaticalização, já descrita no capítulo anterior, e sob a perspectiva da L.C.

Adota-se a perspectiva léxico-gramatical, pois há o intuito de investigar a possível ação dos princípios e mecanismos de gramaticalização levando as formas investigadas a progredir na escala de gramaticalidade.

Adota-se também uma perspectiva baseada em corpus, pois, em acordo com a visão de Lindquist e Mair (2004), “os estudos de gramaticalização podem ganhar com o uso sistemático e criterioso de amplos corpora computadorizados e métodos que foram desenvolvidos dentro da Lingüística de Corpus” (LINDQUIST, MAIR, 2004, p. x, tradução nossa)³⁰. Tendo já descrito as funções exercidas pelas Preposições complexas dentro da ótica hallidayna, é objetivo do presente capítulo descrever o ferramental teórico da Lingüística de Corpus.

³⁰ Tradução de “grammaticalization studies can gain from the systematic and principled use of large computerized corpora and methods which have been developed within corpus linguistics” (LINDQUIST, MAIR, 2004, p. x).

4.2 A perspectiva baseada em Corpus: A Lingüística de Corpus

A Lingüística de Corpus ocupa-se da coleta e exploração de corpora eletrônicos através de programas de computador. Isto possibilita a investigação de grandes quantidades de textos, o que seria impraticável se a análise de dados fosse feita manualmente. A análise de corpora eletrônicos tem uma gama de aplicações além da descrição das línguas naturais. Podemos citar alguns exemplos: a comparação de fatos lingüísticos em duas ou mais línguas, a comparação de linguagem de aprendiz e de usuários experientes, estudos sincrônicos de variação entre gêneros, estudos diacrônicos de variação de uma determinada forma, o que é o objetivo deste trabalho.

Os estudos de “Lingüística de Corpus” são recentes. No Brasil, estão em estágio inicial (BERBER SARDINHA, 2004). Devido a esse fato, busca-se apresentar com esmero os pressupostos teórico-metodológicos desta teoria.

4.2.1 Lingüística de Corpus: um breve histórico

Conforme já mencionado, há muito tempo, estudiosos vem se dedicando aos estudos de corpora. Segundo Berber Sardinha (2004), esses estudos datam do século XVIII, quando já se faziam análises de grandes quantidades de texto de forma manual. Até os anos 50, as pesquisas baseadas em corpora eram criticadas porque se argumentava que o processamento de corpora por meios manuais não era confiável.

Durante a década de 1950, os estudos baseados em corpus foram totalmente abandonados, devido à pertinência das críticas feitas à deficiência de seus métodos de análise de dados e ao surgimento do gerativismo³¹.

³¹ O surgimento do Gerativismo mudou a direção da lingüística do empirismo em direção a um racionalismo. Chomsky, o fundador desta teoria, propunha que o corpus não era uma ferramenta útil para o lingüista, já que o objeto da lingüística deve ser explicar a competência (ou o sistema) ao invés da performance (ou o uso) (MC ENERY, WILSON, 1996).

No entanto, a invenção dos computadores pessoais, nos anos 60, gerou a popularização dos corpora e de ferramentas de processamento, fato que possibilitou o fortalecimento dessa área que veio a ser denominada de Lingüística de Corpus.

Em relação ao papel do computador no estabelecimento da L. C., Berber Sardinha (2004) afirma que

a história da Lingüística de Corpus está condicionada à tecnologia, que permite não somente o armazenamento de corpora, mas também a sua exploração e, por isso, está relacionada à disponibilidade de ferramentas computacionais para análise de corpus... (BERBER SARDINHA, 2004, p. 15).

Durante a segunda metade do século XX, já com o advento do computador, e a possibilidade de se recuperar um texto entre muitos outros, alguns pesquisadores se dedicaram ao estudo de corpora eletrônicos, com a intenção de compilar ou de melhorar dicionários, analisando o contexto e cotexto³² de formas lexicais. Entretanto, por causa do que era gerado em termos de listagens pelos programas de garimpagem de texto (*text-mining programs*), verificou-se que essa investigação e Teoria do Léxico estavam prestes a sofrer mudanças conceituais profundas.

A L.C. se constitui hoje como uma grande influência na pesquisa lingüística. Há, atualmente, um grande número de estudos que se encaixam na L.C, ou a utilizando como simples metodologia ou como base conceitual para o estudo do léxico. Esses estudos têm permitido o aprofundamento da teoria que, por sua vez, tem ocasionado o aperfeiçoamento das ferramentas de processamento de dados.

4.2.2 A Lingüística de Corpus como Teoria da Linguagem

Questiona-se a classificação da Lingüística de Corpus como uma teoria da linguagem. Há teóricos que a consideram apenas uma metodologia. Por exemplo, Leech (1992) a descreve como uma ‘base metodológica’ ao afirmar que

em princípio (e muitas vezes na prática) a L.C. combina facilmente com outros ramos da lingüística: podemos estudar fonética, sintaxe, sociolingüística, e

³² Cotexto é o ambiente lingüístico imediato em que uma unidade do discurso ocorre.

qualquer outro aspecto lingüístico através de corpora, e quando nós estamos fazendo isso, podemos dizer que estamos combinando técnicas da L.C. com o objeto de estudo da fonética, sintaxe, sociolingüística, e assim por diante (LEECH, 1992 apud GARCIA, 2002, p.17)³³.

Embora não haja consenso quanto ao status de teoria da L.C., no presente trabalho, em conformidade com Berber Sardinha (2004), considera-se que a L.C. possui um aparato instrumental e um conjunto de pressupostos de caráter teórico próprio.

O quadro conceitual da Lingüística de Corpus é formado pela teoria empirista e por uma visão probabilística da linguagem. Aplicar a teoria empirista à linguagem significa priorizar os dados provenientes da observação da linguagem em uso. A visão probabilística da linguagem pressupõe que apesar de muitos traços ocorrerem, eles não ocorrem com a mesma freqüência ou distribuição e que, para se estudar a linguagem em uso, podemos estudar uma fração da linguagem. Essa fração sinaliza a ocorrência e distribuição de algum fenômeno na língua como um todo.

No que concerne à diferença da freqüência entre os traços, postula-se que ela não é aleatória, pois os contextos de uso determinam a escolha das características lingüísticas. Essa correlação existente entre os contextos de uso e a escolha de traços determina padrões, daí a concepção que a linguagem é padronizada (BERBER SARDINHA, 2004).

A padronização da língua evidencia-se nas associações lexicais, semânticas e sintagmáticas realizadas entre os itens lexicais, que, respectivamente, são denominadas ‘colocação’, ‘prosódia semântica’ e ‘coligação’.

Primeiro, o conceito de colocação está centrado na compreensão que todo item lexical tem preferência por determinadas palavras que ocorrem no seu entorno, tanto a sua direita como a sua esquerda. Assim, a colocação é a “associação entre itens lexicais, ou entre o léxico e campos semânticos” (BERBER SARDINHA, 2004, p. 40).

Através dos colocados é possível verificar, por exemplo, de que forma duas expressões aparentemente sinônimas acontecem dentro da língua em uso. Como exemplo, pode-se citar a investigação de Hoey comentada por Berber Sardinha (1999), na qual se traçam as diferenças entre os itens ‘conseqüência’ e ‘resultado’, itens lexicais

³³ Tradução livre de “In principle (and often in practice) CL combines easily with other branches of linguistics: we can study phonetics, sintaxe, sociolinguistics, and any other aspect of linguistics by means of corpora, and when we are doing this we can be said to be combining techniques of CL with the subject-matter of fonetics, sintaxe, sociolinguistics, and so on” (LEECH, 1992 apud GARCIA, 2002, p. 17).

aparentemente sinônimos, através de seus colocados. Um estudo dos colocados de consequência mostra que esse item tem preferências por colocados como *acidente*, *desastre*, *elevação do custo de vida*. Resultado, por outro lado, tem colocados como *investigações*, *processo*, *atividade física*, etc.

A prosódia semântica é o resultado do campo semântico dos colocados. Ela é a associação entre os itens lexicais e sua conotação (BERBER SARDINHA, 2004). Com relação aos colocados de consequência acima citados, nota-se que têm prosódia negativa. Por outro lado, a prosódia semântica de resultado é neutra.

Por último, as coligações são as preferências sintáticas realizadas pelas palavras. “Por exemplo, *start* é mais comum com sintagmas nominais e orações *-ing*, enquanto *begin* é mais usado com o complemento *to*” (BIBER,1998 apud BERBER SARDINHA, 2004, p. 40)

Pode-se compreender, com base no que foi apresentado, que os estudos de L.C. não se restringem a apresentar dados estatísticos, todavia eles aplicam uma análise qualitativa à esses dados numéricos o que torna mais completo o estudo lingüístico.

Por fim, devido ao foco da L.C. incidir sobre manifestações reais da língua, torna-se primordial o uso do corpus, pois é nele que se pode obter dados provenientes do uso real língua em situações de comunicação.

4.2.3 O Conceito de Corpus para a Lingüística de Corpus

Para entender a L.C., é importante compreender, antes, a definição de corpus. Corpus é, segundo Sánchez (1995)

um conjunto de dados lingüísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou a ambos), sistematizados segundo determinados critérios, suficientemente extensos em amplitude e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade do uso lingüístico ou de algum de seus âmbitos, dispostos de tal modo que possam ser processados por computador, com a finalidade de propiciar resultados vários e úteis para a descrição e análise (SÁNCHEZ, 1995 apud BERBER SARDINHA, 2004, p. 18).

Segundo Berber Sardinha (2004), a definição de corpus proposta por Sánchez é adequada à proposta da Linguística de Corpus, pois menciona os seguintes aspectos que são essenciais a configuração de um corpus: autenticidade dos dados, especificidade do corpus, escolha criteriosa dos dados, dados legíveis por computador, extensão e representatividade.

As primeiras características a serem priorizadas na compilação de um corpus eletrônico são a origem e o propósito dos dados. Os dados que compõem o corpus devem ser autênticos, ou seja, não devem ser criados com o propósito de serem alvo de pesquisa. A escolha desses dados se dá com base em critérios criados antes da composição do corpus, o que permite a sistematização de sua composição.

O corpus deve ter a finalidade de ser um objeto de estudo lingüístico, por isso deve-se avaliar antes de sua elaboração os propósitos a serem alcançados com seu uso. Esse é um dos critérios que norteiam a criação do corpus, pois a finalidade do corpus determinará os tipos de dados que formarão o conjunto de análise.

A prévia definição dos propósitos também influencia na representatividade do corpus. Um corpus deve ser representativo da linguagem, de um idioma, ou de uma variedade dele. Assim, o corpus receberá a configuração em função de sua finalidade e de sua representatividade.

A representatividade do corpus é de extrema importância. Comumente, a extensão do corpus tem sido associada à representatividade, pois quanto maior o corpus maior a probabilidade de aparecerem ocorrências raras.

A esse respeito Berber Sardinha (2004, p. 12) afirma que

a linguagem é um sistema probabilístico, no qual certos traços são mais freqüentes que outros. [...] Assim, algumas palavras têm freqüência de ocorrência muito rara e, para que haja a probabilidade de ocorrerem no corpus, é necessário incorporar uma quantidade grande de palavras. Portanto, quanto maior a quantidade de palavras, maior a probabilidade de aparecerem palavras de baixa freqüência” (BERBER SARDINHA, 2004, p. 23).

A extensão do corpus se dá em três dimensões: número de palavras, número de textos e número de gêneros. A respeito do número de palavras, pode-se afirmar que quanto mais palavras, maior será o corpus. Na questão do número de textos, que está mais relacionada a corpora de textos específicos, garante-se que o gênero esteja mais bem

representado. Por fim, na dimensão do número de gêneros, encontraremos corpora variados, com o intuito de representar a língua como um todo.

Por fim, espera-se, conforme dito, que os corpora sejam representativos de uma língua, todavia eles não são necessariamente adequados à investigação de qualquer evento lingüístico. A escolha ou a compilação de um corpus deve ser adequada aos interesses do pesquisador.

4.3 O corpus de Análise: O corpus do Português

Há inúmeros programas computacionais para seleção, extração, contagem e arrumação de itens lexicais em corpora eletrônicos, tanto pagos como obtidos na internet. Para esta pesquisa, utilizou-se o programa e o corpus disponível no site <http://www.corpusdoportugues.org/>, site criado pelo Professor Mark Davies e pelo Professor Michael J. Ferreira³⁴.

O Corpus do Português foi coletado entre os anos de 2004 e 2006. Ele é composto por textos em língua portuguesa a partir do século XIV até o século XX que são divididos em quatro grandes categorias de tipos de textos: oral, acadêmico, noticiário e ficção, além de serem separados, a partir do século XX, em português do Brasil e de Portugal.

Considera-se que o Corpus do Português seja representativo devido a sua extensão. Primeiramente, porque é composto por mais de 45 milhões de palavras em mais de 50.000 textos em português dos Trezentos (1300s) aos Novecentos (1900s). Além disso, a divisão do corpus em categorias textuais também contribui para representatividade do corpus, pois permite abranger as mais variadas manifestações da linguagem.

Apresenta-se abaixo uma tabela que contém o número de palavras por século:

Século XIV	Século XV	Século XVI	Século XVII	Século XVIII	Século XIX	Século XX
1.381.510	3.085.220	5.470.841	3.966.634	2.477.22	12.049.829	12.009.402

Tabela 4.1 – Total de Palavras do Corpus do Português por Século.

³⁴ Encontra-se no anexo 3 uma ilustração da página principal do site.

A coletânea do Corpus de Português mostra-se adequada aos objetivos pré-estabelecidos para este estudo. Primeiramente, porque ela contém uma mistura de textos documentais e de ficção e no século XX, há sub-corpora divididos em vários gêneros, tais como noticiário, ficção, acadêmico e oral. Acredita-se também que ela permitirá traçar a mudança das preposições complexas em exame através dos séculos. Possibilitará, ainda mapear a entrada e a incorporação de novas formas na língua, além de mapear a frequência e a distribuição das formas em diferentes registros. Além de todas essas vantagens, o Corpus do Português está todo etiquetado em termos de classe gramatical, o que facilita a busca sobremaneira.

Para a presente pesquisa, consideraram-se os séculos XIV, XV, XVI, XVII, XVIII, XIX e XX, mas descartou-se os textos do século XX do Português Europeu, visto que uma investigação dos caminhos das preposições complexas naquela variedade estão além do escopo desta dissertação.

Na sub-seção seguinte, apresentar-se-ão as ferramentas que possibilitam a realização dessa investigação.

4.4 Ferramentas para coleta de dados

Através do programa disponível no site <http://www.corpusdoportugues.org/> é possível pesquisar palavras exatas ou frases, curingas, lemas, classes gramaticais, ou qualquer combinação desses itens mencionados e ainda os colocados com um máximo de dez palavras de cada lado.

As palavras exatas ou frases são as palavras que o pesquisador tem interesse em investigar em termos de cotexto ou mesmo contexto. Os curingas podem ser classes gramaticais, podem ser sufixos, ou afixos. Daí, se quisermos investigar que substantivos ocorrem após 'em frente de', basta colocar 'em frente de +[n]', que será lido pelo computador como liste todos os substantivos que ocorrem após 'em frente de'.

De acordo com Berber Sardinha (2004), o principal instrumento disponibilizado pela L.C. para a observação dos padrões de uso das palavras e mapeamento das frequências é a concordância. "A concordância é uma listagem das ocorrências de um item específico,

dispostas de tal modo que a palavra de busca aparece centralizada na página” (BERBER SARDINHA, 2004, p. 188).

Com relação às ocorrências, o programa também fornece percentuais de uso das palavras de busca como demonstrado abaixo, o que permite dizer se a expressão tem a preferência dos usuários de determinada época ou gênero, ou mesmo gênero dentro de determinada época.

4.5 Procedimentos de Análise

A primeira etapa da análise foi a coleta dos dados. Para realizar tal tarefa, foram inseridas na ferramenta de pesquisa os seguintes comandos: ‘ * frente [prep]’, ‘ * face [prep]’ e ‘ em vista [prep]’. Para coletar as preposições com núcleo ‘frente’ e ‘face’, optou-se por usar o asterisco (*) antes do núcleo porque com esse caracter o programa não restringe a procura, evidenciando as vírgulas e pontos que estão situados antes do núcleo. Com isso se tornou possível encontrar também as ocorrências de *frente a* e *face a*.

O resultado desta pesquisa foi a produção de uma tabela com as formas encontradas e número de ocorrências por séculos, conforme exemplificam os anexos 4,5 e 6.

Através da tabela gerada pelo programa, foi possível ter acesso às concordâncias de todas as preposições complexas que foram analisadas. As concordâncias foram copiadas e coladas no Microsoft Word e, então foram organizadas por século e registro, no caso das ocorrências do século XX, já que, no Corpus, só há divisão pelo registro dos textos do século XX.

Um ponto negativo do programa utilizado é que as concordâncias são disponibilizadas em grupos de 100, ou seja, só se tem acesso a 100 ocorrências em cada página. Isso dificulta o trabalho em casos de números elevados de ocorrências.

Depois da preparação das concordâncias de cada preposição complexa, aplicou-se a interpretação dos dados. A análise foi de caráter qualitativo e quantitativo.

A análise qualitativa teve como objetivo determinar as polissemias e o papel exercido pela preposição na oração por meio do exame das colocações e coligações. O exame das colocações foi feito através da investigação das relações semânticas

estabelecidas pelas preposições e pelo significado das colocados. Para identificar as nuances semânticas que as preposições complexas apresentavam, substituíram-se as preposições em análise por outras já categorizadas, como se observará no capítulo referente a análise dos dados.

A investigação das coligações deu-se através da observação da posição que a preposição ocupava na oração: se ela aparecia no sintagma nominal ou no sintagma verbal e se a significação atribuída por ela recaía sobre o Processo ou sobre os Participantes ou mesmo como elemento de junção entre orações.

Buscou-se através da análise quantitativa mapear a frequência de ocorrência por séculos e por polissemia para possibilitar a delimitação da mudança histórica das preposições complexas estudadas e procurar identificar possíveis tendências de mudança: a convivência entre camadas, descarte de camadas e /ou estabelecimento de novas camadas.

No último capítulo da dissertação, foi feita uma demonstração do percurso de cada preposição complexa estudada, considerando o número de palavras em cada século.

Na próxima seção, serão apresentados e discutidos os dados analisados.

Capítulo 5

Análise dos Dados

Nesta seção, tem-se por objetivo a apresentação e discussão dos resultados obtidos por meio da análise de ocorrências das preposições complexas em face de, em face a e face a, em vista de e em frente de, em frente a e frente a, extraídas do Corpus do Português, conforme explicado no capítulo de Metodologia.

É importante ressaltar que todas as classificações que aqui são propostas, são baseadas nas evidências de colocações e coligações fornecidas pelo corpus e na interpretação desta pesquisadora para a função semântica.

Apresentar-se-ão, inicialmente, as análises sobre o grupo de itens que apresentam o substantivo *face* como núcleo nominal. Em seguida, serão exibidas as análises do item em vista de e, por último, serão expostas as análises sobre o grupo de itens que apresentam o substantivo *frente* como núcleo nominal. Este ordenamento tem como justificativa o fato de os trajetos empreendidos pelos itens contendo *frente* serem os mais complexos e portanto são os que mostram mais dificuldade de categorização.

5.1 Face

Esta subseção analisa as construções formadas com o núcleo nominal *face*. Assim, analisar-se-ão as formas em face de, em face a e face a. As análises serão apresentadas em subseções distintas.

5.1.1 Em Face de

A análise do item em face de foi realizada com base em 259 ocorrências encontradas no corpus em exame. Essas ocorrências datam de três diferentes séculos: XVI, XIX e XX.

Na tabela abaixo, apresenta-se um resumo do número de ocorrências, as porcentagens e a divisão por séculos e por usos. Entendemos por usos, as relações semânticas estabelecidas pelos itens em questão. Daí, termos colocado colunas na tabela abaixo contendo as acepções de lugar, oposição, causa, relação e concessão.

Século	Preposição Complexa										Total
	Lugar ³⁵		Oposição ³⁶		Causa ³⁷		Relação ³⁸		Concessão ³⁹		
XVI	1	100%									1
XIX	136	86%	0	0%	14	9%	1	5%	0	0%	151
XX	12	11%	2	2%	61	57%	30	28%	2	2%	107

Tabela 5.1 – Classificação Semântica de Em face de.

No Corpus do Português, a primeira ocorrência da construção em face de espacial somente foi encontrada em dados do século XVI. Outras ocorrências deste item foram encontradas em textos do século XIX e XX:

- (1) [séc. XVI] “... são marido e mulher depois de ser consumado o matrimônio, e serem recebidos em face da igreja ou em casa ...”
- (2) [séc. XIX] “... Manoel ficou imóvel em face da aparição incompreensível.”

No exemplo (1), em face de está sendo usado para atribuir uma circunstância espacial ao Processo (receber) realizado pelos participantes da oração (marido e mulher). Essa afirmação pode ser confirmada, pois há a coordenação de uma outra circunstância espacial introduzida pela preposição *em* (em casa). Igualmente, em (2) a preposição complexa ocorre dentro do sintagma verbal atribuindo sentido ao Processo.

Assim, como foi encontrada uma única ocorrência entre os séculos XIV e XVIII, observaram-se também ocorrências da palavra *face* isoladamente, para tentar identificar se essa palavra já era usada com valor espacial sem fazer parte da preposição complexa propriamente dita. Isto foi feito, pois palavras que designam partes do corpo podem passar a designar noções espaciais, conforme propõe Heine (1991).

³⁵ Entende-se por Lugar os usos em que se expressa noção de espaço.

³⁶ Entende-se por Oposição os usos em que se expressa a idéia de contrariedade.

³⁷ Entende-se por Causa os usos em que está presente a idéia de causa – consequência.

³⁸ Entende-se por Relação os usos em que duas idéias são comparadas em termos de uma terceira idéia.

³⁹ Entende-se por Concessão os usos em que se dá uma idéia de exceção.

Não serão apresentados dados numéricos para quantificar os usos do item *face* somente, pois isto fugiria ao escopo desta subseção, que é a abordagem da preposição complexa em face de. Alguns exemplos foram retirados dos textos para fins de exemplificação.

Pôde-se evidenciar que nos textos do século XIV e XV do Corpus do Português a palavra *face* já apresentava sentido espacial, como mostram os exemplos (3) e (4):

(3) [séc. XIV] “...Mas aquellos beneficiados, quando aquello virom, entenderon ben o que era e contrariaron a el rey en face...”

(4) [séc. XV] “Mas por todo esto ñ leixavam face dos da villa, de guisa que todollos da villa os viiã...”

No exemplo (3) e (4), a palavra *face* já não é empregada para referir-se à parte do corpo, mas o seu uso foi estendido para expressar também a noção de lugar. Pode-se perceber que da mesma forma que os exemplos (1) e (2), a forma *face* aparece no sintagma verbal atribuindo a ele uma noção espacial.

Também é digno de nota o fato de, no século XIV, o núcleo *face* ligar-se com a preposição *em* e, no século seguinte, juntar-se com a preposição *de*. Esses casos podem sugerir que talvez antes da institucionalização da forma em face de existissem dois usos que foram reanalisados em um.

Nesse período, coexistiam dois sentidos para *face*: seu sentido concreto que designa uma parte do corpo humano e seu significado espacial. Contudo, seu sentido concreto prevalecia em relação ao sentido espacial.

Nos séculos XVI e XVII, não foram encontradas ocorrências da palavra *face* sendo usada com sentido espacial. Igualmente, a frequência de ocorrência da preposição complexa de lugar em face de é muito baixa, já que se evidenciou apenas uma ocorrência no século XVI. Isto talvez tenha sido causado mais pelo recorte do corpus propriamente dito do que pelo uso dos itens.

O corpus escolhido para análise não se mostrou significativo para que se pudesse traçar a trajetória de desenvolvimento da preposição em face de, em virtude da baixa frequência de ocorrência desse item. Este fato não deve ser visto como indicativo de que o

item não era usado no século XVI, mas sim que o corpus coletado para esse século, corpus que possui 5.470.841 de palavras não se mostrou representativo para se analisar essa preposição complexa. No entanto, a evidência de que no século XIV a palavra *face* apresentava um uso espacial sugere que tal item já estava se gramaticalizando, pois a abstratização do significado pode sinalizar uma etapa inicial do processo de gramaticalização. Acredita-se que, talvez, a gramaticalização deste item seja fruto de uma transferência metafórica.

No século XIX, observou-se um crescimento considerável na frequência de uso em relação aos séculos anteriores. Foram encontradas 158 ocorrências. Simultaneamente, evidenciou-se uma extensão de usos, pois tal item passou a apresentar várias polissemias.

Durante esse período, o uso espacial de em face de ainda era prevalecente em relação aos outros usos, como se pode notar a partir do gráfico abaixo:

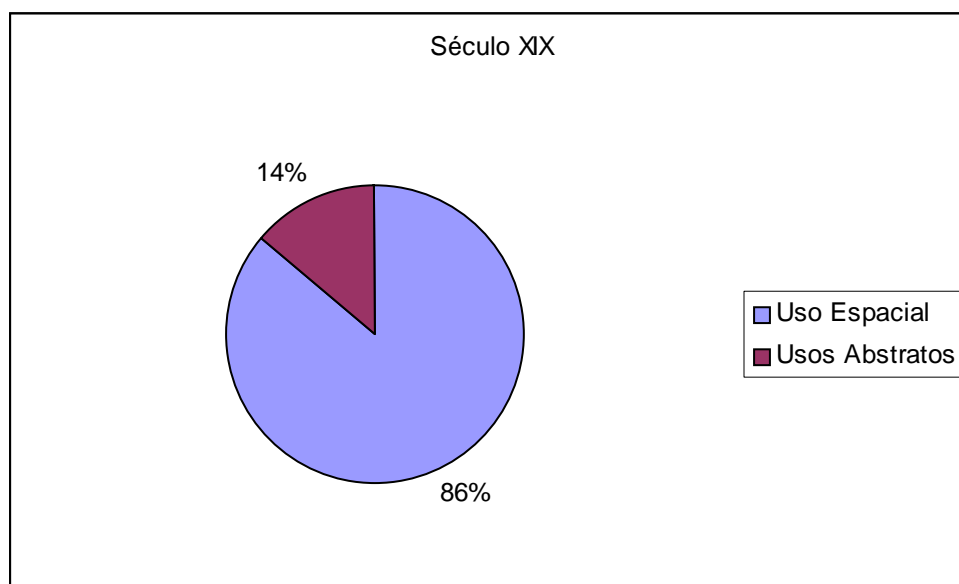


Gráfico 5.1 – Coexistência de Polissemias de Em face de

Os exemplos (5) e (6), a seguir, exemplificam tais usos:

(5) [séc. XIX] “... Ela parou em face de *Cecília* meio deitada sobre a rede...”

(6) [séc. XIX] “... A indignação do mancebo, a revolta do seu caráter em face de tal procedimento, sobrepujou a mágoa de se ver esquecido...”

No exemplo (5), o item em face de está sendo usado para introduzir uma circunstância de lugar atribuindo-a ao Processo (parar). Quando usado como preposição complexa de lugar coloca-se, primordialmente, com substantivos próprios e/ou substantivos que se refiram a pessoas, conforme (5) e coliga-se com Processos Materiais.

No exemplo (6), o item em face de atribui uma noção de causa - conseqüência, esse sentido pode ser comprovado por meio da substituição de em face de por em virtude de, por exemplo. O item em face de está colocando-se com uma nominalização de um Processo Material (revolta). Infere-se que há essa preferência, devido ao sentido de conseqüência que implicitamente sugere uma reação a uma ação anterior. Isso pode ser observado em mais um exemplo dessa preferência colocacional:

(7) [séc. XX] “ há meses falida em face da elevação descontrolada dos preços dos veículos...”

No século XIX, evidenciou-se, ainda, uma especialização do sentido com o surgimento de duas nuanças semânticas: causa, como em (6), e relação, como no exemplo a seguir:

(8) [séc. XX] “...No último, aqui transcrito, ficou a essência do pensamento do escritor sobre o ensino, a sua indispensável autonomia em face do Estado. [em relação ao]

No exemplo (8) está presente a noção de posicionamento, atitude para com algo (estado).

No século XX, verificou-se, ainda, a coexistência entre os usos de em face de. No entanto, houve uma grande diminuição do número de ocorrências de em face de com valor espacial e um aumento de usos abstratos, conforme gráfico 5.2.

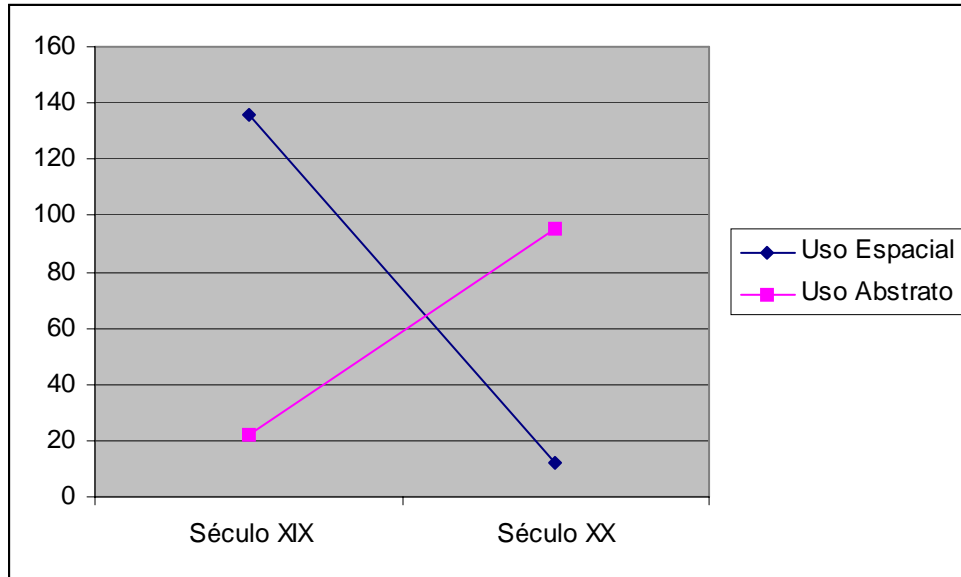


Gráfico 5.2 – Mudança de Em face de entre o século XIX e XX

Como se observa no gráfico 5.2, entre o século XIX e XX, o número de ocorrências de valor espacial diminuiu e houve um aumento do número de ocorrências de usos abstratos.

No século XX, evidenciaram-se, além das noções de *causa* e *relação* que já foram encontradas em textos do século XIX, as noções de *concessão* e *oposição*, como se observa nos exemplos (9), (10) e (11) :

(9) [séc. XX] “... o professor ganha pouco em face do esforço que ele faz pra transmitir a coisa a sério...” [apesar do]

(10) [séc. XX] “...Trata-se de ação civil pública proposta pelo Ministério Público do Distrito Federal e Territórios em face de Mercedes-Benz Leasing -- Arrendamento Mercantil S/A...” [contra]

(11) [séc. XX] “...Vinícius Burnett Aboud da Eira e Danilo Burnet da Eira em face de Transbrasil S/A Linhas Aéreas...” [contra]

No desenvolvimento do item em face de do século XIX para o século XX, observou-se uma competição entre as polissemias. Todas as polissemias passaram a ser

usadas com maior frequência no século XX, contudo a noção de causa foi a que obteve crescimento mais expressivo, como se pode ver no gráfico a seguir:

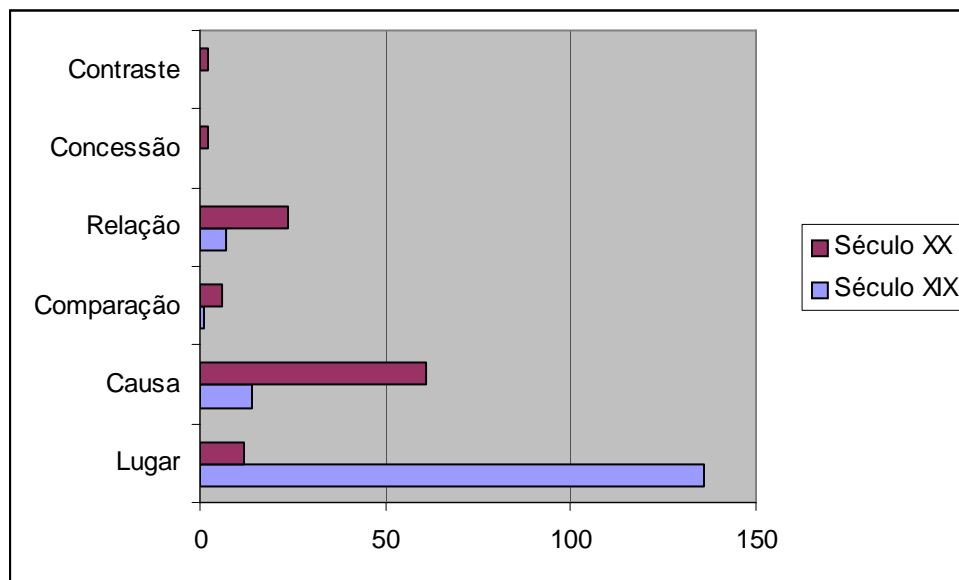


Gráfico 5.3 – Convívio entre as polissemias abstratas de Em face de entre os séculos XIX e XX.

Foram evidenciadas duas ocorrências do item em face de sendo usadas com sentido de contraste, os exemplos (10) e (11). Ambas ocorrências apareceram em textos jurídicos sendo usadas em contextos semelhantes o que sugere que tal uso seja específico desse gênero textual. No entanto, não se pode propor generalizações por conta da baixa frequência de ocorrência desse uso.

Por fim, todas as evidências apontadas levam a crer que o item em face de está em processo de gramaticalização, pois, esse item sofreu uma generalização do significado que levou a extensão dos significados possibilitando que ele seja usado em contextos mais abstratos. Além disso, está passando por uma especialização semântica desenvolvendo várias polissemias, que competem entre si.

5.1.2 Em face a

Foram encontradas no corpus 13 ocorrências do item em face a, 11 ocorrências no século XIX e 2 no século XX.

No século XIX, as ocorrências encontradas sugerem que em face a funcionava, exclusivamente, como uma preposição complexa de lugar, conforme exemplo (12):

(12) “Atreva-se um chefe liberal a proferi-la em face ao Rei e ele o capitulará...”

Da mesma forma que o exemplo (5) (em face de Cecília), o item em face a, no exemplo (12), está sendo usado para introduzir uma circunstância espacial, sendo que em face a e em face de parecem intercambiáveis. No século XX, 1 ocorrência de em face a apresentou um uso espacial e a outra foi usada com valor de relação, conforme exemplo (13).

(13) Considera-se um ecossistema saudável quando são mantidas sua estrutura e função através do tempo, em face a perturbações externas. [em relação a]

Como se observa em (13) e em muitos dos exemplos de em face de, os colocados posteriores são nominalizações (em face a perturbações; em face da busca da verdade real, em face da mudança dos fatos sociais)

Acredita-se que a baixa frequência de ocorrência do item em face a seja em função de exercer as mesmas funções que a forma em face de.

Assim, embora poucas ocorrências desse item tenham sido encontradas, a diminuição da frequência do uso concreto sugere que tal item está, de forma semelhante ao item em face de, passando por um processo de abstratização.

Notou-se até agora duas formas compostas com o item *face* como núcleo nominal: em face de e em face a. Notou-se também que, no século XIX, parecem intercambiáveis.

5.1.3 Face a

Infere-se, devido à semelhança na forma, que face a seja uma redução de em face a. Como não se trata de perda de substância fonética somente, mas da perda da preposição inicial, possivelmente, não se trata de uma erosão fonética.

A primeira ocorrência do item face a foi encontrada já no século XIV. Já nessa ocorrência evidencia-se um uso abstrato expressando causa, conforme se pode notar no exemplo abaixo:

(14) “...Face à queixa apresentada por Martin Anes e João Lourenço, cônegos integrantes do Mosteiro de Vilarinho, o prior do Mosteiro de Vilarinho deverá dar aos queixosos e aos demais cônegos do mosteiro a ração de pão alvo, carne, pescado ...” [por causa da]

Entre os séculos XV e XIX, não foram encontradas ocorrências de face a no Corpus do Português. No século XX, todas as 28 ocorrências de face a encontradas expressavam a noção de causa. Não se evidenciaram outras polissemias nos dados.

Com base nos dados disponíveis, não se pode afirmar que face a é uma redução de em face a ou, ainda, que representa camada de em face a, pois não foram evidenciadas ocorrências em que ambos expressassem a mesma nuance semântica durante um período.

Pode-se afirmar, apenas, que face a e em face de competem em textos do século XX, pois ambas expressam sentido de causa, como se observa nos exemplos (15) e (16):

(15) [séc. XX] “... Em 1876, em face do fracasso, a Primeira Internacional dissolveu-se.”

[paráfrase] “... Em 1876, face ao fracasso, a Primeira Internacional dissolveu-se.”

(16) [séc. XX] “...Face às dificuldades macroeconômicas do País, observou-se uma tendência de redução significativa do volume de crédito rural formal e um aumento nas taxas de juros pagos pelos agricultores.”

[paráfrase] “...Em face das dificuldades macroeconômicas do País, observou-se uma tendência de redução significativa do volume de crédito rural formal e um aumento nas taxas de juros pagos pelos agricultores.”

Assim sendo, pode-se inferir que, nas evidências fornecidas pelo corpus, a forma face a foi usada como preposição complexa de causa, estabelecendo uma relação de causa entre as palavras. Por isso, pode-se concluir que ele está em gramaticalização, pois está sendo usado em contextos abstratos.

Na próxima subseção, a análise sobre o item em vista de será apresentada.

5.2 Em vista de

A análise do item em vista de foi realizada com base em 121 ocorrências encontradas no corpus em exame. Essas ocorrências datam de diferentes séculos, conforme já explicado no capítulo de Metodologia e apresentam diferentes funções.

Na tabela abaixo, apresenta-se um resumo do número de ocorrências, as porcentagens e a divisão por séculos e por usos.

Século	Preposição Complexa										Total	
	Lugar		Finalidade		Conseqüência		Comparação		Concessão			
XV	8	89%	1	11%								
XVI	10	83%	2	17%							12	100%
XIX			4	7%	51	89%	1	2%	1	2%	57	100%
XX			1	2%	39	91%	2	5%	1	2%	43	100%

Tabela 5.2 – Classificação Semântica de Em vista de

Como se observa na tabela 4.2, as primeiras ocorrências evidenciadas do elemento em vista de datam do século XV. Embora o corpus analisado compreenda textos do século XIV, nesses textos não foram encontradas ocorrências.

No Corpus do Português, não foram encontradas, igualmente, ocorrências de em vista de nos séculos XVII e XVIII, contudo, não se pode inferir disso, que essa forma não era usada pelos falantes. Tudo que se pode inferir é que na seleção de textos feita para esses séculos para inclusão no Corpus do Português, não há evidencia de uso.

A análise do corpus permitiu identificar que a preposição complexa em vista de, durante sua trajetória de mudança, exerceu a função de preposição complexa, especializando-se em várias nuances semânticas.

Primeiramente, por meio dos dados, pôde-se compreender que a preposição complexa em vista de pode ser usada para introduzir circunstâncias com sentidos espaciais, por isso, relaciona-se com colocados com valor espacial e também com pronomes pessoais. Como se pode observar nos exemplos (15), (16) e (17), do século XV.

(15) [séc. XV] “... Tornamos na volta do mar e pousamos em vista da⁴⁰ cidade.”

(16) [séc. XV] “... ele tornou e deu aquilo em vista de nós...”

(17) [séc.XV]“... Parte do seu mui alvo corpo foi descoberto, em vista d’os que eram presentes...”

Conforme os dados observados, os usos de em vista de como preposição complexa espacial se restringem ao século XV e XVI.

Embora não tenham sido encontradas ocorrências de em vista de em textos do século XIV, essa coexistência de usos sugere que a gramaticalização desta preposição foi iniciada antes deste século, pois, postula-se que, a partir do traço espaço derivam-se noções mais abstratas num processo que vai do mais concreto para o mais abstrato. Assim, sugere-se a noção espacial que é predominante nos usos evidenciados nos séculos XV e XVI, deve ter sido, em períodos anteriores, o único sentido existente.

No corpus, igualmente, não se evidenciaram usos de sentido espacial nos séculos seguintes. Esse fato também sugere que a preposição complexa em vista de está em processo de gramaticalização, devido ao avanço na escala de abstratização.

O item em vista de, quando preposição complexa de lugar, coliga-se com Processos Materiais e Relacionais. Quando usado com verbos materiais, localiza espacialmente a ação realizada, como no exemplo (15). Quando usado com verbos relacionais, localiza espacialmente um ser ou objeto, como no exemplo (18).

⁴⁰ Todas as preposições complexas aparecerão grifadas no corpo da dissertação para melhor visualização, sendo que o grifo é da autora.

(18) [séc. XVI] “... povo enchia todos *os lugares* altos e baixos que *estavam em vista da* ribeira”.

Em síntese, nos séculos XV e XVI, foram encontradas ocorrências de em vista de funcionando como preposição complexa espacial. Essa forma coloca-se com palavras de significado concreto (nós, cidade, etc) e coliga-se com verbos que expressam processos materiais e relacionais.

Nas ocorrências dos séculos XV e XVI, conforme mencionado, identificou-se uma extensão dos usos de em vista de que passou a ser usado com valor de finalidade, como se observa no exemplo (19):

(19) [séc. XIX] “Poderia Berta levar-lhe [Jorge] a mal a preocupação que tomava principalmente em vista da felicidade dela?”

No exemplo (19), a preposição complexa em vista de expressa a noção de finalidade, pois alcançar a felicidade de Berta era o propósito de Jorge.

A seguir, apresenta-se o gráfico 5.4 que mostra a convivência entre esses usos nos séculos XV e XVI:

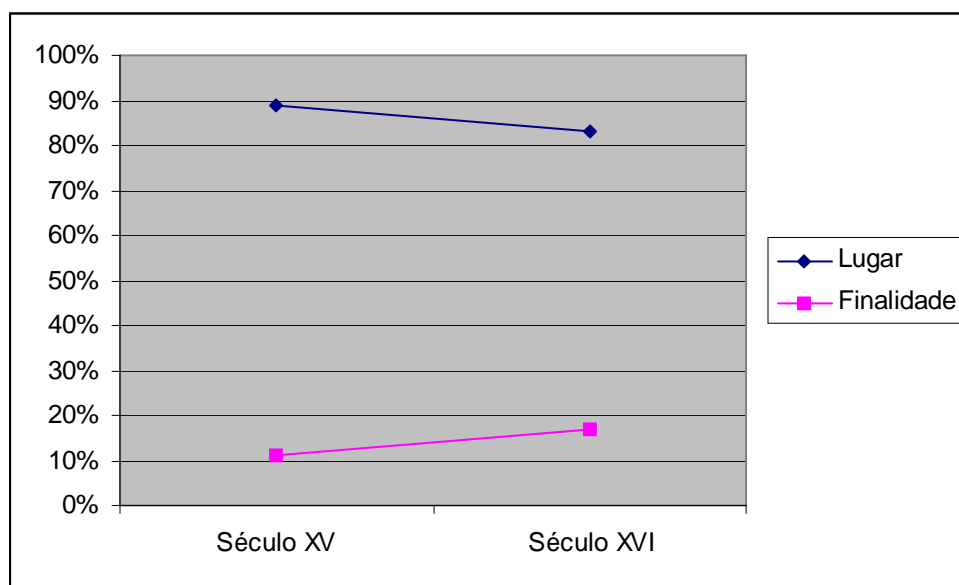


Gráfico 5.4 – Coexistência de Nuances Semânticas de Em vista de nos séculos XV e XVI

Como se pode observar no gráfico 5.4, entre os séculos XV e XVI, há uma competição entre os usos do item em vista de, pois enquanto a frequência de ocorrência de em vista de final aumenta, a frequência de ocorrência de em vista de espacial diminui.

Como Hopper (1991) afirma, a escolha por uma das funções não é obrigatória, elas podem coexistir e ainda interagir com outras funções. Entretanto, conforme o Corpus do Português, esse não é o caso do elemento em vista de, pois não se evidenciam, nos séculos XIX e XX, ocorrências de em vista de espacial.

O gráfico abaixo apresenta a mudança desses usos entre os séculos XV e XX:

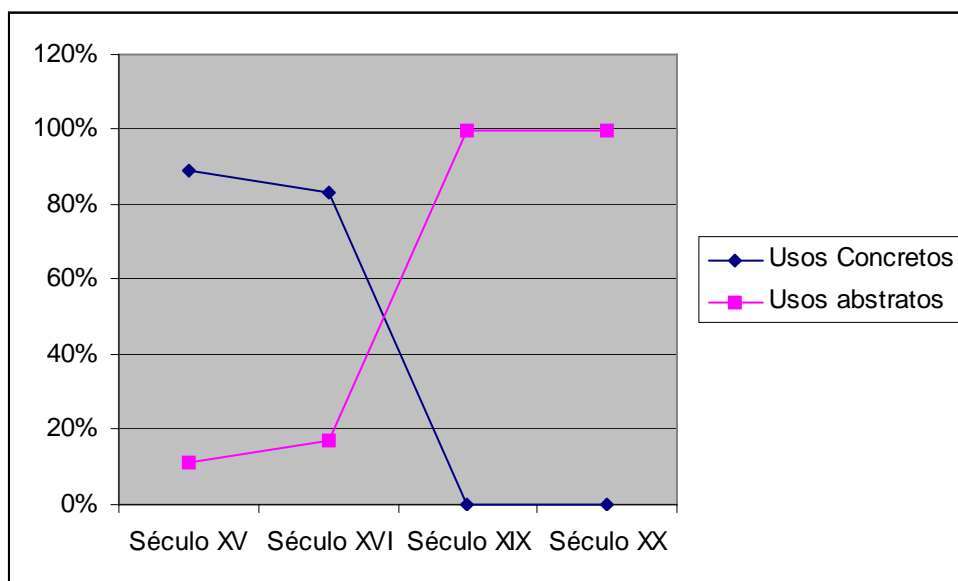


Gráfico 5.5 – Mudança de Em vista de do Século XV ao XX.

É possível compreender a partir do gráfico 5.5 que, após um período de convivência, nos séculos XIX e XX, o item em vista de passou a ser usado, exclusivamente, com valores abstratos.

O item em vista de passou, ainda, por um processo de generalização do significado através do qual recebeu sentidos mais abstratos inferidos a partir do contexto situacional, como se pode observar nos exemplos abaixo, dos séculos XIX e XX:

(20) [séc. XIX] “Os julgadores, em vista da ocorrência, anularam o que se tinha feito...”
[em virtude de]

(21) [séc. XX] “... o esforço extraordinário de adaptação de um povo às condições naturais em vista de construir um habitat.” [para]

(22) “...as mocinhas de quinze anos atrás eram mais recatadas em vista de [as mocinhas de quinze anos de] hoje...” [em comparação com]

(23) “...O rapaz corria o olho pela fazenda, na qual já lhe ia parecendo ter parte. Muito gado, em vista da falada crise....” [apesar da]

Quando o item em vista de é usado com valor espacial, como exemplificado em (15), (16), (17) e (18), há uma intenção comunicativa puramente descritiva: ele acrescenta informação sobre o local da cena descrita. Nos exemplos acima, essa noção espacial não se mantém, não há uma relação com a ação de ‘ver’.

No exemplo (20), em vista de está sendo usado para criar uma relação de causa – consequência. No exemplo (21), uma relação de causa – finalidade. No exemplo (20), uma comparação em que o comportamento das meninas de períodos históricos diferentes está sendo comparado. Por fim, no exemplo (22), tal item estabelece uma relação de concessão.

Em síntese, o item em vista de gramaticalizado passou, provavelmente, a partir do século XIX e XX a estabelecer relações de causa, finalidade, comparação e concessão.

Verificou-se que pode ser atribuído ao aumento considerável da frequência de ocorrência o enfraquecimento da força semântica do item em vista de com sentido espacial, como se observa no gráfico abaixo:

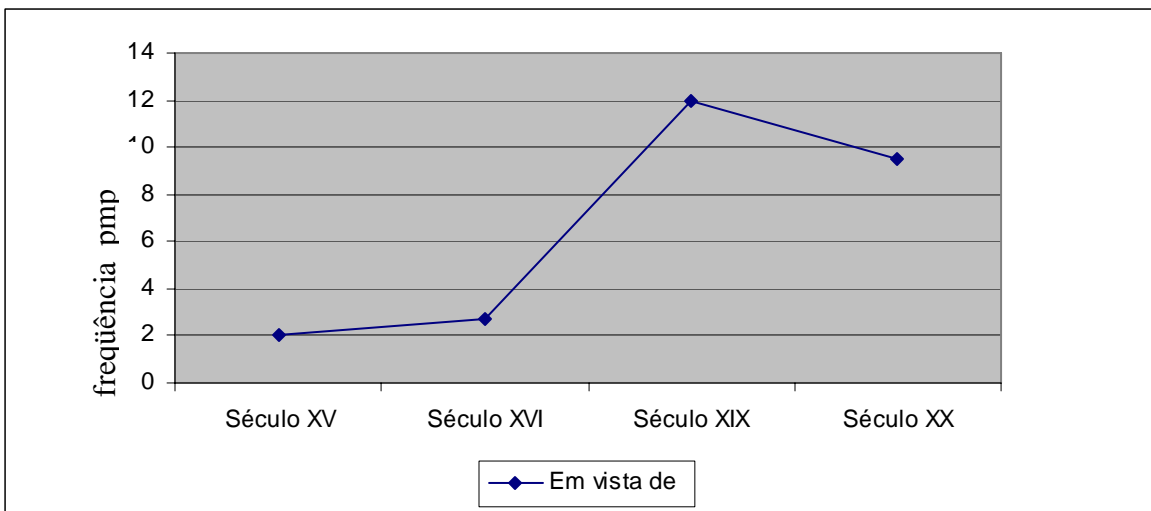


Gráfico 5.6 – Frequência de Em vista de entre os séculos XV e XX

Como se pode notar, simultaneamente, no século XIX, houve um crescimento da frequência de uso e uma especialização dos sentidos de em vista de. Com base nesse fato, postula-se que a frequência contribuiu para gramaticalização do item em vista de.

Conforme mencionado, foram encontradas no Corpus do Português quatro nuances semânticas para o item em vista de. Esses sentidos também estão em competição, como pode-se observar no gráfico abaixo:

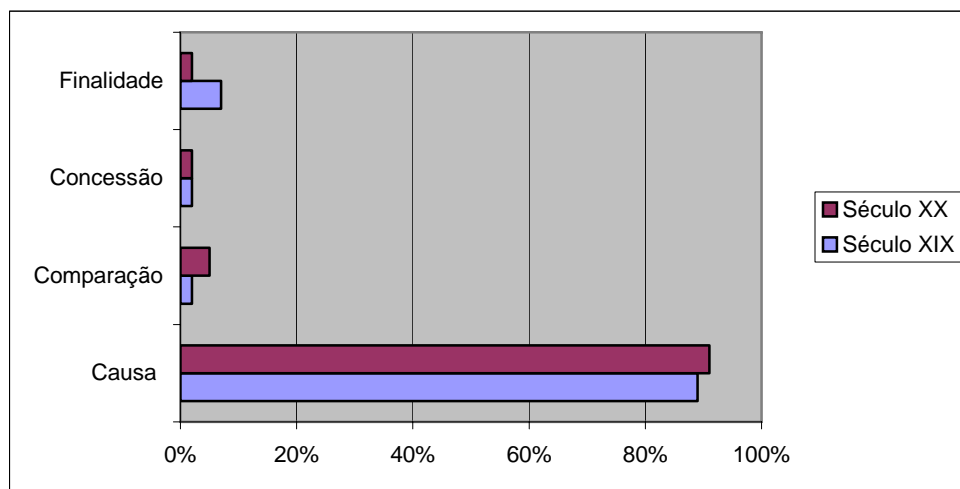


Gráfico 5.7 - Coexistência de Polissemias de Em vista de

Pode-se verificar que as ocorrências de em vista de com a noção de causa são mais frequentes que as demais. Do século XIX para o século XX, os únicos sentidos que apresentaram aumento nas ocorrências de causa e comparação.

Por conta dessa grande diferença na frequência de ocorrência entre a noção de causa e os demais sentidos e do aumento dessa noção no século XX, infere-se a existência de uma preferência por esse sentido que conduzirá a um possível descarte dos outros sentidos.

5.3 Frente

Nesta subseção, apresentar-se-ão as análises referentes aos itens que tem com o núcleo substantivo *frente*.

5.3.1 Em Frente de

No Corpus do Português, não foram encontradas evidências de uso da palavra *frente* nos séculos XIV e XV. Entre os séculos XVI e XVIII, encontraram-se 10 ocorrências de uso dessa palavra. Dentre essas ocorrências, 3 ocorrências foram da construção em frente de.

Observou-se, também, que outras 4 ocorrências encontradas entre os séculos XVI e XVIII, já apresentavam uma função preposicional, como no exemplo (24):

(24) [séc. XVI] “...Já dentro do nosso Tejo, tomando o rumo da parte colateral do Bugio, chegaram à frente daquela famosa terra da Trafaria...”

No século XIX, o item em frente de apresentou crescimento expressivo do número de ocorrências, como pode ser observado no gráfico abaixo. Somou-se um total de 212 ocorrências entre os séculos XIX e XX.

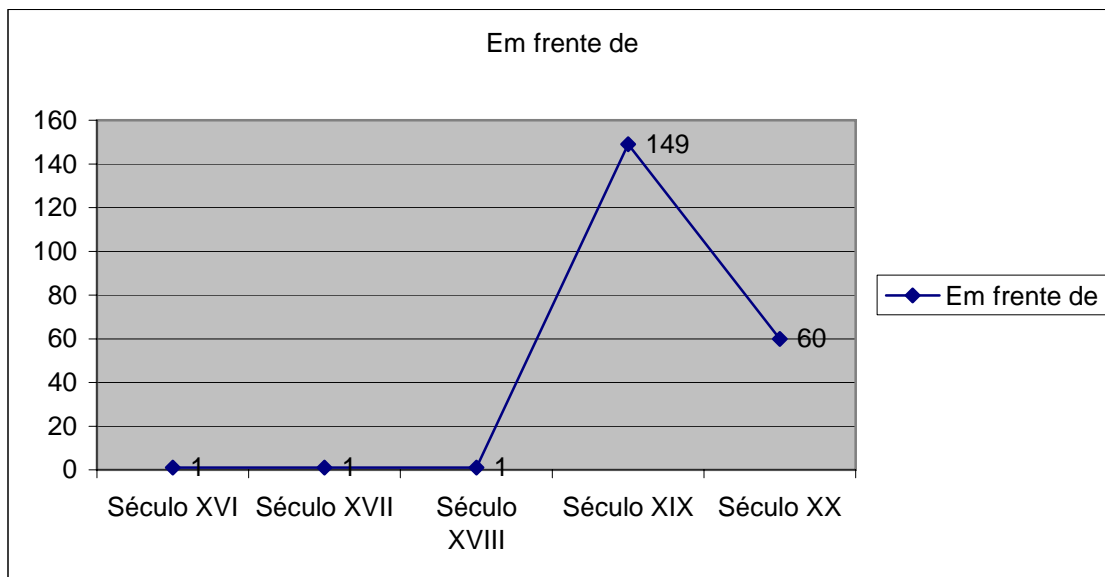


Gráfico 5.8 – Mudança de Em frente de entre séculos XVI e XX

Apesar de ter sido usado com mais frequência a partir do século XIX, não se identificaram evidências de mudanças em seu uso. Desta forma, o item em frente de funciona, de acordo com o Corpus do Português, exclusivamente, como uma preposição complexa de lugar, como em (25) e (26):

(25) “ ... Acabara de vestir-se; e de pé, calçando as luvas, em frente do espelho, sorria para si mesma,...”

(26) “... O barão sentou-se em frente da mulher e do genro, enxugando a calva...”

De forma semelhante ao item em face de, o item em frente de coloca-se com substantivos que designam pessoas ou objetos, assim, seus colocados representam algo concreto no mundo. Além disso, em frente de coliga-se com Processos funcionando com Circunstâncias de lugar.

Evidenciou-se que, no século XX, houve uma diminuição do número de ocorrências. Infere-se, a partir dos dados, que isso ocorreu, pois, ele convivia com outras duas camadas: em frente a e frente a, que serão abordadas nas seções seguintes.

5.3.2 Em frente a

Evidenciaram-se, no Corpus do Português, ocorrências do item em frente a nos séculos XIX e XX. Soma-se um total de 221 ocorrências, através da quais pôde-se identificar que tal forma, no século XIX, apresentava extensão de seus usos podendo exercer o papel de preposição complexa de oposição e lugar, como nos exemplos (27) e (28):

(27) [séc. XIX] “...a fome em frente à esmola...”

(28) [séc. XX] “...Tomando a direção que lhe deu o Ivo, chegou a multidão em frente à casa do ouvidor...”

No exemplo (27), a fome e a esmola estão sendo contrastadas e no exemplo (28) a preposição complexa em frente a está expressando uma espacial.

A seguir, apresenta-se uma tabela que expõe uma síntese do número de ocorrências, as porcentagens e os usos organizados por séculos.

	Preposição Complexa						Total	
	Lugar		Oposição		Causa			
Século XIX	79	94%	4	5%	1	1%	84	100%
Século XX	137	100%					137	100%

Tabela 5. 3 – Classificação Semântica de Em frente a

O item em frente a define, primordialmente, uma dimensão espacial. Enquanto preposição complexa de lugar, pode funcionar no sintagma verbal e no sintagma nominal.

Quando em frente a situa-se no sintagma verbal atribui-lhe uma Circunstância, como em (29). Quando está inserido no sintagma nominal, funcionando como um qualificador, posiciona-se após o núcleo nominal e atribui a ele informação extra (DROGA, HUMPHREY, 2002):

(29) “...A procissão começou em frente à Igreja dos Mares...

(30) “...Pela manhã, a praça Charles Miller em frente ao Pacaembu...”

No século XIX, encontraram-se ocorrências que sugeriram a especialização da preposição em frente a, pois apesar de estar vinculada ao Processo não apresentava noção espacial, mas um sentido de oposição.

Nas ocorrências de em frente a com sentido de oposição, há dois núcleos nominais ligados pela preposição que estabelece entre eles um relação de contrariedade. Como exemplo pode-se observar o exemplo (31):

(31) “... Era o porvir em frente ao passado, a liberdade **em frente à** escravidão...” [contra]

Pode-se notar, no exemplo (31) e nas outras ocorrências, que a preposição em frente a, nesse uso, está sendo utilizada para relacionar duas palavras com semânticas opostas, palavras antônimas.

Entre as ocorrências do século XIX, encontrou-se um exemplo em que em frente a é usado para estabelecer uma relação de causa - consequência entre duas orações:

(32) “...Qualquer consideração acerca de perigos e dificuldades secundárias desaparecia, contudo, em frente à urgência da situação...” [por causa da]

No século XX, não se evidenciaram ocorrências de em frente a com valor consecutivo. Igualmente, não se evidenciaram ocorrências do item formando uma relação de oposição. Esse fato sugere que, entre as nuances semânticas que competiam, a noção de lugar venceu.

Entende-se, a partir das observações, que um possível fato motivador para a prevalência do sentido espacial em detrimento do sentido consecutivo é que haja uma preferência pela forma em vista de para expressar esse significado. Em outras palavras, embora haja duas opções para expressar o mesmo uso, uma é mais aceita pelos falantes que outra.

5.3.3 Frente a

Como se observou a respeito da preposição complexa face a, acredita-se que frente a, igualmente, seja uma redução de em frente a.

A análise do item frente a foi baseada em 236 ocorrências que foram evidenciadas em textos do século XX. Não se encontraram ocorrências em séculos anteriores.

Identificou-se que o item frente a generalizou seu significado passando a apresentar usos mais abstratos que convivem com usos concretos. Nas ocorrências analisadas, evidenciou-se a especialização dos sentidos de frente a que gerou as polissemias de lugar, oposição, relação (matching), causa e concessão.

Na tabela abaixo, apresenta-se um resumo do número de ocorrências, as porcentagens e a divisão por séculos e por usos.

	Preposição Complexa										Total	
	Lugar		Oposição		Relação		Causa		Concessão			
XX	45	19%	5	2%	128	55%	57	24%	1	0%	236	100%

Tabela 5. 4 – Classificação Semântica de Frente a.

Como preposição complexa de lugar, frente a aparece no sintagma verbal atribuindo uma circunstância espacial ao verbo. Nesse uso, frente a coloca-se, sobretudo, com palavras de sentido concreto, como em (33) e (34):

(33) “... Rezamos, frente à cova, em voz alta...” [em frente à]

(34) “...quando sento frente a esta tela de computador...” [em frente a]

Como preposição complexa de oposição, aplica-se a estabelecer uma relação de oposição entre coisas existentes no mundo real. Evidencia-se, nessas colocações, uma diferença em relação ao uso opositivo de em frente a que só apareceu, no Corpus do Português, ligando substantivos abstratos de sentidos contrários. Para esclarecer, observem-se os exemplos (35) e (36):

(35) “... as forças comunistas de Mao Tse-tung sofrem inúmeras baixas frente aos nacionalistas de Kuomintang...” [contra]

(36) “... O time do Coritiba apresentou-se muito bem frente ao Francisco Beltrão, aplicou uma goleada...” [contra]

Como se pode notar, frente a com sentido de oposição aparece em contextos que existe disputa entre dois grupos, sugere-se uma noção de enfrentamento.

A polissemia mais encontrada nos usos de frente a é a de relação. Nesse uso, o sintagma preposicionado do qual frente a é o núcleo está imbricado em um sintagma nominal funcionando como um qualificador. Frente a confere uma relação de ‘contraste’ em que se atribui um aspecto a um elemento em termos de um segundo elemento:

(37) “...A brusca desvalorização da moeda brasileira frente ao dólar norte- americano...”

No exemplo (37), percebe-se que se atribui um aspecto (a desvalorização) a um elemento (moeda brasileira) considerando um segundo elemento (o dólar) como parâmetro. Não há em si uma semelhança ou diferença entre eles, mas a afirmação sobre o primeiro elemento é feita em função do segundo. Da mesma forma acontece nas ocorrências abaixo:

(38) “... Os especialistas em trânsito têm várias explicações para a desvantagem das motos frente a os carros...” [em relação a]

(39) “...No que se refere às exportações brasileiras de álcool como fonte de energia são marginais frente ao volume produzido...” [em relação a]

Nos exemplos (40) e (41), os principais colocados de frente a são palavras que indicam a atitude do falante em relação a algo, como, por exemplo, ‘percepção’, ‘posição’ e ‘postura’.

(40) “...“A **percepção** do produto frente a sinais de mercado não era claramente estabelecida...” [em relação a]

(41) ... Bachelard a afirma no contexto da defesa de uma **posição** nominalista frente a um realismo inicial. [em relação a]

Como se observa, entre os colocados de frente a há uma preferência por nominalizações derivadas de Processos Mentais. Acredita-se que essa preferência ocorre porque, como advogam Droga e Humphrey (2002), baseando-se em Halliday, as nominalizações aumentam o nível de abstratização de uma palavra.

Por meio da análise dessas colocações, pode-se comprovar a extensão do uso de frente a que passou a ser usado em contextos mais abstratos que não eram possíveis quando se evidenciava somente um valor espacial.

Quando preposição complexa de causa, frente a é usado para estabelecer uma relação de causa e consequência. Igualmente, nesse uso, frente a é o núcleo do sintagma preposicionado que está imbricado em um sintagma nominal funcionando como um qualificador. Como ocorre nos exemplos (42) e (43):

(42) “... considerara esta convocação uma **defesa** do capitalismo frente ao avanço das massas em direção ao poder...”

(43) “... o CMN foi obrigado a **regulamentar** a Resolução, acima citada, principalmente, frente ao processo de globalização da economia...”

Como se observa nos exemplos acima, também quando o item frente a é usado como uma preposição causal há uma preferência por colocados que sejam nominalizados, contudo, nesse caso, em virtude de envolver uma reação, as nominalizações surgem de processos materiais, como ‘defender’, ‘regulamentar’, ‘reagir’ e ‘rejeitar’:

(44) “A **rejeição** popular frente a concretização das medidas governistas era constantemente enfrentada...”.

(45) “... A necessidade da imagem é grande nos dois casos, mas as **reações** frente a elas são extremamente complexas e diferentes...”

Como preposição complexa concessiva, só foi encontrada 1 ocorrência. Nesta ocorrência, identificou-se uma noção de exceção, de eventualidade.

(46) “... a **expectativa** da colheita era positiva, e alta no final do mês frente às notícias das perdas nas lavouras paranaenses e paulistas...”

No exemplo (46), percebe-se que se estabelece uma quebra da expectativa, não é esperado pelo leitor que exista um posicionamento esperançoso em relação à colheita em meio a más notícias. Do mesmo modo que nos usos anteriores, evidenciou-se uma preferência por um colocado nominalizado.

Enfim, as análises realizadas conduzem a conclusão que a forma frente a está avançando no processo de gramaticalização, pois sofreu *bleaching*, passando, então, a ser usado também em contextos abstratos. A partir desses contextos, surgiram nuances semânticas abstratas que, embora tenham aparecido em frequências diferentes, coexistem.

Ainda, todo esse processo de mudança influenciou também nas relações sintagmáticas, pois como preposição complexa de lugar situava-se no sintagma verbal e nos outros usos aparece também em sintagmas nominais.

5.4 Conclusões sobre as preposições

Durante os séculos XIX e XX, os itens em face de, em frente de e em frente a, competiram, expressando noção espacial. Contudo, no século XX, sugere -se, em virtude da redução da frequência de ocorrência de em face de e em frente de que exista uma preferência pelo item em frente a para expressar valor espacial. Essa suspeita baseia-se na

verificação da frequência de ocorrência dos itens que foi mencionada anteriormente e no fato de que a forma frente a espacial passou a conviver com essas formas.

Observando o desenvolvimento de todas as formas analisadas nesta dissertação, evidenciou-se que em frente a é a única que demonstrou um crescimento significativo do número de ocorrências do uso concreto entre os séculos XIX e XX, como se pode observar no gráfico 5.9:

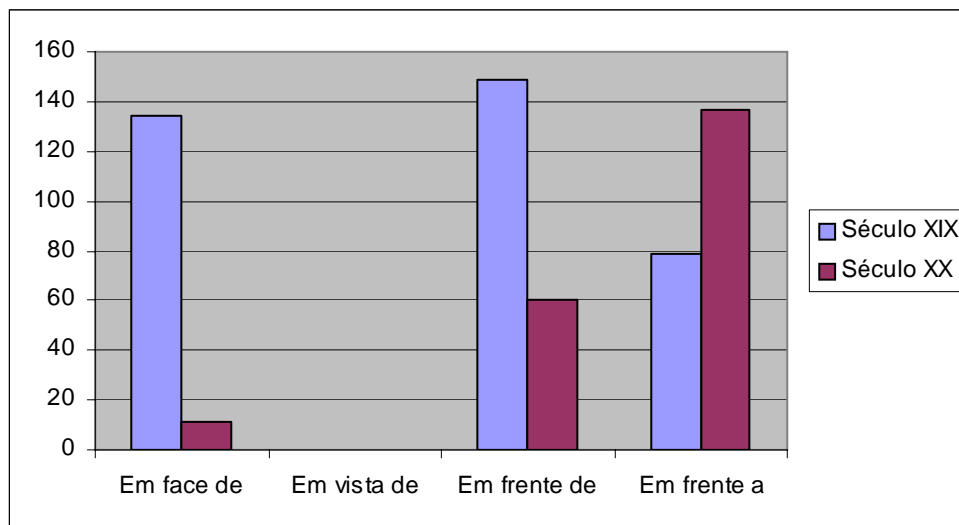


Gráfico 5.9 – Mudança do Uso espacial entre os séculos XIX e XX

Viu-se que as formas analisadas sofreram especialização semântica, passando a serem usadas para expressar várias nuances de significado. Quase todas as formas apresentaram um crescimento das ocorrências de valor abstrato tendendo à perda do valor espacial, com exceção de em frente a e em frente de. Notou-se que há, após a ampliação dos usos, a competição entre eles que, possivelmente, conduzirá a escolha de um único uso, como ocorreu com em frente a.

Tudo leva a crer que as preposições complexas analisadas estão se gramaticalizando, pois se identificou a ação dos princípios e mecanismos que, segundo a Teoria da Gramaticalização, atuam a favor da mudança: *bleaching*, especialização e camadas.

Terminada a exposição dos resultados, passarei ao capítulo de conclusões, que encerra este trabalho.

Considerações Finais

6.1 Resumo dos Resultados

Esta pesquisa teve como objetivo analisar as relações semânticas e sintáticas realizadas pelas preposições complexas que têm como núcleo nominal os substantivos *frente*, *face* e *vista* com o objetivo de mapear possíveis processos de gramaticalização. Para realizar esse estudo, foram coletadas todas as ocorrências dessas formas no Corpus do Português. As bases teóricas desse trabalho são a Teoria da Gramaticalização, proposta por Heine (2003), Hopper e Traugott (1993), Hopper (1991) e Bybee (2003) e os fundamentos da abordagem funcionalista da linguagem, principalmente aquela proposta por Halliday (1994). A metodologia é calcada nos procedimentos da Linguística de Corpus, assim como descrito em Berber Sardinha (2004).

Nesta seção, retomarei e responderei às perguntas de pesquisa apresentadas na introdução deste trabalho, a saber:

1. Quais relações sintáticas e semânticas as preposições complexas em investigação estabelecem?
2. Como pode ter se dado a mudança diacrônica dessas formas?
3. As formas frente a e face a podem ser consideradas reduções das formas em frente a e em face a ?

1ª. Pergunta – Relações semânticas e sintáticas

Verificou-se que as preposições analisadas partiram de noções espaciais e passaram a expressar também sentidos abstratos. Evidenciaram-se as seguintes polissemias

coexistindo com a noção de lugar: oposição, causa, relação, concessão, finalidade e comparação. Essas, entretanto, mostraram uma distribuição desigual, pois se evidenciou que os falantes preferem uns itens em detrimento de outros para expressar algum significado: tudo leva a crer que se prefere a preposição em frente a para expressar lugar e frente a para expressar relação.

Como preposição complexa de lugar, os itens situavam-se no sintagma verbal atribuindo a ele valor espacial. Identificou-se uma preferência por Processos Materiais.

No século XIX, em frente a, em frente de, em face a e em face de competiram expressando valor espacial. Contudo, as ocorrências de em frente a e em frente de sugeriram uma preferência por substantivos que designam algo concreto no mundo e as ocorrências de em face a e em face de sugeriram uma preferência por substantivos que se referem a pessoas, talvez, por esse núcleo designar uma parte do corpo.

Embora constituíssem camadas que expressavam a noção de lugar, no século XIX, em face de e em frente de eram mais freqüentes que em face a e em frente de, respectivamente,. No século XX, todavia, caiu o número de ocorrências dessas formas e os itens em frente a e frente a passaram a ser os mais usados.

Acredita-se que a baixa da freqüência de uso de em face a e em face de espacial ocorreu por causa do desenvolvimento de nuances semânticas mais abstratas e que a queda da freqüência de ocorrência de em frente de ocorreu, devido a preferência pelo item em frente a.

Infere-se que exista uma preferência pelo item em frente a, porque foi conferido a ele, além do papel de atribuir uma circunstância espacial ao verbo, o papel de situar-se no sintagma nominal funcionando como qualificador de um nome. Assim, entende-se que o falante prefere tal item porque ele permite um leque maior de possibilidades de uso.

Embora tenham sido encontradas no século XX ocorrências que sugerem que em frente a e frente a conviviam como camadas, acredita-se que a prevalência de em frente a com valor espacial ocorre porque o item frente a foi usado, preferencialmente, em contextos abstratos (81% das ocorrências deram-se em contextos abstratos).

Portanto, as análises realizadas levam a crer que pode existir uma tendência ao descarte das diversas camadas que expressavam lugar em função da escolha da preposição complexa em frente a.

Foram evidenciadas poucas ocorrências da semântica de oposição no Corpus do Português, não se pode, por isso, propor generalizações. Pode-se afirmar, apenas, que nas ocorrências do século XIX, as preposições contrapõem substantivos abstratos, no entanto, o fato de esse uso aparecer em textos literários e que os substantivos estão sendo usados metaforicamente leva a crer que esse uso é uma extensão do uso concreto. No século XX, foram evidenciadas ocorrências em que se contrastavam pessoas e times que foram encontradas em registros específicos: o jurídico e o esportivo. Esse uso, como já mencionado, sugere um enfrentamento, uma disputa entre os Participantes da oração.

Encontraram-se evidências que, no século XIX, as preposições complexas em face de, em vista de e em frente a competiram expressando a noção de causa. Contudo, o uso preferencial era o de em vista de. No século XX, as formas frente a e face a surgiram e passaram a competir com essas formas.

Tudo leva a crer que as camadas em vista de e face a permanecerão competindo, pois em ambos os casos a frequência de uso aumentou entre os séculos XIX e XX e, além disso, não foram encontradas evidências de que outros usos estejam sendo aceitos pelos usuários da língua.

Entre os séculos XIX e XX, os usos de em face de com valor de causa também aumentaram, contudo, simultaneamente, os usos da noção de relação cresceram, por isso não se pode afirmar que haja uma tendência a escolha de um uso, visto que a taxa de crescimento de ambos usos entre esses séculos foi de 5%.

Por fim, o uso de causa não é o preferencial para a forma frente a, de acordo com o Corpus, que em 55% das ocorrências foi usado com a noção de relação.

No que concerne às ocorrências em que se evidencia o uso que se denominou relação (que em inglês é chamado de ‘matching relation’), duas camadas foram evidenciadas: em face de e frente a. O uso de em face de com esse sentido tem obtido crescente aceitação por parte dos falantes, visto o aumento da frequência observado. Contudo, essa forma convive com a forma frente a que, segundo os dados extraídos do Corpus, foi mais usada com esse valor.

Não é possível afirmar que haja uma disposição para a escolha de uma das formas. Para isso, é necessário coletar mais ocorrências e também analisar um corpus de dados do século XXI que propicie a observação da mudança dessas formas.

Os usos concessão, finalidade e comparação são periféricos. Foram encontradas poucas ocorrências desses usos. Acredita-se que haja outras formas para expressar essas noções, visto ao reduzido número de ocorrências encontrado.

Sintaticamente, se preposição complexa de lugar apresentava-se, primordialmente, no sintagma verbal, conforme mencionado, se expressando valores abstratos apresentava-se no sintagma nominal estabelecendo valores relacionais entre as palavras.

Ainda que este não seja o objetivo da presente dissertação, esta pesquisadora se pergunta por que tais evoluções teriam acontecido. Mais premente ainda fica a curiosidade, quando se sabe que o mesmo percurso tem sido feito por preposições complexas na língua inglesa (ver Hoffman, 2005).

Conforme exposto na introdução, para a gramática funcional são as pressões comunicativas que determinam a configuração de língua, dessa forma, elas motivariam a gramaticalização. Porém, Traugott e Heine (1991) argumentam que não se sabe o bastante sobre comunicação para se argumentar que é a ‘necessidade comunicativa’ que motiva o desenvolvimento das categorias gramaticais.

Há duas propostas teóricas que procuram explicar esse processo de abstratização de palavras de valor espacial por perspectivas que não a funcional: a teoria dos espaços mentais, proposta por Fauconnier (1997) que apresenta uma ótica cognitiva e o ‘priming’ lexical, proposta por Hoey (2007), que expõe uma visão psicológica.

Para Fauconnier (1997), os falantes projetam parte de um domínio em outro através de metáforas e analogias. A idéia central (Fauconnier, 1997, p. 9) é de que, para falar ou pensar sobre certos domínios (*domínios-alvo*), valemo-nos da estrutura de outro domínio (*domínios-fonte*) e do correspondente vocabulário.

Por isso, quando o falante sente a necessidade de usar valores abstratos, lança mão de palavras com significado originariamente concreto, pois são facilmente acessadas (HOPPER, TRAUGOTT, 1993).

A outra explicação, que não exclui a proposta dos espaços mentais, se fundamenta, segundo Hoey (2007), na possibilidade de existência de um léxico mental, que é adquirido através de um frequência de exposição. Ao adquirir vocabulário, o falante apreende juntamente com as colocações palavras, os contextos em que elas ocorrem. Contextos repetidos ratificam ‘primings’ antigos no léxico mental. Colocações de palavras que são

usadas de forma inusitadas em determinados contextos, necessitam ser usadas repetidamente sempre nos mesmos contextos, para essas novas combinações e esse novo contexto ser considerado uma ‘verdade’ e ser incorporado ao léxico mental.

Acredita-se que há uma singularidade entre as propostas: o falante tem conhecimento dos contextos em que certas palavras são usadas e estende esse uso a outras palavras. No entanto, a teoria de Hoey (2007) propõe uma possível causa para esse processo: a constante reprodução de um contexto.

Portanto, acredita-se que a teoria proposta por Hoey (2007) pode dar conta do processo de gramaticalização das preposições complexas investigadas, já que, no século XIX, o uso que apresentou maior frequência foi o espacial que serviu de ‘domínio – fonte’ para que através da analogia o falante o aplicasse também em domínios abstratos.

2º Pergunta – Trajetória diacrônica

Inicialmente, acreditava-se que, devido a sua extensão, o Corpus do Português seria representativo para a realização desta pesquisa, contudo ele não proporcionou quantidade suficiente de dados para que se pudesse traçar o desenvolvimento através dos séculos.

Conforme mencionado, o Corpus do português é composto por textos escritos desde o século XIV ao século XX. No entanto, há uma discrepância muito grande em relação ao tamanho de cada sub-corpus, como se pode observar na tabela 4.1.

Conforme propõe a L.C., “quanto maior a quantidade de palavras, maior a probabilidade de aparecerem palavras de baixa frequência” (BERBER SARDINHA, op.cit.). Em virtude disso, acredita-se que a diferença do número de palavras evidenciada entre os sub-corpora do Corpus do Português foi um fator preponderante para que não se encontrasse ocorrências das preposições em todos os séculos. Os sub-corpora compostos de textos dos séculos XIX e XX são maiores e talvez, por isso, mais ocorrências tenham sido encontradas nesses séculos.

Portanto, não se pode, por exemplo, afirmar que o aparecimento da preposição complexa em vista de tenha ocorrido no século XVI, porque os sub-corpora dos séculos

anteriores são menores e talvez não tenham sido representativos para que ‘traços raros ocorressem’. Contudo, apesar das limitações do corpus, sugere-se algumas informações.

No que concerne o item em face de, sugere-se, de acordo com o Corpus, que, no século XVI, essa forma foi institucionalizada como preposição complexa. Acredita-se que essa configuração é fruto da reanálise do material lexical e das funções sintáticas exercidas por ele.

Sugere-se a reanálise, que é a mudança na estrutura de uma expressão ou classe de expressões que não envolve mudança na manifestação superficial (LANGACKER, op.cit), pois foram evidenciadas ocorrências, nos séculos XIV e XV, que expressavam valor espacial, contudo, a estrutura de então era diferente. Nessas ocorrências, o núcleo nominal ou ligava-se com a preposição *em* ou ligava-se com a preposição *de*.

Desta forma, acredita-se que o falante combinou as duas relações sintáticas evidenciadas nos séculos anteriores reorganizando a estrutura do enunciado, originando a preposição complexa em face de.

A seguir está um gráfico que apresenta a trajetória empreendida por essa preposição a partir do século XVI:

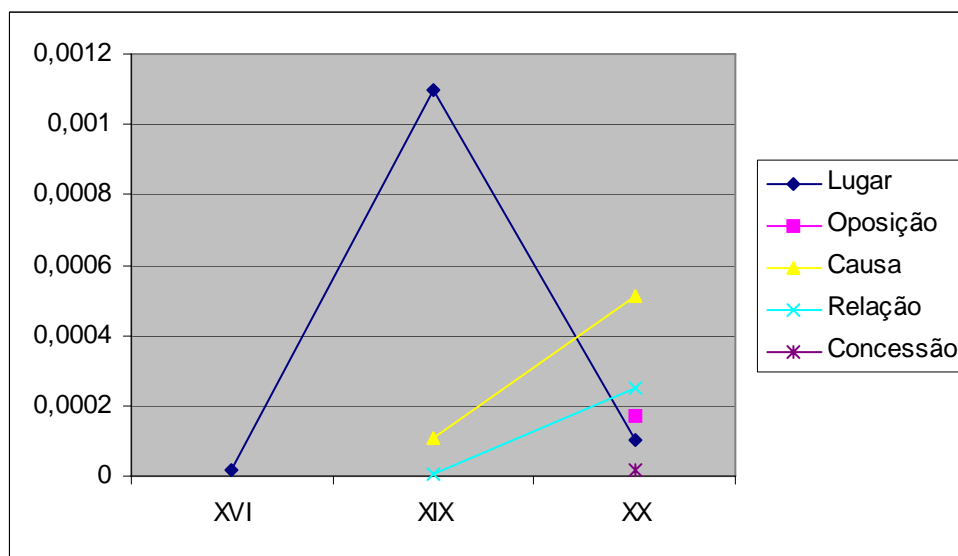


Gráfico 6.1 - Trajetória empreendida pela Preposição Complexa Em face de⁴¹.

⁴¹ Consta dos gráficos do Capítulo 6, a porcentagem de ocorrência das preposições complexas de acordo com o número de palavras de cada sub-corpus.

Como se observa no gráfico 6.1, verifica-se a ocorrência de três fases ao longo da trajetória do item *em face de*: Surgimento e Estabelecimento como Preposição complexa de lugar → Especialização dos Sentidos com o surgimento de nuances semânticas abstratas que convivem com a noção concreta de lugar → Crescimento da Abstratização.

A respeito da preposição *em face a*, sugere-se que tenha sido criada a partir da preposição em face de, visto que essa foi encontrada anteriormente. Sugere-se, também, que a mudança na forma tenha ocorrido como fruto da analogia com outras formas existentes que apresentavam a configuração em + núcleo nominal + a. Acredita-se, igualmente, que a criação da forma face a também tenha sido produto de um processo de analogia.

Sugere-se, com base na frequência de ocorrência evidenciada no Corpus, uma possível analogia, porque há outras preposições complexas que apresentam tanto a estrutura em + núcleo nominal + de quanto a estrutura em + núcleo nominal + a que se mostraram muito aceitas pelos falantes, como, por exemplo, a preposição em frente a. Conforme se observa no gráfico 6.2:

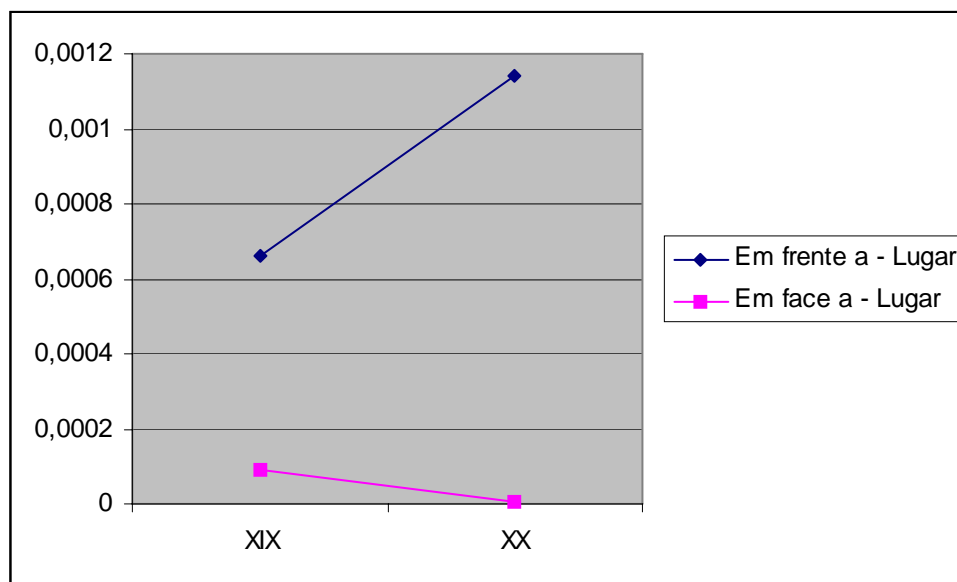


Gráfico 6.2 – Comparação entre a trajetória de Em frente a e Em face a.

Nota-se, a partir do gráfico 6.2 que, quando se evidenciou a primeira ocorrência de em face a, a preposição complexa em frente a já era bastante usada pelos falantes, por isso

sugere-se a analogia como possível processo que levou a formação da preposição complexa em face a.

Nos dados analisados, encontrou-se a preposição em vista de apresentando já a configuração atual, por isso não se pode sugerir qual processo tenha levado-a a assumir essa forma.

Devido terem sido encontradas ocorrências de em vista de nos séculos XV e XVI, acredita-se que essa possa ter servido de domínio-fonte para a formação da preposição em face de e em frente de.

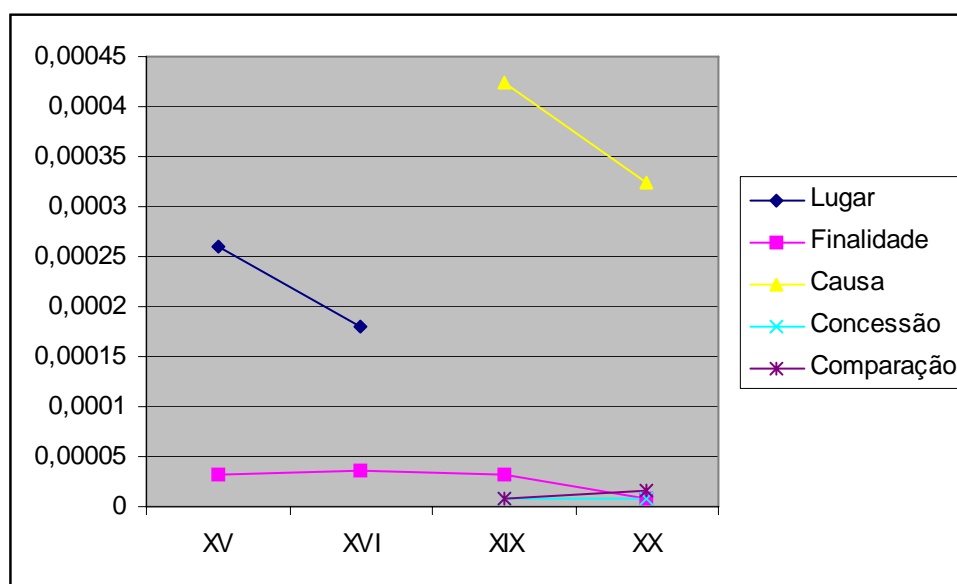


Gráfico 6.3 - Trajetória empreendida pela Preposição Complexa Em vista de.

Tudo leva a crer que o surgimento da preposição complexa em vista de não se deu no século XV, pois, segundo a Teoria da Gramaticalização, a escala de gramaticalidade vai dos sentidos mais concretos para os mais abstratos e as primeiras ocorrências de em vista de, neste século, já apresentavam a convivência entre sentidos concretos e abstratos.

Sugere-se, por isso, que os sub-corpora dos Séculos XIV e XV não foram representativos para se identificar o surgimento da preposição em vista de.

Em relação às preposições complexas em frente de e em frente a, pode-se sugerir, da mesma forma que ocorreu com em face de e em face a, que em frente a tenha surgido a

partir de em frente de por meio de uma analogia, pois a primeira já existia, de acordo com o corpus, desde o século XVI.

Acredita-se, ainda, que há uma tendência que pode conduzir a substituição de em frente de por em frente a, como se observa no gráfico 6.4:

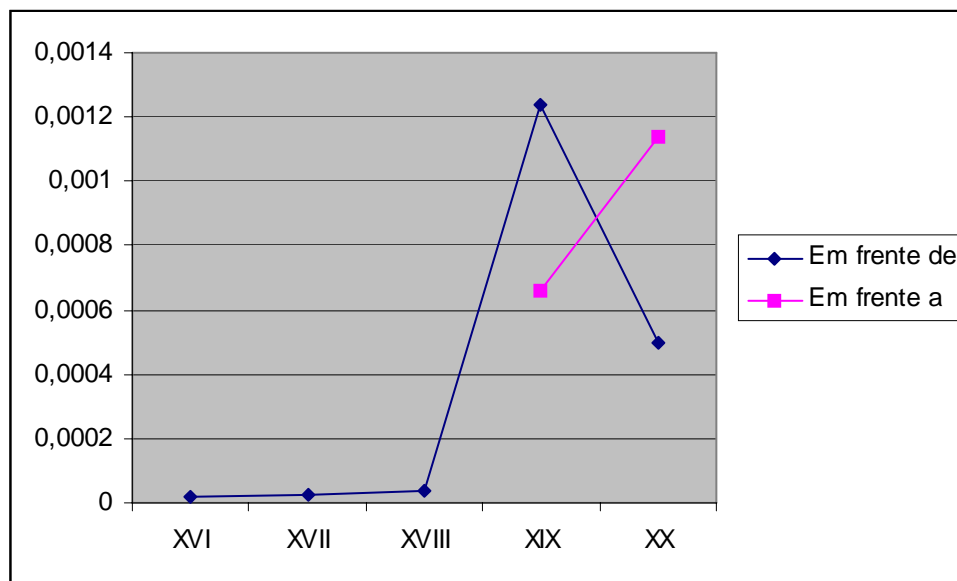


Gráfico 6.4 – Competição entre Em frente de e Em frente a.

No corpus, evidenciou-se que tanto a preposição complexa em frente de quanto a em frente a são usadas, preferencialmente, com valor espacial. Durante o século XIX, ambas formas competiram. Porém, sugere-se uma preferência pela forma em frente a para expressar tal valor, pois, como se observa, houve uma diminuição considerável na frequência de em frente de, enquanto houve um crescimento dos usos de em frente a, sem contudo que houvesse a abstratização⁴².

Para a Teoria da Gramaticalização, novos usos surgem como resultado de um processo gradual de mudança. Contudo, esse *processo* gradual em direção a um nível maior de gramaticalização não foi identificado em relação a algumas formas analisadas, questão que Hoffman (2005) também apontou em relação a língua inglesa.

⁴² Como já exposto, só houve ocorrências abstratas de em frente a no século XIX.

Primeiramente, não foram evidenciadas ocorrências que sugiram o desenvolvimento gradual da preposição face a. De acordo com os dados, essa forma surgiu no século XX já expressando a noção de causa.

A primeira ocorrência da forma frente a foi evidenciada no século XX, como também ocorreu com a forma face a, todavia, evidenciou-se a especialização semântica de frente a que foi usada com valor espacial e também com valores abstratos. Nota-se, com isso, um processo de mudança que não pode ser evidenciado nas ocorrências do item *face a*.

Igualmente, não se evidenciou gradação no percurso de abstratização da preposição complexa *em vista de*. Entre os séculos XIV e XX, encontraram-se ocorrências de valor espacial e de valores abstratos. Contudo, esses valores nunca coexistiram.

Uma possível explicação para essa observação é que o corpus analisado pode simplesmente não ter sido grande o bastante para que se detectasse aspectos subjacentes às preposições complexas, pois, apesar de ser composto por 45 milhões de palavras, esse número ainda representa uma fração pequena da totalidade da língua usada. Esse fato pode ser motivado também pelo fato de essa forma não ser muito freqüente por ser usada mais em contextos formais.

Hoffman (2005) propõe a hipótese de que a gramaticalização das preposições complexas do inglês pode ser causada pelo paralelismo formal com construções que já são parte do sistema gramatical da língua, por meio da analogia.

Os dados observados da língua portuguesa também sugerem esse processo de analogias, na medida em que as preposições complexas com núcleo *frente* e *face* surgiram no mesmo século: em face de e em frente de (século XVI), em face a e em frente a (século XIX) e face a e frente a (século XX).

3º Pergunta – Face a e Frente a

Como foi mencionado, não se evidenciaram ocorrências do item face a sendo usado com valor concreto. Diferentemente, ocorrências em que frente a está sendo usado com valor espacial foram encontradas.

Essas ocorrências concretas e a semelhança na forma levam a crer que frente a é uma abreviação de em frente a. No entanto, os dados sugerem uma tendência a escolha de em frente a para expressar conceitos espacial e frente a para expressar conceitos abstratos, como causa e relação.

Embora não tenham sido encontradas ocorrências de face a convivendo com os mesmos usos de em face a, acredita-se que essa seja uma redução de face a que já se institucionalizou como preposição complexa de causa, pois se considera, como já falado, que , possivelmente, faz-se analogias com outros usos aceitos na língua.

6.2 Delimitações e Sugestões para novos estudos

Nesta dissertação, uniu-se a Teoria da Gramaticalização e a L.C para investigar os usos que se fazem das Preposições complexas em face de, em face a, face a, em vista de, em frente de, em frente a e frente a e identificar através da análise de uma grande quantidade de dados os padrões recorrentes entre eles.

Nesse sentido, este estudo é diferente dos outros estudos de gramaticalização, pois se baseou em um corpus computadorizado que contém grande número de textos de diferentes registros e séculos, que foi sistematicamente coletado, além de ter se feito uso das ferramentas de coleta e análise dados disponibilizadas pela L.C..

Busca-se, com isso, colaborar para a difusão dos benefícios provenientes da relação entre esses dois campos da lingüística, para que mais estudiosos interessados pelos fenômenos de gramaticalização façam uso também das ferramentas e corpora organizados produzidos pela L.C..

Outra contribuição deste trabalho é que se analisaram as preposições complexas do português por uma visão funcional. Não se evidenciaram pesquisas anteriores que envolvessem esse grupo de palavras.

Para se aprofundar este estudo, pode-se aumentar o corpus acrescentando mais textos antigos e contemporâneos para que seja possível identificar as regularidades, mas também as idiosincrasias que são mais facilmente evidenciadas em corpora extensos.

Igualmente, a análise de um corpus de língua falada pode providenciar valiosas informações a respeito do processo de gramaticalização.

Pode-se, ainda, aumentar o escopo da pesquisa por meio da análise de outras preposições complexas, visto que o número aqui abordado foi restrito.

Capítulo 7

Referências Bibliográficas

AZEREDO, José Carlos de. **Fundamentos de Gramática do Português**. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

BAIÃO, Rosaura de Barros; ARRUDA, Júlia. Gramaticalização de até. In Martelotta, Mário Eduardo; Votre, Sebastião José; Cesário, Maria Maura (orgs). **Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; UFRJ - Departamento de Lingüística e Filologia, 1996,p. 252 –260.

BASÍLIO, Margarida. **Teoria Lexical**. 7ed. São Paulo: Ática, 2003.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37 ed. São Paulo: Nacional, 2004.

BERBER SARDINHA, Tony. “Padrões lexicais e colocações no Português”. Apresentação no 9º INPLA, São Paulo, PUC/SP, mai/1999.

BERBER SARDINHA, Tony. Lingüística de Corpus: histórico e problemática. D.E.L.T.A., vol. 16, n.º 2, 2000, p. 323-367.

BERBER SARDINHA, Tony. **Lingüística de Corpus**. São Paulo: Manole, 2004.

BERNARDO, Sandra. Pronome / Advérbio onde: um processo de (des) gramaticalização? Revista UFRRJ, Série Ciências Humanas, v.17, n. 1-2,1995, p. 59 – 68.

BIBER, D. CONRAD, S. REPPEN, R. **Corpus linguistics investigating language structure and use**. Cambridge, Cambridge University Press, 1998.

BRINTON, Laurel J.; TRAUGOTT, Elisabeth C.. **Lexicalization and Language Change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

BYBEE, Joan. PAGLIUCA, William. Cross-linguistic comparison and the development of grammatical meaning. In FISIAK, Jacek (ed). **Historical semantics and historical Word formation**. Berlim: de Gruyter, 1985, p. 59 – 83.

BYBEE, Joan. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In JOSEPH, Brian D.; JANDA, Richard D.(eds). **The handbook of Historical Linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003, p. 602 – 623.

BYBEE, Joan L.; PERKINS, Revere; PAGLIUCA, William. **The Evolution of Grammar: Tense, Aspect and Modality in the Modality in the Language of the World**. Chicago: U Chicago Press, 1994.

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes. 2004.

CAMPBELL, Lyle. What's wrong with grammaticalization?. *Language Sciences*, v. 23, n. 2-3, 2001, p.113 – 161.

CAMPBELL, Lyle, JANDA, Richard. Introductions: conceptions of grammaticalization and their problems. *Language Sciences*, v. 23, n. 2-3, 2001, p. 93 – 112.

CASTILHO, Ataliba T. de. **O problema da gramaticalização das preposições no projeto 'Para a história do português brasileiro'**. In: **Estudos Lingüísticos: Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo(orgs) - v. 1 (1978)**. - Campinas, SP : [s.n.], 2004.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariângela Rios de & MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs.). **Lingüística funcional: teoria e prática**.Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

CUNHA, Maria Angélica da, COSTA, Marcos Antônio; CESARIO, Maria Maura. Pressupostos teóricos fundamentais. In CUNHA, Maria Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariângela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs.). **Lingüística funcional: teoria e prática**.Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

DIK, C.S. **The Theory of Functional Grammar**. Dordrecht-Holland/Providence RI-EUA: Foris Publications, 1989.

DROGA, Louise; HUMPHREY, Sally. **Getting started with functional grammar**. Australia: Target texts, 2002.

FAUCCONIER, Gilles. **Introduction to Methods and Generalizations**. In: *International Cognitive Linguistics Conference*, Amsterdam, Netherlands, July, 1997.

FISIÁK, Jacek (ed). **Historical semantics and historical Word formation**. Berlim: de Gruyter, 1985

GARCIA, Tania Mikaela. **Linguística de Corpus: uma proposta de estudo do uso dos pronomes TE/LHE com alunos de 8º série do ensino fundamental**. Dissertação de mestrado. Florianópolis. UFSC, 2002.

GEROT, Linda; WIGNELL, Peter. **Making sense of functional grammar**. Australia: AEE Publishing, 2001.

GIVÓN, Talmy. **On understanding grammar**. Nova York: Academic press, 1979.

_____. **Syntax I**. Nova York, Academic Press, 1984.

_____. **Syntax: a functional-typological introduction**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1990.

_____. **Functionalism and grammar**. Amsterdam: Benjamins, 1995.

HALLIDAY, Michael. **An introduction to Functional Grammar**. Baltimore: Edward Arnold, 1985.

HEINE, Bernd et alli. **Grammaticalization: a conceptual framework**. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HEINE, Bernd. Grammaticalization. In JOSEPH, Brian D.; JANDA, Richard D.(eds). **The handbook of Historical Linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003, p. 575 - 601.

HOEY, Michael. **Lexical Priming: a new theory of words and language**. Inglaterra: Routledge, 2005.

HOFFMAN, Sebastian. **Grammaticalization and English Complex Prepositions: a corpus-based study**. Inglaterra: Routledge, 2005.

HOPPER, Paul. **Emergent Grammar**. Berkeley Linguistics Society, v.13, 1987, p. 139-157.

_____. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, Elisabeth Closs, HEINE, Bernd (eds) **Approaches to grammaticalization I**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1991.

_____; TRAUGOTT, Elisabeth Closs. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

JOSEPH, Brian D. "Is there such a thing as "grammaticalization"?. **Language Science**, v 23, n. 2 - 3, 2001, p. 163 - 186.

JOSEPH, Brian D.; JANDA, Richard D.(eds). **The handbook of Historical Linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003.

KUNO, Susumo. **Functional Syntax: Anaphora, discourse and Empathy**. Chicago: Chicago University Press, 1987.

KURYLOWICZ, J. The evolution of Grammatical Categories. In: **Esquisses linguistiques II**, p. 38 – 54 [1965].

LANGACKER, Ronald W. Syntactic Reanalysis. In Li, ed., 1977, p. 57 – 139.

LEHMANN, Christian. **Thoughts on Grammaticalization**. Munich: LINCOM EUROPA, 1982.

LEHMANN, Winfred P.; MALKIEL, Yakov (eds). **Perspectives on Historical Linguistics**. Amsterdam: Benjamins, 1982

LINDQUIST, Hans; MAIR, Christian. Introduction. In: LINDQUIST, Hans; MAIR, Christian. **Corpus Approaches to grammaticalization in English**. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, 2004.

LOPES, Rodrigo Esteve de Lima. **Estudos de transitividade em Língua Portuguesa: os perfil do gênero cartas de venda**. Dissertação de Mestrado. São Paulo.PUC – SP, 2001.

LUFT, Celso Pedro. **Dicionário prático de regência nominal**. São Paulo: Ática, 1992.

MAIR, Christian. Corpus linguistics and grammaticalisation theory: Statistics, frequencies, and beyond. In: LINDQUIST, Hans; MAIR, Christian. **Corpus Approaches to grammaticalization in English**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2004.

MACÊDO, Anna Maria Nolas de. **Reflexões sobre locuções prepositivas: processos de formação e campos semânticos**. In: Anais do IX Congresso Nacional de Linguística e Filologia. Rio de Janeiro, agosto, 2005. <http://www.filologia.org.br/ixcnlf/16/19.htm>

MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; UFRJ - Departamento de Linguística e Filologia, 1996.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; AREAS, Eduardo Kenedy. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: CUNHA, Maria Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariângela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs). **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 17 - 28.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. Gramaticalização em operadores argumentativos. In Martelotta, Mário Eduardo; Votve, Sebastião José; Cesário, Maria Maura (orgs). **Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; UFRJ - Departamento de Linguística e Filologia, 1996, p. 191 - 220.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué, CEZARIO, Maria Maura. O paradigma da gramaticalização. IN Martelotta, Mário Eduardo; Votre, Sebastião José; Cesário, Maria Maura (orgs). **Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; UFRJ - Departamento de Lingüística e Filologia, 1996, p. 45 - 75.

MC ENERY, T. WILSON, A. **Corpus linguistics**. Edimburgo, Edinburgh University Press, 2000.

MONTEIRO, José Lemos. **Morfologia Portuguesa**. 4 ed. Campinas: Pontes, 2002.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática funcional**. São Paulo: Martin Fontes, 1997.

NEVALAINEN, Terttu. Three perspectives on grammaticalization: Léxico-grammar, corpora and historical sociolinguistics. In: LINDQUIST, Hans; MAIR, Christian. **Corpus Approaches to grammaticalization in English**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2004.

PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português**. São Paulo: Ática, 2002.

PEZATTI, Eroltide Goretti. O funcionalismo em Lingüística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à lingüística 3: fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2004, p. 165 – 218.

SERON, Danúbia Hatoum. Gramaticalização da preposição desde: uma abordagem funcional. In: **Estudos Lingüísticos**: Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo(orgs) - v. 1 (1978). - Campinas, SP : [s.n.], 2007.

TRAUGOTT, Elisabeth Closs. From propositional to textual and expressive meanings: some semantic – pragmatic aspects of grammaticalization. In LEHMANN, Winfred P.; MALKIEL, Yakov (eds). **Perspectives on Historical Linguistics**. Amsterdam: Benjamins, 1982, p. 245-271.

TRAUGOTT, Elisabeth Closs; HEINE, Bernd (eds). **Approaches to Grammaticalization I**. Amsterdam: John Benjamins, 1991.

VIARO, Mário Eduardo. Das Preposições Latinas às do Português e do romeno: derivações semânticas. São Paulo: Universidade de São Paulo, Dissertação de Mestrado, 1994.

VOTRE, Sebastião. **Lingüística Funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Departamento de Lingüística e Filologia, 1992.

VOTRE, Sebastião. Um paradigma para a lingüística funcional. In MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião José; CEZARIO, Maria Maura (orgs). **Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; UFRJ - Departamento de Lingüística e Filologia, 1996, p. 27 - 43.

ANEXOS

ANEXO 1- Lista de Preposições e Preposições Complexas segundo Bechara (2004)

a	de	exceto
abaixo de	de acordo com	fora de
acerca de, cerca de	debaixo de	junto a
acima de	de cima de	junto de
a fim de	de conformidade com	mediante
à frente de	defronte de	na conta de
ante	dentre	não obstante
antes de	dentro	para
ao lado de	dentro de	para com
ao longo de	dentro em	per
ao redor de	desde, dès	por
a par com	detrás de	por baixo de
apesar de	diante de	por cima de
após	durante	por defronte de
após de	em	por dentro de
a respeito de	embaixo de	por detrás de
à roda de	em cima de	por diante de
até	em favor de	por meio de
até a	em frente de	quanto a, enquanto a
atrás de	em lugar de	segundo
através de	em prol de	sem
com	em razão de	sem embargo de
como	em troca de	sob
conforme	em vez de	sobre
consoante	entre	trás
contra		

ANEXO 2—Lista de Preposições Complexas segundo Celso Cunha (1985)

abaixo de	embaixo de
acerca de	em cima de
acima de	em frente a
a despeito de	em frente de
adiante de	em lugar de
a fim de	em redor de
além de	em torno de
antes de	em vez de
ao lado de	graças a
ao redor de	junto a
a par de	junto de
apesar de	para baixo de
a respeito de	para cima de
atrás de	para com
através de	perto de
de acordo com	por baixo de
debaixo de	por causa de
de cima de	por cima de
defronte de	por detrás de
dentro de	por diante de
depois de	por entre
diante de	por trás de

ANEXO 3 – Página Principal do Site em que está Corpus do Português

O CORPUS DO PORTUGUÊS (45 MILHÕES DE PALAVRAS, 1300-1999)
 Mark Davies (Brigham Young U) / Michael J. Ferreira (Georgetown U)

VER CONTEXTO: CLIQUE NA PALAVRA (TODAS AS SEÇÕES) OU NO NÚMERO (UMA SEÇÃO) [MAIS AJUDA...]

PALAVRA	13	14	15	16	17	18	PtAc	PtN	PtFc	PtOr	BrAc	BrN	BrFc	BrOr	TOTAL
1 EM VISTA A						8	27	24	2	2	21	4	2		90
2 EM VISTA O						11	5	17	1	3	18	5	1	1	62
3 EM VISTA QUE						2	1	1	1		18	7	1	2	33
4 EM VISTA ,				3	1	1	20			1			5		32
5 EM VISTA DORSAL											26				26
6 EM VISTA DA		1	2			14					3	1	3		24
7 EM VISTA DISSO						11			2		6	1	2		22
8 EM VISTA DO		1				10		2	1		4	1	2		21
9 EM VISTA DE		3	3			4					4	1	2	2	19

PANORAMA: APRESENTAÇÃO Mais informação...

Este sítio permite pesquisar fácil e rapidamente mais de 45 milhões de palavras em mais de 50,000 textos em português dos Trezentos (1300s) aos Novecentos (1900s). A interface permite pesquisar **palavras exatas** ou **frases, curingas, lemas, classes gramaticais**, ou qualquer combinação do antes mencionado. Proporciona também a **pesquisa de palavras vizinhas** (collocates) com um máximo de dez palavras de cada lado (ex. todos os substantivos perto de *cadeia*, todos os adjetivos perto de *mulher*, ou todos os substantivos perto de *girar*).

O corpus também facilita, de pelo menos três maneiras diferentes, a comparação da frequência e distribuição de palavras, frases e construções gramaticais através de textos:

- ♦ **Registro:** comparações entre o falado, a ficção, o jornalístico, e o acadêmico
- ♦ **Dialeto:** Portugal versus Brasil no século XX

ANEXO 4 – Resultado da Pesquisa: * FACE [prep]

	PALAVRA	13	14	15	16	17	18	PtAc	PtN	PtFc	PtOr	BrAc	BrN	BrFc	BrOr	TOTAL
1	EM FACE DE		<u>1</u>				<u>44</u>	<u>4</u>	<u>11</u>	<u>14</u>	<u>2</u>	<u>13</u>	<u>8</u>	<u>10</u>	<u>1</u>	<u>108</u>
2	EM FACE DA			<u>1</u>			<u>37</u>	<u>7</u>	<u>6</u>	<u>14</u>		<u>8</u>	<u>5</u>	<u>10</u>	<u>2</u>	<u>90</u>
3	EM FACE DO						<u>34</u>	<u>7</u>		<u>21</u>		<u>8</u>	<u>1</u>	<u>5</u>	<u>3</u>	<u>79</u>
4	EM FACE DOS						<u>13</u>	<u>1</u>	<u>1</u>	<u>2</u>		<u>2</u>	<u>1</u>	<u>3</u>	<u>1</u>	<u>24</u>
5	EM FACE DAS						<u>7</u>	<u>2</u>			<u>1</u>	<u>4</u>	<u>1</u>	<u>4</u>	<u>1</u>	<u>20</u>
6	EM FACE UM						<u>12</u>			<u>1</u>						<u>13</u>
7	EM FACE ,						<u>11</u>			<u>2</u>						<u>13</u>
8	EM FACE DELE						<u>5</u>			<u>3</u>				<u>1</u>		<u>9</u>
9	EM FACE DELA						<u>6</u>							<u>2</u>		<u>8</u>
10	EM FACE A						<u>2</u>			<u>2</u>		<u>1</u>		<u>1</u>		<u>6</u>
11	EM FACE DISSO							<u>1</u>				<u>5</u>				<u>6</u>
12	EM FACE AO						<u>4</u>			<u>1</u>						<u>5</u>
13	EM FACE À						<u>4</u>			<u>1</u>						<u>5</u>
14	EM FACE .						<u>4</u>									<u>4</u>
15	EM FACE DUM						<u>2</u>			<u>1</u>						<u>3</u>
16	EM FACE O						<u>3</u>									<u>3</u>
17	EM FACE UMA						<u>2</u>			<u>1</u>						<u>3</u>
18	EM FACE DAQUELE													<u>3</u>		<u>3</u>
19	EM FACE DESTA						<u>1</u>		<u>1</u>			<u>1</u>				<u>3</u>
20	EM FACE DESSES						<u>2</u>						<u>1</u>			<u>3</u>
21	EM FACE DESSE						<u>2</u>						<u>1</u>			<u>3</u>
22	EM FACE DESSA						<u>3</u>									<u>3</u>
23	EM FACE AUSTRIACA						<u>2</u>									<u>2</u>
24	EM FACE ;						<u>2</u>									<u>2</u>
25	EM FACE :						<u>2</u>									<u>2</u>
26	EM FACE DISTO						<u>1</u>			<u>1</u>						<u>2</u>
27	EM FACE DESSAS						<u>2</u>									<u>2</u>
28	EM FACE DELES						<u>2</u>									<u>2</u>
29	EM FACE DESTES									<u>1</u>		<u>1</u>				<u>2</u>
30	EM FACE MAS						<u>1</u>									<u>1</u>
31	EM FACE LHE						<u>1</u>									<u>1</u>
32	EM FACE HAVIA						<u>1</u>									<u>1</u>
33	EM FACE HA									<u>1</u>						<u>1</u>
34	EM FACE ESSA						<u>1</u>									<u>1</u>
35	EM FACE E						<u>1</u>									<u>1</u>
36	EM FACE DUMA						<u>1</u>									<u>1</u>
37	EM FACE TODAS						<u>1</u>									<u>1</u>

38	EM FACE TAL					<u>1</u>										<u>1</u>
39	EM FACE SEMELHANTE					<u>1</u>										<u>1</u>
40	EM FACE QUE		<u>1</u>													<u>1</u>
41	EM FACE QUALQUER					<u>1</u>										<u>1</u>
42	EM FACE !					<u>1</u>										<u>1</u>
43	EM FACE DAQUELES					<u>1</u>										<u>1</u>
44	EM FACE DELAS					<u>1</u>										<u>1</u>
45	EM FACE DELLE		<u>1</u>													<u>1</u>
46	EM FACE DÊSTE					<u>1</u>										<u>1</u>
47	EM FACE DESTAS					<u>1</u>										<u>1</u>
48	EM FACE ALI					<u>1</u>										<u>1</u>
49	EM FACE Á								<u>1</u>							<u>1</u>
50	EM FACE ?					<u>1</u>										<u>1</u>
51	EM FACE =Q		<u>1</u>													<u>1</u>
52	EM FACE DAQUELAS											<u>1</u>				<u>1</u>
53	EM FACE DAQUELA											<u>1</u>				<u>1</u>
54	EM FACE AQUELA					<u>1</u>										<u>1</u>
55	EM FACE AOS					<u>1</u>										<u>1</u>
56	EM FACE D'ITAJUBA					<u>1</u>										<u>1</u>
57	EM FACE D								<u>1</u>							<u>1</u>
58	EM FACE CEM					<u>1</u>										<u>1</u>
	TOTAL	0	2	3	0	0	230	22	19	68	3	43	18	41	8	457

ANEXO 5- Resultado da Pesquisa: em vista [prep]

	PALAVRA	13	14	15	16	17	18	PtAc	PtN	PtFc	PtOr	BrAc	BrN	BrFc	BrOr	TOTAL
1	<u>À VISTA DE</u>			<u>18</u>	<u>29</u>	<u>22</u>	<u>60</u>		<u>14</u>	<u>11</u>	<u>2</u>	<u>3</u>	<u>9</u>	<u>24</u>		<u>192</u>
2	<u>A VISTA DE</u>	<u>1</u>	<u>8</u>	<u>23</u>	<u>30</u>	<u>10</u>	<u>55</u>		<u>1</u>	<u>1</u>				<u>11</u>	<u>1</u>	<u>141</u>
3	<u>À VISTA DO</u>			<u>8</u>	<u>20</u>	<u>9</u>	<u>72</u>	<u>1</u>	<u>1</u>	<u>11</u>		<u>7</u>	<u>2</u>	<u>9</u>		<u>140</u>
4	<u>A VISTA DO</u>	<u>1</u>	<u>10</u>	<u>22</u>	<u>10</u>	<u>8</u>	<u>54</u>			<u>7</u>		<u>1</u>		<u>11</u>	<u>3</u>	<u>127</u>
5	<u>À VISTA DA</u>			<u>17</u>	<u>27</u>	<u>11</u>	<u>45</u>	<u>2</u>		<u>11</u>		<u>2</u>	<u>1</u>	<u>8</u>		<u>124</u>
6	<u>DE VISTA DA</u>						<u>13</u>	<u>9</u>	<u>12</u>	<u>1</u>	<u>10</u>	<u>45</u>	<u>15</u>	<u>2</u>	<u>17</u>	<u>124</u>
7	<u>DE VISTA DE</u>		<u>1</u>		<u>1</u>		<u>4</u>	<u>6</u>	<u>27</u>	<u>3</u>	<u>9</u>	<u>33</u>	<u>18</u>	<u>2</u>	<u>16</u>	<u>120</u>
8	<u>COM VISTA À</u>							<u>50</u>	<u>36</u>	<u>4</u>	<u>6</u>			<u>1</u>		<u>97</u>
9	<u>DE VISTA DO</u>			<u>1</u>	<u>2</u>	<u>2</u>	<u>15</u>	<u>7</u>	<u>7</u>	<u>2</u>	<u>8</u>	<u>28</u>	<u>8</u>	<u>4</u>	<u>11</u>	<u>95</u>
10	<u>A VISTA DA</u>	<u>1</u>	<u>8</u>	<u>22</u>	<u>8</u>	<u>3</u>	<u>31</u>			<u>1</u>				<u>8</u>	<u>1</u>	<u>83</u>
11	<u>À VISTA DOS</u>			<u>12</u>	<u>11</u>	<u>9</u>	<u>34</u>		<u>1</u>	<u>3</u>	<u>1</u>	<u>2</u>	<u>3</u>	<u>6</u>		<u>82</u>
12	<u>A VISTA DOS</u>	<u>1</u>	<u>12</u>	<u>24</u>	<u>5</u>	<u>4</u>	<u>20</u>		<u>1</u>	<u>2</u>		<u>1</u>		<u>4</u>		<u>74</u>
13	<u>A VISTA PARA</u>					<u>1</u>	<u>22</u>		<u>1</u>	<u>6</u>				<u>19</u>		<u>49</u>
14	<u>A VISTA EM</u>		<u>1</u>	<u>2</u>	<u>2</u>		<u>17</u>		<u>2</u>	<u>13</u>			<u>1</u>	<u>5</u>		<u>43</u>
15	<u>À VISTA DAS</u>			<u>5</u>	<u>2</u>	<u>10</u>	<u>17</u>				<u>1</u>	<u>1</u>	<u>3</u>	<u>3</u>		<u>42</u>
16	<u>UMA VISTA DE</u>					<u>1</u>	<u>20</u>		<u>8</u>	<u>3</u>			<u>1</u>		<u>1</u>	<u>34</u>
17	<u>COM VISTA AO</u>							<u>13</u>	<u>13</u>	<u>1</u>	<u>1</u>			<u>1</u>		<u>29</u>
18	<u>DE VISTA DOS</u>				<u>1</u>		<u>4</u>	<u>3</u>	<u>4</u>	<u>2</u>	<u>1</u>	<u>8</u>	<u>4</u>	<u>1</u>		<u>28</u>
19	<u>A VISTA NO</u>			<u>2</u>	<u>1</u>	<u>1</u>	<u>9</u>			<u>3</u>				<u>9</u>		<u>25</u>
20	<u>EM VISTA DA</u>		<u>1</u>	<u>2</u>			<u>14</u>					<u>3</u>	<u>1</u>	<u>3</u>		<u>24</u>
21	<u>Á VISTA DO</u>			<u>1</u>	<u>6</u>	<u>2</u>	<u>13</u>			<u>1</u>						<u>23</u>
22	<u>A VISTA DAS</u>		<u>1</u>	<u>6</u>	<u>2</u>	<u>2</u>	<u>11</u>									<u>22</u>
23	<u>A VISTA PELO</u>			<u>1</u>		<u>1</u>	<u>16</u>							<u>3</u>		<u>21</u>
24	<u>COM VISTA PARA</u>						<u>2</u>		<u>6</u>	<u>1</u>			<u>7</u>	<u>5</u>		<u>21</u>
25	<u>EM VISTA DO</u>		<u>1</u>				<u>10</u>		<u>2</u>	<u>1</u>		<u>4</u>	<u>1</u>	<u>2</u>		<u>21</u>
26	<u>À VISTA DE</u>			<u>1</u>	<u>4</u>	<u>6</u>	<u>6</u>		<u>1</u>	<u>1</u>						<u>19</u>
27	<u>DA VISTA DOS</u>		<u>2</u>	<u>4</u>	<u>1</u>	<u>2</u>	<u>9</u>							<u>1</u>		<u>19</u>
28	<u>A VISTA POR</u>			<u>3</u>		<u>1</u>	<u>10</u>		<u>1</u>	<u>1</u>				<u>3</u>		<u>19</u>
29	<u>DE VISTA SOBRE</u>						<u>2</u>	<u>1</u>	<u>4</u>		<u>2</u>	<u>3</u>	<u>2</u>	<u>3</u>	<u>2</u>	<u>19</u>
30	<u>EM VISTA DE</u>		<u>3</u>	<u>3</u>			<u>4</u>					<u>4</u>	<u>1</u>	<u>2</u>	<u>2</u>	<u>19</u>
31	<u>DE VISTA DAS</u>						<u>1</u>	<u>3</u>	<u>3</u>		<u>1</u>	<u>2</u>	<u>3</u>		<u>5</u>	<u>18</u>
32	<u>_ VISTA DE</u>		<u>1</u>		<u>1</u>	<u>1</u>	<u>5</u>		<u>1</u>	<u>3</u>		<u>2</u>	<u>2</u>	<u>1</u>		<u>17</u>
33	<u>A VISTA NA</u>				<u>1</u>	<u>3</u>	<u>5</u>			<u>4</u>				<u>4</u>		<u>17</u>
34	<u>A VISTA AO</u>		<u>1</u>			<u>2</u>	<u>11</u>			<u>1</u>	<u>1</u>					<u>16</u>
35	<u>À VISTA DA</u>			<u>1</u>	<u>4</u>	<u>3</u>	<u>7</u>									<u>15</u>
36	<u>DA VISTA DE</u>		<u>4</u>	<u>3</u>	<u>1</u>	<u>2</u>	<u>3</u>	<u>1</u>								<u>14</u>

37	<u>A VISTA PELA</u>					<u>9</u>			<u>3</u>				<u>2</u>		<u>14</u>
38	<u>A VISTA COM</u>		<u>1</u>	<u>2</u>		<u>9</u>			<u>1</u>				<u>1</u>		<u>14</u>
39	<u>A VISTA À</u>				<u>1</u>	<u>5</u>		<u>1</u>	<u>3</u>				<u>4</u>		<u>14</u>
40	<u>A VISTA PELOS</u>					<u>10</u>			<u>2</u>				<u>1</u>		<u>13</u>
41	<u>E VISTA DE</u>	<u>2</u>	<u>7</u>	<u>1</u>		<u>2</u>									<u>12</u>
42	<u>OUUEMOS VISTA DE</u>				<u>12</u>										<u>12</u>
43	<u>SER VISTA EM</u>				<u>1</u>			<u>3</u>	<u>1</u>		<u>2</u>	<u>5</u>			<u>12</u>
44	<u>SER VISTA DE</u>		<u>3</u>			<u>5</u>				<u>2</u>		<u>1</u>			<u>11</u>
45	<u>SER VISTA POR</u>		<u>1</u>		<u>2</u>	<u>2</u>						<u>1</u>	<u>4</u>	<u>1</u>	<u>11</u>
46	<u>E VISTA PER</u>	<u>8</u>	<u>2</u>												<u>10</u>
47	<u>A VISTA PELAS</u>					<u>6</u>							<u>4</u>		<u>10</u>
48	<u>ÛA VISTA À</u>		<u>10</u>												<u>10</u>
49	<u>A VISTA SOBRE</u>			<u>1</u>		<u>4</u>		<u>1</u>					<u>3</u>		<u>9</u>
50	<u>NA VISTA DE</u>		<u>2</u>	<u>2</u>		<u>2</u>					<u>1</u>		<u>2</u>		<u>9</u>
51	<u>DE VISTA EM</u>					<u>3</u>			<u>1</u>	<u>1</u>	<u>2</u>		<u>1</u>		<u>8</u>
52	<u>DANDOSE VISTA AO</u>				<u>8</u>										<u>8</u>
53	<u>NA VISTA DOS</u>		<u>3</u>			<u>1</u>			<u>2</u>				<u>2</u>		<u>8</u>
54	<u>Á VISTA DOS</u>			<u>2</u>	<u>2</u>	<u>3</u>									<u>7</u>
55	<u>DA VISTA DO</u>	<u>2</u>	<u>2</u>		<u>1</u>	<u>2</u>									<u>7</u>
56	<u>À VISTA EM</u>					<u>1</u>	<u>1</u>	<u>2</u>			<u>1</u>	<u>2</u>			<u>7</u>
57	<u>A VISTA AOS</u>			<u>1</u>	<u>3</u>	<u>2</u>							<u>1</u>		<u>7</u>
58	<u>EM VISTA DOS</u>	<u>1</u>				<u>3</u>					<u>2</u>		<u>1</u>		<u>7</u>
59	<u>OUVEMOS VISTA DE</u>	<u>7</u>													<u>7</u>
60	<u>QUAL VISTA PER</u>	<u>2</u>	<u>5</u>												<u>7</u>
61	<u>A VISTA NAS</u>					<u>5</u>							<u>1</u>		<u>6</u>
62	<u>& VISTA DE</u>		<u>2</u>	<u>4</u>											<u>6</u>
63	<u>DE VISTA PARA</u>		<u>1</u>		<u>1</u>				<u>1</u>		<u>2</u>			<u>1</u>	<u>6</u>
64	<u>DAR VISTA AO</u>		<u>3</u>	<u>3</u>											<u>6</u>
65	<u>EM VISTA DAS</u>		<u>1</u>			<u>1</u>					<u>4</u>				<u>6</u>
66	<u>NA VISTA DO</u>		<u>4</u>			<u>1</u>							<u>1</u>		<u>6</u>
67	<u>PER VISTA DE</u>	<u>1</u>	<u>5</u>												<u>6</u>
68	<u>SER VISTA NOS</u>							<u>1</u>	<u>4</u>			<u>1</u>			<u>6</u>
69	<u>SER VISTA ATÉ</u>							<u>6</u>							<u>6</u>
70	<u>DAR VISTA DE</u>			<u>3</u>	<u>1</u>	<u>1</u>									<u>5</u>
71	<u>DA VISTA DAS</u>		<u>1</u>	<u>1</u>		<u>2</u>							<u>1</u>		<u>5</u>
72	<u>DE VISTA NA</u>					<u>3</u>		<u>1</u>					<u>1</u>		<u>5</u>
73	<u>. VISTA DO</u>					<u>4</u>					<u>1</u>				<u>5</u>
81	<u>SER VISTA NA</u>					<u>1</u>	<u>1</u>	<u>1</u>			<u>2</u>				<u>5</u>
82	<u>AA VISTA DA</u>	<u>3</u>	<u>1</u>												<u>4</u>
83	<u>BOA VISTA PARA</u>		<u>1</u>			<u>1</u>						<u>2</u>			<u>4</u>
84	<u>À VISTA POR</u>		<u>1</u>			<u>1</u>			<u>2</u>						<u>4</u>

85	<u>À VISTA COM</u>			<u>1</u>		<u>1</u>	<u>1</u>		<u>1</u>							<u>4</u>
86	<u>À VISTA DUM</u>			<u>1</u>		<u>2</u>	<u>1</u>									<u>4</u>
87	<u>A VISTA ATÉ</u>						<u>2</u>			<u>1</u>			<u>1</u>			<u>4</u>
88	<u>_VISTA POR</u>		<u>1</u>				<u>1</u>			<u>2</u>						<u>4</u>
89	<u>É VISTA POR</u>							<u>1</u>	<u>1</u>			<u>2</u>				<u>4</u>
90	<u>É VISTA COM</u>								<u>1</u>				<u>3</u>			<u>4</u>
91	<u>E VISTA DA</u>	<u>1</u>		<u>3</u>												<u>4</u>
92	<u>E VISTA DO</u>			<u>4</u>												<u>4</u>
93	<u>DE VISTA POR</u>					<u>1</u>				<u>1</u>				<u>2</u>		<u>4</u>
94	<u>ESCALLA VISTA COM</u>				<u>4</u>											<u>4</u>
95	<u>HOUVERAM VISTA DOS</u>			<u>3</u>	<u>1</u>											<u>4</u>
96	<u>NA VISTA DA</u>	<u>2</u>	<u>1</u>				<u>1</u>									<u>4</u>
97	<u>NUNCA VISTA EM</u>			<u>2</u>	<u>1</u>							<u>1</u>				<u>4</u>
98	<u>PELA VISTA DE</u>						<u>4</u>									<u>4</u>
99	<u>PELLA VISTA DOS</u>		<u>4</u>													<u>4</u>
100	<u>PETIÇÃO VISTA PER</u>			<u>4</u>												<u>4</u>
	TOTAL	8	94	253	207	144	730	100	172	123	46	169	99	189	63	2397

ANEXO 6 – Resultado da Pesquisa: * FRENTE [prep]

	PALAVRA	13	14	15	16	17	18	PtAc	PtN	PtFc	PtOr	BrAc	BrN	BrFc	BrOr	TOTAL
1	EM FRENTE À						63	4	24	13	1	7	48	87	4	251
2	EM FRENTE AO						46	7	22	14		8	78	73	3	251
3	EM FRENTE DA				1		48	7	8	117	1		13	13	1	209
4	À FRENTE DO						35	28	36	23	10	15	22	16	3	188
5	EM FRENTE DO						56	8	2	85	2		11	10	1	175
6	À FRENTE DA						35	21	40	20	7	8	19	14	8	172
7	A FRENTE DE						7	20	78	1		4	32	5		147
8	À FRENTE DE						33	13	19	14	10	11	15	10	2	127
9	EM FRENTE DE						42	2	7	58		1	3	6	1	120
10	À FRENTE DOS						29	12	27	24	5	2	3	8		110
11	NA FRENTE DE						12	12	20	2		1	35	19	4	105
12	NA FRENTE DO					2	12	4	4	2	1	4	28	25	9	91
13	NA FRENTE DA					1	20	4	7	2	2	7	14	21	5	83
14	DE FRENTE PARA						16	2	4	16	1	2	6	12		59
15	A FRENTE DA						26	1	2	3	1	2	6	12	1	54
16	, FRENTE AO							7	26	4	3	3		2		45
17	À FRENTE DAS						8	5	8	4	1	2	5	4	1	38
18	A FRENTE DO						12	4	5	2	2	1	7	2		35
19	, FRENTE À						1	3	7	6		4	2	6		29
20	A FRENTE COM						7		2	9	1	1	5	2	1	28
21	EM FRENTE DOS						5	1	3	19						28
22	DA FRENTE DE						1	16	1	1		1	2	1	2	25
23	NA FRENTE DOS						6	3		1		1	2	8	4	25
24	PELA FRENTE DA						18			2				4		24
25	UMA FRENTE DE							3	3			2	10	1	5	24
26	DA FRENTE DO					1	5	1	6	2		3	1	4		23
27	DE FRENTE COM						6			3		1	5	5	3	23
28	A FRENTE EM						4	2	3	1			10	1		21
29	NA FRENTE COM						5		1	2			3	5	1	17
30	PELA FRENTE DO						11					1		5		17
31	DA FRENTE DA						7	1	1		1	1	1	3	1	16
32	A FRENTE PARA						4	4	3	1	1		2		1	16
33	EM FRENTE ÀS						8	1	1			1		4	1	16
34	EM FRENTE DAS						3	1		8			1	2		15
35	EM FRENTE AOS						2		1	2	1	1	3	5		15
36	À FRENTE COM						3	2		4	1	1	1	1		13
37	FAZER FRENTE AOS						2	3	3	1	1	1	2			13
38	NA FRENTE DAS						2	1	1			1	3	2	3	13

39	<u>DA FRENTE PARA</u>					<u>1</u>	<u>5</u>	<u>1</u>		<u>1</u>	<u>2</u>		<u>2</u>		<u>12</u>
40	<u>A FRENTE DAS</u>					<u>6</u>	<u>3</u>	<u>2</u>			<u>1</u>				<u>12</u>
41	<u>FAZER FRENTE AO</u>					<u>3</u>	<u>2</u>	<u>4</u>				<u>1</u>	<u>1</u>	<u>1</u>	<u>12</u>
42	<u>PELA FRENTE DE</u>					<u>6</u>	<u>3</u>	<u>1</u>					<u>1</u>		<u>11</u>
43	<u>A FRENTE DOS</u>					<u>4</u>	<u>1</u>	<u>1</u>				<u>1</u>	<u>3</u>		<u>10</u>
44	<u>EM FRENTE NA</u>						<u>5</u>	<u>2</u>		<u>1</u>		<u>2</u>			<u>10</u>
45	<u>. FRENTE AO</u>						<u>1</u>	<u>3</u>	<u>1</u>		<u>2</u>		<u>2</u>		<u>9</u>
46	<u>FAZER FRENTE À</u>					<u>2</u>		<u>2</u>	<u>2</u>		<u>1</u>	<u>1</u>		<u>1</u>	<u>9</u>
47	<u>NA FRENTE PARA</u>					<u>3</u>					<u>1</u>	<u>1</u>	<u>3</u>	<u>1</u>	<u>9</u>
48	<u>À FRENTE DA</u>					<u>6</u>			<u>2</u>						<u>8</u>
49	<u>DA FRENTE COM</u>					<u>3</u>		<u>1</u>	<u>2</u>				<u>1</u>		<u>7</u>
50	<u>À FRENTE NO</u>							<u>1</u>	<u>1</u>		<u>1</u>	<u>4</u>			<u>7</u>
51	<u>. FRENTE ÀS</u>						<u>1</u>	<u>3</u>			<u>3</u>				<u>7</u>
52	<u>EM FRENTE DUMA</u>								<u>7</u>						<u>7</u>
53	<u>. FRENTE À</u>					<u>1</u>	<u>1</u>				<u>1</u>	<u>1</u>	<u>2</u>		<u>6</u>
54	<u>. FRENTE AOS</u>						<u>1</u>	<u>2</u>				<u>2</u>	<u>1</u>		<u>6</u>
55	<u>FAZER FRENTE ÀS</u>						<u>1</u>	<u>1</u>	<u>1</u>		<u>2</u>	<u>1</u>			<u>6</u>
56	<u>A FRENTE AO</u>					<u>5</u>									<u>5</u>
57	<u>(FRENTE DE</u>						<u>4</u>					<u>1</u>			<u>5</u>
58	<u>DE FRENTE NO</u>					<u>2</u>	<u>1</u>					<u>2</u>			<u>5</u>
59	<u>DE FRENTE DO</u>					<u>1</u>						<u>4</u>			<u>5</u>
60	<u>NA FRENTE EM</u>					<u>1</u>	<u>1</u>					<u>2</u>	<u>1</u>		<u>5</u>
61	<u>SUA FRENTE PARA</u>					<u>1</u>		<u>1</u>	<u>2</u>		<u>1</u>				<u>5</u>
62	<u>. FRENTE DOS</u>						<u>4</u>								<u>4</u>
63	<u>A FRENTE NA</u>						<u>1</u>	<u>1</u>			<u>1</u>	<u>1</u>			<u>4</u>
64	<u>À FRENTE PARA</u>					<u>2</u>		<u>1</u>		<u>1</u>					<u>4</u>
65	<u>DE FRENTE EM</u>					<u>2</u>						<u>1</u>	<u>1</u>		<u>4</u>
66	<u>EM FRENTE NO</u>							<u>1</u>		<u>2</u>		<u>1</u>			<u>4</u>
67	<u>EM FRENTE DUM</u>								<u>4</u>						<u>4</u>
68	<u>FAZ FRENTE AO</u>					<u>1</u>		<u>2</u>		<u>1</u>					<u>4</u>
69	<u>NA FRENTE NA</u>											<u>4</u>			<u>4</u>
70	<u>PELA FRENTE PARA</u>					<u>1</u>		<u>1</u>			<u>1</u>			<u>1</u>	<u>4</u>
71	<u>VITÓRIA FRENTE AO</u>							<u>4</u>							<u>4</u>
72	<u>À FRENTE DO</u>					<u>1</u>			<u>2</u>						<u>3</u>
73	<u>À FRENTE DE</u>					<u>3</u>									<u>3</u>
74	<u>DA FRENTE DOS</u>						<u>2</u>	<u>1</u>							<u>3</u>
75	<u>À FRENTE NA</u>							<u>1</u>		<u>1</u>		<u>1</u>			<u>3</u>
76	<u>À FRENTE EM</u>					<u>1</u>		<u>1</u>						<u>1</u>	<u>3</u>
77	<u>À FRENTE NOS</u>							<u>1</u>				<u>1</u>	<u>1</u>		<u>3</u>
78	<u>COM FRENTE PARA</u>					<u>3</u>									<u>3</u>
79	<u>A FRENTE À</u>					<u>2</u>			<u>1</u>						<u>3</u>

80	<u>A FRENTE ATÉ</u>					<u>1</u>			<u>1</u>				<u>1</u>		<u>3</u>	
81	<u>A FRENTE NO</u>					<u>2</u>			<u>1</u>						<u>3</u>	
82	<u># FRENTE AO</u>							<u>3</u>							<u>3</u>	
83	<u>DE FRENTE DE</u>		<u>1</u>				<u>1</u>					<u>1</u>			<u>3</u>	
84	<u>DE FRENTE DOS</u>							<u>1</u>				<u>1</u>	<u>1</u>		<u>3</u>	
85	<u>DERROTA FRENTE AO</u>						<u>1</u>	<u>1</u>					<u>1</u>		<u>3</u>	
86	<u>EM FRENTE EM</u>							<u>3</u>							<u>3</u>	
87	<u>EM FRENTE PARA</u>							<u>2</u>	<u>1</u>						<u>3</u>	
88	<u>EM FRENTE COM</u>									<u>1</u>	<u>1</u>			<u>1</u>	<u>3</u>	
89	<u>ESTABILIDADE FRENTE À</u>										<u>3</u>				<u>3</u>	
90	<u>OUTRA FRENTE DE</u>							<u>1</u>			<u>1</u>	<u>1</u>			<u>3</u>	
91	<u>PELA FRENTE DAS</u>					<u>3</u>									<u>3</u>	
92	<u>PELA FRENTE DOS</u>					<u>2</u>			<u>1</u>						<u>3</u>	
93	<u>QUE FRENTE AO</u>							<u>3</u>							<u>3</u>	
94	<u>SUA FRENTE COM</u>								<u>2</u>				<u>1</u>		<u>3</u>	
95	<u>SUA FRENTE VIA</u>							<u>1</u>	<u>2</u>						<u>3</u>	
96	<u>. FRENTE DE</u>						<u>2</u>								<u>2</u>	
97	<u>. FRENTE ÀS</u>								<u>1</u>		<u>1</u>				<u>2</u>	
98	<u>. FRENTE PARA</u>					<u>2</u>									<u>2</u>	
99	<u>A FRENTE ENTRE</u>							<u>2</u>							<u>2</u>	
100	<u>A FRENTE PELA</u>										<u>2</u>				<u>2</u>	
	TOTAL	0	0	1	1	4	671	244	431	500	61	123	433	421	71	2961